Universidade Federal do Rio de Janeiro
Escola Politécnica
Programa de Engenharia Urbana

Pollyana Heloisa de Jesus Silva

A RESSIGNIFICAÇÃO DOS ESPAÇOS PÚBLICOS DENTRO DA DINÂMICA URBANA:
Uma análise a partir da economia criativa.

Rio de Janeiro
2020

UFRJ

Pollyana Heloisa de Jesus Silva

A RESSIGNIFICAÇÃO DOS ESPAÇOS PÚBLICOS DENTRO DA DINÂMICA URBANA:
Uma análise a partir da economia criativa.

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Engenharia Urbana, Escola Politécnica, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Engenharia Urbana.

Orientador: Roberto Machado Corrêa

Rio de Janeiro
2020

Silva, Pollyana Heloisa de Jesus.
A ressignificação dos espaços públicos dentro da dinâmica urbana: uma análise a partir da economia criativa. – 2020
156 f.

Dissertação (Mestrado em Engenharia Urbana) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola Politécnica, Programa de Engenharia Urbana, Rio de Janeiro, 2020.

Orientador: Roberto Machado Corrêa

1. Economia Criativa. 2. Espaços Públicos Urbanos. 3. Apropriação Urbana. 4. Ruas. I. Roberto Machado Corrêa. II. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Escola Politécnica. III. A ressignificação dos espaços públicos dentro da dinâmica urbana: uma análise a partir da economia criativa.

A RESSIGNIFICAÇÃO DOS ESPAÇOS PÚBLICOS DENTRO DA DINÂMICA URBANA: Uma análise a partir da economia criativa.

Pollyana Heloisa de Jesus Silva

Orientador: Roberto Machado Corrêa

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Engenharia Urbana, Escola Politécnica, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Engenharia Urbana.

Aprovada pela banca:

_____

Presidente, Prof. Roberto Machado Corrêa, D.Sc., Universidade Federal do Rio de Janeiro

_____

Profa. Gisele Silva Barbosa, D.Sc., Universidade Federal do Rio de Janeiro

_____

Profa. Rita Cássia Monteiro Afonso D.Sc., Universidade Federal do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro
2020

AGRADECIMENTOS

Um mestrado é um caminho solitário, são muitos dias de pesquisa e escrita com apenas as ferramentas necessárias para que a dissertação aconteça. Porém, é vigoroso saber que muitas pessoas não deixaram que esse caminho fosse sozinho.

Agradeço especialmente ao Nicolas Pupier, quem me apresentou esse programa de mestrado quando eu tinha apenas uma ideia inicial de que queria estudar cidades.

Agradeço a minha família "à moda da casa", que vibrou comigo quando eu fui aprovada no processo seletivo, mesmo que isso implicasse estar longe de minha cidade natal. E, em nenhum momento, falaram alguma negativa sobre viver o processo de mudança, e de todos os desafios que vivi no Rio de Janeiro, estavam lá para apenas dizer: “siga em frente”.

Agradeço ao professor Roberto, que aceitou esse desafio de falar sobre criatividade na engenharia. E, mais que isso, que me estimulou a ir além, me impulsionou para que uma dissertação não fosse um texto apenas, mas um processo de pensamento crítico. Obrigada por ser você quem me conduziu no processo.

Meus amigos, sem vocês este mestrado não aconteceria. Nos desafio, risadas e choros vividos no processo estiveram comigo, cada um a sua maneira, mas todos tão preciosos.

Aos colegas do PEU, obrigada! Senti-me acolhida com vocês!

Obrigada à melhor fotógrafa que conheço, Magê Monteiro, por ceder tão gentilmente as fotos que ilustram este texto. Obrigada a Aline, pela ajuda com as ilustrações da Rua Sapucaí.

Há um serzinho muito especial (Pepe Mujica, o cão) que não entenderá o que está escrito aqui. Mas, foi quem acompanhou cada página escrita, deitado embaixo da mesa, uma companhia para a escrita. E, nos momentos em que o texto não estava tão fácil de ser escrito, ele me lembrava que era hora de sair para passear.

RESUMO

SILA, Pollyana Heloisa de Jesus. **A ressignificação dos espaços públicos dentro da dinâmica urbana: Uma análise a partir da economia criativa.** Rio de Janeiro, 2020. Dissertação (Mestrado) – Programa de Engenharia Urbana, Escola Politécnica, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

A economia criativa é um movimento em busca da preservação da identidade cultural baseada no conhecimento. Além de ser base estratégica para a reinvenção do lugar, a cultura e o entretenimento são usados como forma de inventar a imagem de uma cidade atraente e ponto de partida para a renovação de áreas urbanas degradadas. Belo Horizonte, capital de Minas Gerais, foi a primeira cidade planejada da república brasileira. A zona urbana, interna à Avenida do Contorno, tinha planos para abrigar o centro administrativo da capital. Porém, a cidade expandiu para além da Avenida do Contorno e novas centralidades urbanas surgem, tornando o centro um local de passagem. Nos anos de 1990, o abandono da área central é discutido e é lançado pela Prefeitura o Plano de Revitalização do Hipercentro. Com a requalificação, a população volta a ocupar esse espaço urbano e surgem movimentos sociais relacionados a essa ocupação. A partir de então, a Rua Sapucaí torna-se um corredor de economia criativa. O objetivo desta dissertação é investigar como os princípios da economia criativa podem ser aplicados na transformação do espaço público. A metodologia utilizada foi uma exploração teórica sobre economia criativa, cidades criativas, espaços públicos urbanos; além de um estudo de caso. Esse consistiu em uma caracterização biofísica do território e qualificação da rua por métodos de geoprocessamento, estudo dos empreendimentos criativos através de entrevista semi-estruturada e o contexto social da rua avaliado por método quantitativo baseado na metodologia da organização *Project for Public Spaces*. Como resultado observou-se que as transformações da rua em um local com vitalidade e atratividade têm relação com a revitalização urbana da região central de Belo Horizonte, os movimentos sociais de ocupação do espaço público e a abertura dos empreendimentos na Rua Sapucaí.

Palavras-chave: Economia Criativa. Espaços Públicos Urbanos. Apropriação Urbana. Rua. Belo Horizonte.

ABSTRACT

SILA, Pollyana Heloisa de Jesus. **The resignification of public spaces within urban area. An analysis from creative economy.** Rio de Janeiro, 2020. Dissertation (Master) – Programa de Engenharia Urbana, Escola Politécnica, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

The creative economy is a movement for cultural identity preservation, based in knowledge. Potentially it can bring forth economic growth while promoting social inclusion and cultural diversity. In addition to being a strategic basis for the reinvention of the place, culture and entertainment are used as way of inventing the image of an attractive city and starting point for the renovation of degraded urban areas. Belo Horizonte, capital of the state of Minas Gerais (Brazil), was the first planned city in the Brazilian republic. The center had plans to be the administrative center of the capital, an area inside Contorno Avenue. Nevertheless, the city expanded beyond Contorno Avenue and new urban centralities appeared and the streets in the center became places of passage. In the 1990s the Center Revitalization Plan began to the discussed. The renovation of the center attracts the eyes of population again and social movements related to this occupation appear. Since then Sapucai Street has become a creative cluster, driven by revitalization of the center and social movements of occupation the city. The objective of this dissertation is to investigate how the principles of creative economy can be applied in the transformation of urban public spaces. The methodology used was a theoretical exploration of creative economy, creative cities, urban public spaces; in addition to a case of study. This consisted of a biophysical characterization of territory and qualification of the street by geoprocessing methods, study of creative enterprises through semi-estructured interviews and the social context of the street evaluated by a quantitative method based on the methodology of the organization Project for Public Spaces. As a result, it was observed that the transformations of the street in a place with vitality and attractiveness are related to the Belo Horizonte central revitalization, social movements to occupation of public spaces and the opening of enterprises in Sapucai street, besides the uses and counter-uses present on site.

Keywords: Creative Economy. Public Spaces. Urban Ocuppation. Street. Belo Horizonte.

LISTA DE SIGLAS

BELOTUR: Empresa Municipal de Turismo de Belo Horizonte

BH: Belo Horizonte

BRT: Bus Rapid Transit

CBTU: Companhia Brasileira de Trens Urbanos

CEMIG: Companhia Energética de Minas Gerais

CICE: *Composite Index of the Creative Economy* (Índice Composto de Economia Criativa)

CRF/MG: Conselho Regional de Farmácia de Minas Gerais

CURA: Circuito Urbano de Artes

DNIT: Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes

FUNARTE: Fundação Nacional de Artes

GCI: *Global Creative Index (*Índice Global da Criatividade)

IBGE: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

ICFG: Instituto Cultural Andrade Gutierrez

IEPHA: Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais

IPHAN: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

FIF: Festival Internacional de Fotografia

FIRJAN: Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro.

FIT: Festival Internacional de Teatro

MAO: Museu de Artes e Ofícios

PBH: Prefeitura de Belo Horizonte

PIB: Produto Interno Bruto

PPS: Project for Public Spaces

UFMG: Universidade Federal de Minas Gerais

UNCTAD: United Nations Trade and Development

UNESCO: Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

SEED: *Startups and Entreprenership Ecosystem Development*

SESI: Serviço Social da Indústria

RFFSA: Rede Ferroviária Federal

VLI: Valor e Logística Integrada

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - Mapa do Índice Global de Criatividade. 30
FIGURA 2 - Fluxograma da cadeia da Indústria Criativa no Brasil..... 33
FIGURA 3 - Cenários referenciais em Barcelona 38
FIGURA 4 - Biblioteca Parque Espanha, Medellin. 40
FIGURA 5 - Potsdamer, Berlim. 42
FIGURA 6 - Museu do Oriente, Lisboa..... 43
FIGURA 7 - Mapa de contextualização geográfica de Minas Gerais e Belo Horizonte. 47
FIGURA 8 - Planta do projeto de Belo Horizonte. 49
FIGURA 9 - Indicação da área de estudo. 52
FIGURA 10 - Vista da praça da estação antes da duplicação da Avenida dos Andradas. 53
FIGURA 11 - Praça Rui Barbosa (Praça da Estação), utilizada como estacionamento de veículos. 53
FIGURA 12 - Avenida dos Andradas, antes da construção do *Boulevard* Arrudas. 54
FIGURA 13 - Avenida dos Andradas, após a construção do *Boulevard* Arrudas. 55
FIGURA 14 - Vista aérea atual da Praça da Estação..... 55
FIGURA 15 - Fachada do Museu de Artes e Ofícios (antigo Prédio da Estação) e esplanada da praça. 56
FIGURA 16 - Casa do Conde de Santa Marinha. 57
FIGURA 17 - Fachada da Serraria Souza Pinto. 58
FIGURA 18 - A Central..... 58
FIGURA 19 - Centro Cultural UFMG..... 59
FIGURA 20 - Viaduto de Santa Tereza..... 60
FIGURA 21 - Centro da Memória Rodoviária 61
FIGURA 22 - Praia da Estação. 63
FIGURA 23 - Diagrama de Lugar - *The Place Diagram* 69
FIGURA 24 - Mapa de usos do Bairro Centro e Floresta (BH) 72
FIGURA 25 - Localização da Rua Sapucaí. 74
FIGURA 26 - Descontinuidade da Rua Sapucaí..... 75
FIGURA 27 - Desenho da Rua Sapucaí 76
FIGURA 28 - Rua Sapucaí - Vazios Urbanos e Áreas Verdes..... 77
FIGURA 29 - Mapa de Transportes..... 78

FIGURA 30 - Rua Sapucaí - Tipologia 79
FIGURA 31 - Aglomerações da Rua Sapucaí 80
FIGURA 32 - Linha do tempo dos acontecimentos relevantes para a Rua Sapucaí..... 81
FIGURA 33 - Galpão Benfeitoria. 82
FIGURA 34 - Galpão Benfeitoria (Interno)..... 83
FIGURA 35 - *Placemaking* na Rua Sapucaí..... 89
FIGURA 36 - Gráfico do quantitativo de respostas de sexo e faixa etária..... 91
FIGURA 37 - Gráfico do quantitativo de respostas do grau de escolaridade..... 92
FIGURA 38 - Gráfico do quantitativo de respostas do grau de escolaridade, por idade..... 92
FIGURA 39 - Gráfico do quantitativo de respostas do grau de escolaridade..... 93
FIGURA 40 - Gráfico do quantitativo de respostas do grau de escolaridade relacionado a renda..... 93
FIGURA 41 - Gráfico do quantitativo de respostas residentes nos bairros Centro e Floresta 94
FIGURA 42 - Possibilidade de acesso da Rua Sapucaí para cadeirantes. 95
FIGURA 43 - Gráfico do quantitativo de respostas - preparo da Rua Sapucaí para receber pessoas com deficiência. 95
FIGURA 44 - Gráfico do quantitativo de respostas - acessibilidade da Rua Sapucaí. 96
FIGURA 45 - Gráfico do quantitativo de respostas - localização dos estacionamentos para carro. 97
FIGURA 46 - Gráfico do quantitativo de respostas - visualização da rua em toda extensão.. 97
FIGURA 47 - Gráfico do quantitativo de respostas - qualidade dos passeios da Rua Sapucaí. 98
FIGURA 48 - Gráfico do quantitativo de respostas - facilidade de acesso a rua. 99
FIGURA 49 - Gráfico do quantitativo de respostas - impressão da Rua Sapucaí. 100
FIGURA 50 - Gráfico do quantitativo de respostas - lugar para sentar..... 100
FIGURA 51 - Gráfico do quantitativo de respostas - percepção sobre a limpeza da rua. 101
FIGURA 52 - Gráfico do quantitativo de respostas - percepção sobre a manutenção da rua. 101
FIGURA 53 - Gráfico do quantitativo de respostas - percepção sobre a segurança da rua para homens e mulheres..... 102
FIGURA 54 - Gráfico do quantitativo de respostas sim a pessoas tirando fotografias 103

FIGURA 55 - Gráfico do quantitativo de respostas - espaço dedicado para carros na Rua Sapucaí. 103
FIGURA 56 - Gráfico do quantitativo de respostas - possibilidade de se proteger do sol ou da chuva. 104
FIGURA 57 - Gráfico do quantitativo de respostas sobre a intensidade de uso da Rua Sapucaí. 104
FIGURA 58 - Gráfico do quantitativo de respostas - observação de grupos de pessoas conversando. 105
FIGURA 59 - Uso da rua pelos jovens 106
FIGURA 60 - Gráfico do quantitativo de respostas - diversidade de usos da Rua Sapucaí. . 106
FIGURA 61 - Gráfico do quantitativo de respostas - percepção sobre a gestão do espaço. . 107
FIGURA 62 - Gráfico do quantitativo de respostas - Rua Sapucaí ser um possível local para conhecer amigos. 108
FIGURA 63 - Gráfico do quantitativo de respostas - pessoas encontrando amigos. 108
FIGURA 64 - Gráfico do quantitativo de respostas - pessoas em grupo ou conversando com outras. 109
FIGURA 65 - Gráfico do quantitativo de respostas - pessoas que parecem se conhecer pelo rosto ou pelo nome. 109
FIGURA 66 - Gráfico do quantitativo de respostas - pessoas que levam parentes e amigos para conhecer a rua. 110
FIGURA 67 - Gráfico do quantitativo de respostas - pessoas que falam com orgulho da Rua Sapucaí. 110
FIGURA 68 - Gráfico do quantitativo de respostas - mistura de idades e grupos étnicos. ... 111
FIGURA 69 - Gráfico do quantitativo de respostas - pessoas pegarem o lixo da rua. 111
FIGURA 70 - Fluxograma Economia Criativa e atores da transformação. 116

LISTA DE TABELAS

Tabela 01: Os 25 países do Índice Global de Criatividade---------- 31

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO ---------- 15

1.1 Objetivos ---------- 17

1.2 Hipótese ---------- 17

1.3 Metodologia ---------- 17

1.4 Estrutura da dissertação ---------- 18

2 REFERENCIAL TEÓRICO ---------- 19

2.1 Espaço público ---------- 19

2.1.1 A rua enquanto espaço público ---------- 21

2.1.2 Nova postura para os espaços públicos ---------- 24

2.2 Economia criativa ---------- 27

2.2.1 Cidades criativas ---------- 34

2.2.2 Casos de cidades criativas ---------- 36

2.2.2.1 Barcelona ---------- 37

2.2.2.2 Medellín ---------- 39

2.2.2.3 Berlim ---------- 41

2.2.2.4 Lisboa ---------- 42

2.2.3 Participação popular na cidade criativa ---------- 44

3 OBJETO DE ESTUDO ---------- 47

3.1 Caracterização do objeto ---------- 47

3.1.1 A cidade de Belo Horizonte, breve resumo: do planejamento ao ano de 2019 ---------- 47

3.1.2 A zona central e sua revitalização ---------- 51

3.1.3 Os movimentos culturais na região central de Belo Horizonte ---------- 61

3.1.4 Potencial criativo da cidade de Belo Horizonte ---------- 64

3.2 Metodologia de análise ---------- 66

3.3 Os bairros Centro e Floresta ---------- 71

3.4 A Rua Sapucaí ---------- 73

3.5 Os empreendimentos da Rua Sapucaí ---------- 80

3.5.1 A visão dos empreendedores sobre a Rua Sapucaí---------- 84
3.6 A visão dos frequentadores da Rua Sapucaí---------- 90
3.6.1 Perfil dos frequentadores ---------- 90
3.6.2 Acessos e ligações ---------- 94
3.6.3 Conforto e imagem---------- 99
3.6.4 Usos e atividades---------- 104
3.6.5 Sociabilidade ---------- 107
3.7 Análises ---------- 112

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS ---------- 118

REFERÊNCIAS ---------- 120

APÊNDICE A – Questionário Empreendimentos da Rua Sapucaí ---------- 126
APÊNDICE B – Questionário para frequentadores da Rua Sapucaí ---------- 127

APÊNDICE C ---------- 130

TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTAS ---------- 130
Transcrição da Entrevista com Benfeitoria ---------- 130
Transcrição Entrevista Sapucaí Botequim ---------- 145
Transcrição Entrevista - Mi Corazón ---------- 148
Transcrição Entrevista - Salumeria Central ---------- 153

1 INTRODUÇÃO

O movimento em busca de uma cidade com maior interação social e cultural trouxe consigo a ideia da economia criativa como base estratégica para a reinvenção do lugar. A economia criativa propõe uma maior inclusão social e a promoção da diversidade. A cultura e o entretenimento são usados como forma de inventar uma imagem de cidade atraente, são o ponto de partida para a renovação de áreas urbanas degradadas e ainda oferecem estratégias para revitalizar o status da cidade.

O termo *Creative Nation* surgiu na Austrália em 1994, motivado pelas discussões da preservação da diversidade cultural e do impacto das novas tecnologias de informação e comunicação na economia australiana. O país tinha receio de que a globalização pusesse em risco a singularidade australiana, mas também almejava que a globalização pudesse fortalecer e reposicionar o país no quadro mundial (REIS, 2011). Anos depois o governo britânico também se inspirou na proposta de colocar a criatividade como centro para o programa de desenvolvimento do país, enfatizando a sua importância para os objetivos econômicos. Surge então o conceito de Indústrias Criativas, que buscava identificar e privilegiar os setores de maior competitividade econômica e, através de ajuda pública, fomentá-los em associação ao setor privado, além de desvincular a ideia da criatividade do campo das belas artes.

No Brasil, o termo Economia Criativa começou a ser pensando em 2003 com o então ministro da cultura Gilberto Gil. Mas foi em 2006 que esse conceito começou a ser de interesse da Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro, FIRJAN, com um primeiro resultado prático em que as indústrias criativas foram apontadas como setor âncora para o Estado. Assim, o Rio de Janeiro é o estado do Brasil em que as indústrias criativas passam a ter maior peso (FIRJAN, 2016).

O conceito de cidade criativa, por sua vez, surgiu na esteira da economia criativa em busca de um modelo de organização urbana coerente com um paradigma socioeconômico em transição do industrial ao do conhecimento. Tem-se o entendimento de que a competitividade econômica das regiões depende da inovação (de processos, produtos, sociais e culturais) e da valorização econômica dos ativos culturais da cidade. As cidades também são locais dinâmicos de inovação e experimentação, nos quais novas ideias florescem e pessoas de todas as profissões se encontram para transformar suas comunidades em lugares melhores para viver, trabalhar e se divertir. No processo de

decisões, leva-se em conta o pensamento holístico e considera-se de forma interdependente objetivos econômicos, sociais, ambientais e culturais. Reconhece-se que cidades criativas são aquelas em que os cidadãos trabalham com ideias e exigem alto padrão de qualidade de vida (REIS, 2011).

Belo Horizonte, MG, foi a primeira cidade planejada do Brasil. BH nasceu para quebrar com os paradigmas do Brasil colônia e ser associada a uma cidade republicana, industrializada e moderna (FREIRE, 2008). Já nas primeiras décadas de existência a cidade cresceu e diversificou as atividades econômicas pela facilidade de acesso e crescimento populacional. A infraestrutura urbana foi ampliada para atender a população crescente e a partir de 1970 começam a surgir novas centralidades urbanas, as ruas do centro começam a ser tomadas por carros e tornam-se cada vez mais lugar de passagem com intenso trânsito de pedestres e veículos.

Nos anos de 1990, Belo Horizonte acompanha a tendência de revalorização de seu centro e em 2004 é lançado pela Prefeitura de Belo Horizonte o Plano de Revitalização do Hipercentro. A partir dessa revitalização acontece a reapropriação da região central de BH, com maior interação social e cultural entre a população belorizontina. Esses espaços trazem vida a zonas obsoletas e movimentam pessoas de círculos sociais diferentes, com objetivos pessoais e profissionais diversificados e que passam a conviver em um mesmo espaço e clamar por uma cidade com melhores condições de mobilidade e cultura cidadã.

Porém, esses movimentos de ocupação do hipercentro incomodaram o prefeito da cidade e este publica um Decreto proibindo o uso da praça para a realização de eventos de qualquer natureza. A partir desse decreto surgem movimentos políticos e sociais levando ainda mais pessoas a vivenciarem essa região da cidade antes abandonada.

Um novo olhar surge para essa região e empreendimentos alternativos como bares, cafés e espaços culturais passam a ocupar essa área da cidade. A criatividade surge como forma alternativa e original de apropriação espacial, de resistência às desigualdades urbanas e com a certeza de que o direito à cidade é de todos. Espaços antes vazios, esquecidos e não frequentados pela população, hoje são referência em atividades culturais. A Rua Sapucaí, por exemplo, que durante muito tempo foi um espaço de passagem em que as pessoas não se sentiam seguras em transitar, tem se tornado um corredor de economia criativa da cidade, trazendo movimento e segurança para todo o seu entorno – no espaço público da rua tem se formado um *cluster* criativo, com diferentes usos das pessoas que recorrem a esse espaço como lugar de diversão.

Os empreendimentos de caráter criativo, portanto, proporcionam uma mudança de olhar para a Rua Sapucaí. Um ecossistema de inovação e cooperação que motiva o uso dos cidadãos e ao mesmo tempo promove o compartilhamento de uma rua com maior vivacidade. Dessa forma, este trabalho abordará um olhar voltado para quem utiliza, se apropria e vivencia o espaço da rua Sapucaí.

1.1 Objetivos

O trabalho desenvolvido investigou como os princípios da economia criativa podem ser aplicados na transformação do espaço público urbano, em escala local. Como objetivos específicos, analisou a relação dos empreendimentos de Economia Criativa com a criação do lugar enquanto espaço público e quais as principais mudanças da rua quando os espaços são moldados e gerenciados de forma criativa. Isso envolveu identificar a relação dos empreendimentos criativos com a ocupação e ressignificação da rua pela população e discutir as mudanças orgânicas no espaço público que surgiram a partir da ocupação do espaço pelas pessoas.

1.2 Hipótese

Acredita-se que empreendimentos de cunho criativo na cidade podem causar transformações no espaço público ao redor. Isso porque os empreendimentos criativos utilizam da cultura e entretenimento como ponto de partida para renovação de áreas urbanas degradadas. Acredita-se que com a revalorização de uma área urbana não utilizada, as pessoas começam a olhar para aquele espaço de uma maneira diferente, a ressignificar a sua vivência e então apropriá-lo como seu. Após essa apropriação, cria-se uma identidade com o local que desperta o desejo de cuidar desses espaços em conjunto com outras pessoas e setores públicos.

1.3 Metodologia

O trabalho é estruturado em duas partes. A primeira parte da dissertação consiste em uma revisão bibliográfica de livros, artigos e revistas acadêmicas das áreas de

planejamento e apropriação urbana, bem como os principais autores dos conceitos ligados a economia criativa e cidades criativas. A segunda parte apresenta um estudo de caso, em que foram realizadas entrevistas semi-estruturadas e aplicados questionários aos frequentadores da Rua Sapucaí, bem como mapas temáticos de geoprocessamento e pesquisa de campo.

1.4 Estrutura da dissertação

Este trabalho está estruturado em quatro capítulos, tendo como primeiro a "Introdução", que aborda os tópicos de objetivos, hipótese, metodologia e estrutura da dissertação.

O segundo capítulo, denominado "Referencial Teórico", apresenta os conceitos inerentes ao espaço público e às novas formas de se apropriar destes. Novas perspectivas sobre o planejamento desses espaços, a criação de identidade com o espaço público, e a participação da população nesses lugares. Apresenta, também, o tema da economia criativa e sua história, bem como a concepção da ideia de cidades criativas e exemplos de cidades consideradas referências no tema. A cidade criativa tem como objetivo a inovação e a cultura como uma forma de desenvolver o comunitarismo urbano, a vizinhança e a identidade.

O terceiro capítulo, com o título de "Objeto de estudo", apresenta a cidade de Belo Horizonte, contextualizando sua formação identitária com o progresso e um pouco de sua história. Em seguida, aborda a revitalização da zona central da cidade e os movimentos culturais que surgiram nessa região. Aproveita também para caracterizar a cidade de Belo Horizonte como cidade criativa. Esse capítulo aborda a metodologia da dissertação e também a estratégia estabelecida para a pesquisa de campo: entrevista semi-estruturada e questionário quantitativo. Apresenta a condução do estudo de caso, expõe os dados coletados na pesquisa de campo e posteriormente copilados em forma de gráficos e trechos das entrevistas.

O quarto e último capítulo conclui a pesquisa, trazendo os principais assuntos abordados durante o desenvolvimento do trabalho e apresentando as considerações finais da dissertação.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Este capítulo se propõe a investigar quais os fatores relacionados à economia criativa que influenciam e interagem no processo de apropriação dos espaços públicos urbanos. Inicialmente, apresenta-se o tema espaço público urbano e economia criativa, correlacionando as cidades criativas.

2.1 Espaço público

A ideia do espaço público está ligada à noção do significado das cidades, em contraposição ao mundo rural. A cidade pode ser entendida como metáfora criada pelos seres humanos ao longo da história: na cidade não se vive diante de qualquer natureza, ela constitui um mundo humano, mundo de objetos (coisas), mundo de necessidades, desejos, impulsos e meios de satisfazê-los. Logo, a cidade confirma que não é só um lugar de encontro entre homens, mas também, o lugar do encontro e afirmação possível da diversidade humana. E dentre os diferentes espaços da cidade, o que possui maior possibilidade de conter e sintetizar essa dimensão é o espaço público (PEREIRA, 2006).

O século XX mudou decididamente as condições da cidade como local de encontro e troca de informação (GEHL; GEMZØE, 2002). Os novos padrões de tráfego, comércio e comunicação interromperam séculos de tradição da práxis urbana. O comércio das feiras abertas mudou-se gradualmente para lojas ao longo de ruas e praças, depois para lojas e supermercados e, finalmente, para centros comerciais gigantes, geralmente afastados do coração da cidade.

Com configurações urbanas cada vez mais segmentadas, setores multifuncionais e subordinadas ao transporte individual, as cidades passaram a não responder à demanda de espaços públicos que convidam ao encontro e esses tornaram-se espaços de passagem (DIAS, JUNIOR; 2017). No entanto, ao longo da década de 1970, o debate público levantou as questões da qualidade urbana, condições de vida nas cidades, poluição, além da crescente invasão de ruas e praças urbanas pelo carro. Então, espaço e vida pública passaram a ser considerados objetos significativos do debate e prática da arquitetura (GEHL; GEMZØE, 2002).

Agora, as numerosas mudanças ocorridas na sociedade em um mesmo século tornam especialmente interessantes a vitalidade da vida pública e apontam uma mudança na utilização dos espaços públicos. Esses têm sua importância reconhecida enquanto

locais de interação social e vida pública. Ao longo do tempo, estes espaços vêm refletindo as interações entre as pessoas e a forma como a cidade é vivida.

O espaço público é o local onde são encontradas as fissuras que escapam aos limites convencionais de apropriação. Algo que foge da lógica do planejamento formal da cidade e exige que sejam avaliadas as manifestações subjetivas dos desejos da população, tornando essencial a importância de um outro olhar sobre a produção da cidade (VAZ, 2015).

Um espaço público inadequado, mal projetado ou privatizado torna a cidade cada vez mais segregada. Linhas desenhadas com base na religião, etnia, gênero e status econômico podem acarretar uma cidade polarizada, com tensões sociais onde a mobilidade social e as oportunidades econômicas sejam sufocadas (SOBRAL, 2018).

Ao se pensar no espaço público, deve-se considerar que uma cidade dá lugar a vários tipos de público e que este espaço deve ser pensado de forma a ir ao encontro das necessidades de todos. Um espaço público é um espaço de propriedade pública ou de uso público, acessível e agradável para todos, de graça e sem fins lucrativos, por isso geram igualdade (SOBRAL, 2018).

Os espaços públicos devem ser vistos como áreas multifuncionais de interações sociais, intercâmbio econômico e expressão cultural para uma ampla diversidade de pessoas. Para isso, devem ser concebidos e geridos de forma a garantir o desenvolvimento humano, a sociedade democrática e a promoção da diversidade cultural (SOBRAL, 2018). O espaço público deve deixar que as pessoas encontrem possibilidades nos usos disponíveis, criem familiaridades com o local e, assim, apropriem-se dele e adaptem-no para o seu próprio fim (VAZ, 2015).

A apreciação da qualidade do espaço público pode ser relacionada ao grau de democracia de uma dada sociedade. É observável que espaços urbanos mais diversificados e animados são, em geral, fruto de uma sociedade mais igualitária, próspera e democrática. O espaço público é o espaço social para o desenvolvimento e a qualidade de vida de uma cidade, onde a cidadania ocorre, pode ser exercida e permite que as pessoas interajam e tenham um senso de identidade e comunidade. Deve ser o anfitrião de exemplos de uma sociedade igualitária e com trocas sociais diversas (SOBRAL, 2018).

Espaços públicos saudáveis e animados oferecem qualidade e multiculturalismo, onde é possível interagir com pessoas desconhecidas e encontrar a “diferença” e onde todos os segmentos da sociedade podem se cruzar, se misturar e serem observados,

exercendo a convivência. Ao mesmo tempo, os espaços públicos satisfazem as necessidades de conforto, relaxamento, envolvimento ativo e passivo e descoberta das pessoas (SOBRAL, 2018).

2.1.1 A rua enquanto espaço público

Desde a antiguidade, as ruas desempenham papel crítico na cidade, elas conectam espaços, pessoas e bens, facilitando o comércio, a interação social e a mobilidade. As ruas foram e continuam a ser o primeiro elemento a marcar o lugar de uma cidade. Podem ser consideradas a primeira “instituição" da cidade e são ainda uma poderosa força na formação de nossas paisagens físicas e mentais. Também são os espaços públicos compartilhados mais fundamentais (MBOUP, 2013).

Em muitas culturas, desde o início da civilização, a rua tem significado social, comercial e político imenso como um símbolo do domínio público. Em experiências culturais, as ruas também servem como locais para celebração ou rebelião: festas de blocos de verão, desfiles e manifestações. Quando essas funcionam no nível da experiência cotidiana, servem de oportunidade para as pessoas se conectarem de maneira que nenhum outro espaço público pode oferecer (MBOUP, 2013).

As ruas já serviram de locais onde as crianças podiam brincar e onde vizinhos e estranhos podiam conversar. Nos anos atuais, são consideradas como elos em uma rede rodoviária, que permite a viagem entre um ou mais destinos. Ou seja, servem apenas à sua função de movimento, ignorando e subvertendo suas outras funções. Assim, progressivamente, têm perdido a sua multifuncionalidade enquanto espaço público.

Mas, as pessoas têm reivindicado as ruas como espaços públicos e estas estão sendo planejadas para recuperar o pleno uso pelas comunidades e como meio de engajamento social. As ruas como espaço público têm uma abordagem integradora, encorajam as pessoas a permanecer, a se socializar, a experimentar a cultura e o caráter único de uma determinada rua (MACKENZIE, 2015).

Quando as ruas são ótimos lugares, as pessoas notam a sua totalidade e não apenas a função de transporte de pessoas e bens. Ruas que melhoram o ambiente incluem a expansão de calçadas, o plantio de árvores e a instalação de bancos e outros assentos. Essas iniciativas melhoram a infraestrutura, a sustentabilidade ambiental, a interação social, a saúde pública, a produtividade e a inclusão social, recuperando as necessidades

dos usuários deste espaço comum: grupos etários, gêneros, status econômicos e meios modais (MBOUP, 2013).

As ruas têm sido reconhecidas como um fator integral de desenvolvimento urbano sustentável. Organizações não governamentais propõem várias noções de ruas, como “habitáveis”, “completas”, “ruas para todos”, "ruas amigáveis” e “ruas saudáveis”.

As ruas das cidades devem ser para todos, caminhantes, usuários de cadeira de rodas ou veículos automotores. No entanto, as ruas são projetadas para carros em alta velocidade, ou pior ainda, para engarrafamento de trânsito. Mesmo com destinos diários próximos às residências, as pessoas muitas vezes não conseguem acessá-los a pé, de bicicleta ou de transporte público. As ruas podem ser cortadas por beco sem saída que aumentam a distância da caminhada ou por ruas de alta velocidade sem ciclovia. Há ainda ruas que parecem seguras para pedestres, porém não são agradáveis. A ausência de bancos, a escassez do paisagismo e as fachadas de lojas nas calçadas fazem pouco para incentivar a caminhada. Os conceitos de “ruas saudáveis”, “ruas amigáveis” e “ruas para todos” trabalham em prol de ruas caminháveis, seguras, acessíveis a pé e com meios de transporte públicos e com fachadas visíveis para a rua (MBOUP, 2013).

O conceito de “ruas habitáveis” enfatiza as ruas como tecido de vida social e urbana: que ofereçam segurança, permitam interações sociais, um lugar onde as pessoas gostem de estar, que chame e atraia pessoas para caminhar, andar de bicicleta, estar com os amigos, parar para um café ou uma conversa. Ou seja, múltiplos usos e múltiplas interações com pessoas aproveitando o seu tempo.

As ruas completas (*complete streets*) foi um conceito criado nos Estados Unidos a partir de uma iniciativa do órgão *American Bikes*, em 2003, para reivindicar a inclusão das bicicletas nos projetos de infraestrutura viária. Ruas completas são definidas como ruas voltadas para todos os usuários, que resultam em segurança para os pedestres, ciclistas, usuários do transporte coletivo e motoristas de todas as idades e habilidades (VALENÇA; SANTOS, 2016).

As ruas completas atendem à demanda por diversas opções de mobilidade, diminuem os custos com transporte, a velocidade do tráfego e os danos ambientais causados por veículos motorizados, já que encorajam o “transporte ativo” e o uso de transporte público coletivo (VALENÇA; SANTOS, 2016). Entre os seus benefícios, podem-se destacar: calçadas amplas e atraentes, rotas de bicicletas bem definidas (quando de vontade da comunidade), possibilidade de crianças andarem em um local seguro e

alcançarem destinos próximos, rede de transportes multimodal e uma combinação atraente de edifícios, casas, escritórios e lojas (SMART GROWTH AMERICA, S.D.B., 2019).

Uma rua completa bem projetada possui algumas características básicas: a primeira é uma infraestrutura segura para pedestres, com calçadas largas, faixas de travessia bem dimensionadas e adequada sinalização. Este é um elemento importante para uma rua completa pois assegura segurança para o pedestre em deslocamento longitudinal e no embarque e desembarque nos pontos de transporte coletivo. Além disso, as ruas completas devem ser arborizadas, pois geram benefícios como: regulação da temperatura da cidade, facilitação da drenagem e uma paisagem urbana mais agradável. Também é necessária uma infraestrutura adequada para os ciclistas – ciclovias, ciclofaixas e bicicletários –, aliada às conexões com o transporte público (VALENÇA; SANTOS, 2016).

Em termos variáveis, essas ruas adotam conceitos mais ou menos semelhantes que afetam o bem-estar das pessoas e tornam as cidades mais prósperas. Todas essas iniciativas exigem melhor conectividade nas ruas, colocando as pessoas em primeiro lugar.

O Índice de Prosperidade da Cidade, que foi desenvolvido pela UN-Habitat em 2012, considera cinco principais componentes de prosperidade da cidade: desenvolvimento de infraestrutura, sustentabilidade ambiental, produtividade, qualidade de vida e equidade e inclusão social. Cidades que promovem o desenvolvimento de infraestrutura, a sustentabilidade ambiental e a alta produtividade melhoram a qualidade de vida e promovem a equidade e a inclusão social, portanto são consideradas prósperas. Para uma cidade ser próspera ela deve ter ruas prósperas. Usando a mesma noção de prosperidade, a UN-Habitat apresenta uma abordagem holística das ruas como espaços públicos abrangendo a noção de habitabilidade e completude. Uma rua próspera deve promover o desenvolvimento de infraestrutura, melhorar a sustentabilidade ambiental, promover qualidade de vida, igualdade e inclusão social. Isso é possível quando a rua recebe o seu reconhecimento pela sua multifuncionalidade enquanto espaço público (MBOUP, 2013).

Como espaço de encontro e diálogo entre os diferentes, a rua é algo fundamental para a construção de uma cultura de tolerância. A impossibilidade do encontro com o desconhecido e com a diferença, condição criada nas microcidades intramuros, tira da

pessoa a chance de enriquecer suas percepções e experiências de aprendizado (MAZIVEIRO, ALMEIDA; 2017).

2.1.2 Nova postura para os espaços públicos

O planejamento urbano atravessa um momento de inflexão. Existem novos desafios globais na busca por um modelo mais focado na dimensão humana, educação, bem-comum e finalidade da vida urbana, arquitetura e urbanismo coletivos, inclusivos, que reconquistem as ruas convencionais: de pedestres, calçadas, praças, parques e áreas verdes (DIAS; JUNIOR, 2017).

É possível pensar a cidade em prol da escala humana e de espaços públicos que garantam uma cidade viva, diversificada e pluralista, compacta e coesa. Que reencontre ainda a sua natureza para que as comunidades possam defender, preservar ou construir uma identidade por meio de seus valores naturais e culturais e pela valorização de seu patrimônio. A cidade viva demanda uma combinação de espaços públicos conectados, articulados em rede, acessíveis e seguros, interessantes e convidativos, além de uma massa crítica de pessoas que queiram utilizá-los (DIAS; JUNIOR, 2017).

Realizar uma transformação na cidade é uma forma de extrapolar as fronteiras de suas ruas e limitações, pois é um lugar de interações e organizações sociais, de resistências, de relações afetivas e econômicas. A cidade é um espaço de pluralidade, trocas simbólicas e possibilidades de sociabilidade. Trata-se de pensar no espaço de interação e produção de transformações visando um consumo cultural, político e econômico de valorização local, ou seja, de inovação e criatividade (TEIXEIRA *et al.*, 2016).

A rua, se carregada de identidade, é um lugar simbólico de construção de cidadania. E, se apropriada por meio das práticas cotidianas, é mais um espaço sendo percebido, vivido e ressignificado. Assim, não se torna mais um local consumido, mas, sim, um lugar afetivo e simbólico (DIAS; JUNIOR, 2017).

O que determina se um espaço público é valorizado não é seu design ou estado de propriedade, mas sim se é ativamente utilizado e partilhado por diferentes grupos e indivíduos. Ou seja, sua qualidade é composta pelas experiências que as pessoas são capazes de criar dentro dele (AGUAS, 2012).

Há grupos com autonomia que buscam ganhar esse espaço. A partir do momento em que os cidadãos começam a se agrupar e buscar o espaço público, há um estranhamento entre como se dá a relação população-cidade.

Os coletivos se apropriam da cidade opondo-se ao processo de planejamento formal do território, e a retomada das ruas e espaços públicos aparece como uma busca pelo direito à cidade, por uma cidade mais humana, viva, inclusiva, segura e saudável. Através de proposições alternativas de usar, olhar, planejar, discutir e habitar a rua, é lançada luz sobre temas como a sociabilidade e a construção coletiva da cidade.

Essas ações no espaço público funcionam como microrresistências aos projetos urbanos homogeneizadores e atuam por meio de uma adaptação pontual, partindo do princípio de que a rua representa o espaço de todos. Essas reivindicações, *redesign* ou reprogramação do espaço se dão em pequena escala e buscam respostas flexíveis às condições inevitáveis de mudança, tendo em vista que os lugares não são estáticos. Agrega-se a isso a investigação de ações participativas voltadas à ressignificação dos espaços públicos, a compreensão de diferentes abordagens que possibilitam revigorar um sentido de lugar compartilhado no panorama da cidade contemporânea (MAZIVEIRO; ALMEIDA, 2017).

Considerar que diferentes atores urbanos podem cooperar para a melhor qualidade de vida nas cidades é um desafio. A busca por modelos inovadores que promovam a cooperação simétrica e parcerias entre cidadãos, instituições e autoridades públicas é um tema discutido e pesquisado por profissionais e pesquisadores (SOBRAL, 2018).

A abordagem participativa pode criar condições para a efetivação de uma nova postura em relação à apropriação do espaço. Pode também possibilitar um exercício de ampliação de uma perspectiva, visando à incorporação, na prática, da crença nas suas capacidades de opinar, criar e gerir o espaço em que vivem (PEREIRA, 2006).

O processo participativo compartilhado pode ser um importante caminho para a identificação do cidadão com seu espaço vivenciado. Pode significar, também, novas perspectivas e novas abordagens para a elaboração de projetos que respondam às reais necessidades dos cidadãos ou até mesmo conduzir ao enriquecimento do repertório estabelecido e consolidado que os planejadores urbanos estão costumados a navegar (PEREIRA, 2006).

A participação é uma pré-condição para a apropriação do espaço público, pois é mais fácil de usar o espaço quando se sente pertencente a ele. Esse sentimento envolve

um processo que precisa ser construído e depende de vários fatores, dentre os quais a propriedade e as responsabilidades dos usuários são questões chave (SOBRAL, 2018).

Espaços públicos estigmatizados com uma má reputação devido a atmosfera insegura, abandono ou falta de manutenção tornam-se não utilizados ou mal utilizados. Por essa razão, a identificação de usuários com espaços públicos deve ser fortalecida, promovendo uma apropriação genuína. Para tanto, são necessárias ações diversas, como: esclarecer usos, reduzir conflitos, melhorar a segurança, facilitar a acessibilidade, oferecer apoio a grupos vulneráveis em espaços públicos e evitar monopolizar usos.

Trata-se de tentar envolver as pessoas por meio de participação e parcerias na manutenção dos espaços públicos, criando um sentimento de pertença e de apropriação. A partilha, a propriedade coletiva e a gestão de recursos está sendo recriada nos debates sociais sobre a cidade como um comum urbano, e a urgência da gestão compartilhada entre cidadãos e municípios é emergente. Com conhecimento e recursos corretos, os grupos comunitários podem se envolver ativamente, co-gerenciando o espaço.

A cooperação pode ser definida como uma troca na qual os participantes se beneficiam do encontro. Cada parte envolvida tem seu papel definido e o objetivo comum é alcançado se todos os envolvidos realizam o acordo. A colaboração é uma situação em que duas ou mais pessoas trabalham juntas em direção a uma realização comum.

Certas ferramentas são essenciais na construção coletiva para uma perspectiva comum, que levem a uma participação de alta intensidade. Além disso, são necessários regulamentos que permitam e incentivem a gestão coletiva e compartilhada para transformar a cidade em um lugar de comunização da produção do espaço urbano.

Nos espaços públicos, o sucesso das iniciativas cidadãs está ligado à construção gradual de relacionamentos, afetos e redes. Portanto, para que essas experiências lideradas pela comunidade apresentem resultado, é preciso tempo. Na cidadania, passar de uma atitude passiva para uma ativa não é algo imediato. E a sustentabilidade desses projetos e seu legado dependem de ferramentas de cooperação entre o município e os seus cidadãos sobre a co-governação dos espaços públicos (SOBRAL, 2018).

O setor público se beneficia desse modelo combinado de governança – co-governança – em que os cidadãos compartilham responsabilidades com as administrações locais e atuam como parceiros, fortalecendo a sociedade civil e a autoridade pública. Grupos locais, associações envolvidas e uma atitude cooperativa contribuem para o uso

democrático e a sustentabilidade dos lugares. A administração pública pode permitir apoiando iniciativas cívicas (SOBRAL, 2018).

2.2 Economia criativa

Como foi dito na introdução desta dissertação, o termo economia criativa surgiu na Austrália, no ano de 1994, motivado pelas discussões da preservação da diversidade cultural e do impacto das novas tecnologias de informação e comunicação na economia australiana. Ele inspirou o governo britânico a colocar a criatividade como centro do programa de desenvolvimento do país. Enfatizou também a importância da criatividade, habilidade e talentos individuais para os objetivos econômicos do país, como um potencial para a criação de riqueza e empregos. Oliveira *et al* assim definem a economia criativa:

> A economia criativa promove a diversificação econômica, de receitas, de comércio e inovação, e pode se relacionar, de forma simbiótica, com as novas tecnologias, notadamente as tecnologias de informação e comunicação. Iniciativas baseadas na abordagem de economia criativa podem promover a revitalização de áreas urbanas degradadas, ou mesmo o desenvolvimento de áreas rurais com herança de patrimônio cultural (OLIVEIRA; ARAUJO; SILVA, 2013, p. 7).

O governo inglês é comumente usado como referência já que foi pioneiro na associação do tema com uma agenda política e econômica. A Inglaterra mapeou as atividades criativas no país, e classifica como setores criativos as seguintes atividades: publicidade, arquitetura, mercado das artes e antiguidades, *softwares*, *design*, *design* de moda, músicas, artes performáticas, indústria editorial, rádio, TV, museus, galerias e as atividades relacionadas às tradições culturais (AMORIM, 2015).

Surge, então, o conceito de Indústrias Criativas, que são ciclos de criação, produção, distribuição de produtos e serviços que utilizam criatividade e capital intelectual como insumos primários. É um conjunto de atividades baseadas no conhecimento, com produtos tangíveis e serviços intelectuais ou artísticos com conteúdo criativo, valor econômico e objetivos de mercado. Posicionam-se no cruzamento entre os setores artísticos, de serviços e industriais e constituem um novo setor dinâmico do comércio mundial (UNCTAD, 2010).

A "economia criativa" é um conceito em evolução, que se baseia em ativos criativos que potencialmente geram crescimento e desenvolvimento econômico, podendo

estimular a geração de renda e a criação de empregos, ao mesmo tempo que promove a inclusão social, a diversidade cultural e o desenvolvimento humano. Ela abrange aspectos econômicos, culturais e sociais que interagem com a tecnologia, a propriedade intelectual e o turismo, além de ser uma opção de desenvolvimento viável que demanda respostas políticas inovadoras e multidisciplinares (UNCTAD, 2010).

A economia criativa é um conceito emergente, para o qual a informação é a chave do progresso e um bem desejável. A hipótese é de que as indústrias criativas são um importante impulsionador para o crescimento econômico e a criação de empregos. Sua relevância está atrelada a uma transformação da economia baseada na manufatura para uma economia baseada no conhecimento (BRITTO, 2016).

Segundo Britto (2016), há diferentes abordagens para a caracterização e medição da economia criativa. A abordagem setorial define os tipos específicos de produção a serem incluídos nas definições de uma economia criativa, com o foco na caracterização e análise das indústrias criativas. A abordagem do mercado de trabalho e da organização da produção concentra-se na especialização flexível das comunidades de trabalhadores, as classes criativas. A abordagem do índice criativo se concentra em um conjunto amplo de atividades econômicas com um elemento criativo, medindo o seu impacto nas economias urbana e regional. Por último, há a abordagem das "propensões locacionais", que enfatiza a organização espacial e a geografia de formas específicas de produção cultural em determinadas localidades, ou seja, pressupõe-se que a criatividade e a inovação na economia cultural é um fenômeno social enraizado na produção local e no seu meio geográfico. Nesta perspectiva, atividades criativas, ao mesmo tempo, tendem a ser raízes e têm a capacidade de transformar as localizações urbanas.

Para mensurar a economia criativa, há indicadores que selecionam diferentes variáveis para a análise contextual ou potencial do segmento. Alguns indicadores são: Índice Global da Criatividade, Índice Composto da Economia Criativa e o programa CreativeMed.

O Índice Global da Criatividade foi desenvolvido por Richard Florida juntamente com Charlotta Mellander e Karen King. É baseado na noção dos três T's do desenvolvimento econômico (tecnologia, talento e tolerância) de Richard Florida. A tecnologia é o primeiro T e desempenha o papel fundamental na economia baseada no conhecimento e na sociedade como um todo. Há muito tempo a tecnologia é reconhecida como um dos principais impulsionadores da riqueza e do progresso. A tecnologia

aumenta a produtividade, gera riqueza e permite que o capitalismo se reinvente constantemente (FLORIDA; MELLANDER; KING, 2015). De novas invenções em setores como *softwares*, robótica e biotecnologia, a melhoria nos sistemas e processos de manufatura, a tecnologia torna as economias e a sociedade mais eficientes e produtivas. Para representar esse fator, os autores utilizam dados baseados em gastos com pesquisa e desenvolvimento em percentual do PIB e o número de solicitações de patentes por milhão de habitantes em cada país.

O segundo T, talento, é o impulsionador do crescimento econômico na economia criativa e é medido pela participação da força de trabalho na classe criativa e pela quantidade de adultos com ensino superior. A classe criativa inclui trabalhadores em ciência e tecnologia e engenharia, artes, cultura, entretenimento e mídia; negócios e gerenciamento; e educação, saúde e direito (FLORIDA; MELLANDER; KING, 2015).

A tolerância é o terceiro T. Os autores afirmam que a abertura à diversidade estimula o desenvolvimento econômico, enquanto a homogeneidade o prejudica. Locais que estão abertos a novas ideias também tendem a atrair pessoas criativas de todo o mundo, o que favorece uma competitividade na geração de inovações e amplia sua capacidade tecnológica e de talento, dando-lhes uma vantagem econômica em relação a lugares menos tolerantes (FLORIDA; MELLANDER; KING, 2015). A tolerância é medida pelos autores de duas maneiras: parcela de pessoas que dizem que sua cidade é um bom lugar para minorias étnicas e parcela que diz que sua cidade é um bom lugar para pessoas de diferentes orientações sexuais.

A figura 01 apresenta o mapa do Índice Global da Criatividade - *Global Creative Index* (GCI) e demonstra o qual criativo é o país de acordo com o índice.

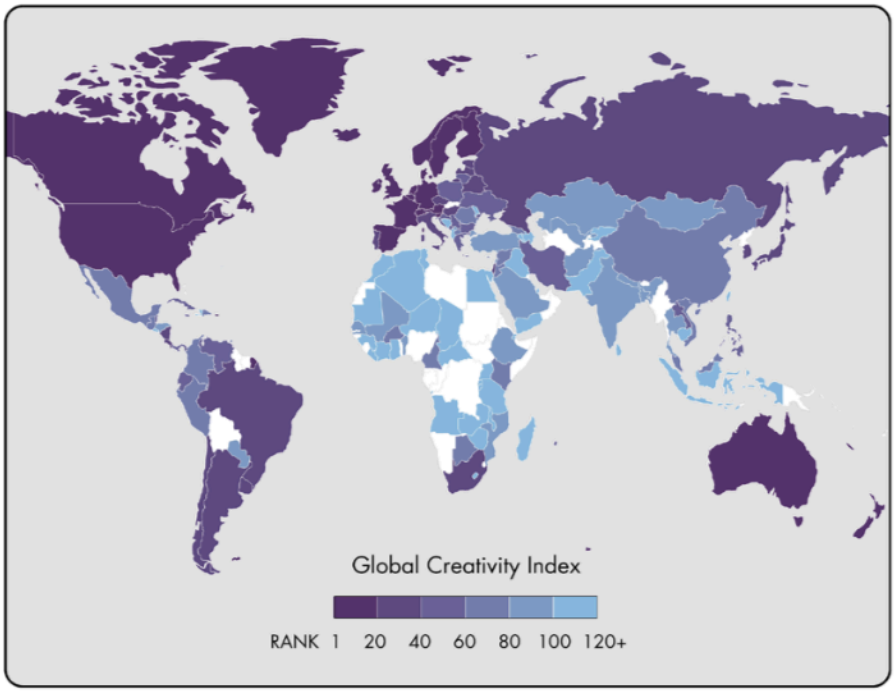

FIGURA 1 - Mapa do Índice Global de Criatividade.
(Global Creative Index, 2015)

A Austrália ocupa o primeiro lugar, os Estados Unidos estão em segundo lugar, a Nova Zelândia é o terceiro colocado e o Canadá o quarto. A Dinamarca e a Finlândia estão empatadas em quinto, a Islândia está em oitavo, Cingapura em nono e a Holanda em décimo. O Brasil ocupa a 29ª posição – em um total de 139 posições –, segundo a tabela 1, abaixo:

TABELA 01
Os 25 países do Índice Global de Criatividade

Rank	Country	Technology	Talent	Tolerance	Global Creative Index
1	Australia	7	1	4	0,970
2	United States	4	3	11	0,950
3	New Zealand	7	8	3	0,949
4	Canada	13	14	1	0,920
5	Denmark	10	6	13	0,917
6	Finland		3	20	0,917
7	Sweden	11	8	10	0,915
8	Iceland	26	2	2	0,913
9	Singapore	7	5	23	0,896
10	Netherlands	20	11	6	0,889
11	Norway	18	12	9	0,883
12	United Kingdom	15	20	5	0,881
13	Ireland	23	21	7	0,845
14	Germany	7	28	18	0,837
15	Switzerland	19	22	17	0,822
16	France	16	26	16	0,822
17	Slovenia	17	8	35	0,822
18	Belgium	28	18	14	0,817
19	Spain	31	19	12	0,811
20	Austria	12	26	32	0,788
21	Hong Kong	32	32	30	0,715
22	Italy	25	31	38	0,715
23	Portugal	35	36	22	0,710
24	Japan	2	58	39	0,708
25	Luxembourg	20	48	32	0,696
26	Uruguay	48	45	7	0,688
27	Argentina	48	35	19	0,681
28	Hungary	34	33	41	0,673
29	Brazil	27	68	15	0,667

Fonte: Global Creative Index, 2015.

O Índice Composto de Economia Criativa - *Composite Index of the Creative Economy* (CICE) foi desenvolvido por Harry Bowen, Win Moesen e Leo Sleuwaegen com o objetivo de comparar a capacidade de criação de um país ou região em três dimensões: inovação, empreendedorismo e abertura. A inovação utiliza dados sobre recursos humanos, ciência e tecnologia, patentes e acesso à internet. O empreendedorismo utiliza dados sobre empresas recém-estabelecidas. Na abertura são analisados dados sobre a população nascida em países estrangeiros, estudantes estrangeiros e população urbana.

Para determinar o peso de cada subdimensão, os autores apresentam uma alternativa ao método tradicional, estabelecendo diferentes pesos para as mesmas variáveis em cada região, de forma a beneficiar cada uma de acordo com as dimensões em que tem o melhor desempenho. O nome dado a esse método é ponderação endógena.

O *CreativeMed* é um modelo baseado na ideia de que o capital cultural e territorial das regiões mediterrâneas da Europa deveria ser usado para promover bem-estar e prosperidade econômica, em oposição ao uso da análise de índices financeiros e físicos (CREATIVEMED, 2014). Sua estrutura consiste em um conjunto de pré-condições, indicadores culturais e econômicos analisados individualmente e três subíndices calculados. Os indicadores de pré-condições são: estrutura urbana, indústrias semicriativas, trabalhadores em setores culturais e criativos, recursos culturais, nível de educação da população, classe criativa e qualidade das instituições. Os três subíndices são ecossistema socioeconômico translocal, inovação territorial e parceria em escala comunitária.

O subíndice do ecossistema socioeconômico translocal é formado pelos seguintes indicadores: mobilidade urbana, imigrantes qualificados, comércio internacional e turismo. Esses indicadores pretendem analisar as formas de trabalho e negócios que transformam empresas e redes de contatos locais em translocais. O subíndice de parceria em escala comunitária se refere a diferentes tipos de participantes (como pessoas, setor privado e setor público) em um contexto local. Esse subíndice possui quatro indicadores: participação em associações, confiança nos outros, preocupação quanto às condições de vida das pessoas da região e uso da Internet para propósitos sociais (CREATIVEMED, 2014). O terceiro subíndice está relacionado à inovação territorial, utilizando dados relacionados ao empreendedorismo e à criatividade, à inovação regional e à população universitária. As notas dos subíndices são classificadas como boas, ruins ou normais, e é gerado um relatório dos pontos fracos e fortes de cada região.

No Brasil, o termo Economia Criativa começou a ser pensado em 2003, após a Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento – United Nations Trade and Development – UNCTAD XI em São Paulo, com a emissão do documento "Consenso de São Paulo" (UNCTAD, 2014), no qual se afirmavam os benefícios econômicos e culturais potencialmente gerados pela indústria criativa. O então ministro da cultura, Gilberto Gil, começou a defender uma convergência de olhares entre a cultura e a economia, e dois meses após a UNCTAD lançou os pilares para a realização de um Fórum Internacional das Indústrias Criativas, que foi realizado em Abril de 2005, tendo por foco sediar um Centro Internacional das Indústrias Criativas, que não foi levado a termo (REIS, 2011).

Em 2006, interessada no tema da economia criativa, a Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro (FIRJAN) realizou um estudo em que as indústrias criativas foram apontadas como setor âncora para o Estado.

A divisão dos segmentos criativos de acordo com suas afinidades setoriais é feita em quatro grandes áreas: Consumo (*Design*, Arquitetura, Moda e Publicidade), Mídias (Editorial e Audiovisual), Cultura (Patrimônio e Artes, Música, Artes Cênicas e Expressões Culturais) e Tecnologia (P&D, Biotecnologia e TIC). Essa distribuição facilita tanto a leitura do comportamento das áreas, como a identificação das vocações regionais e das tendências ocupacionais em cada segmento (FIRJAN, 2016).

A cadeia produtiva é formada por três grandes categorias: Indústria Criativa (núcleo), formada por atividades e profissionais que utilizam as ideias como insumo principal para geração de valor; atividades relacionadas, constituída por profissionais e estabelecimentos que provêm bens e serviços à Indústria Criativa; e apoio, constituída por ofertantes de bens e serviços, de forma indireta à Indústria Criativa, conforme observado na Figura 02:

FIGURA 2 - Fluxograma da cadeia da Indústria Criativa no Brasil
Fonte: FIRJAN, 2016.

2.2.1 Cidades criativas

O conceito de cidade criativa surgiu com a busca de um modelo de organização urbana coerente com um paradigma socioeconômico em transição do industrial ao do conhecimento. A cidade criativa é voltada para inovação e cultura. Inovação pode ser abordada como resultado da implementação de critérios de viabilidade para a criatividade que gera valores de mudança, melhoria e progresso em todas as atividades econômicas, sociais e culturais. A cultura – e aqui cultura não se refere apenas à arte ou às atividades artísticas, mas ao estilo de vida de uma sociedade em determinado tempo e espaço (SELDIN, 2015) – é potencializada pela interconexão tecnológica e pela mobilidade global das pessoas, dos produtos e das ideias.

A cidade criativa é um território social com uma cultura aberta à cooperação estratégica dos agentes econômicos, sociais e culturais, na qual a comunicação de novas ideias facilita o desenvolvimento e a transformação de novos produtos e serviços. Além disso, a dimensão cultural da cidade criativa age como um elemento de aprimoramento da qualidade de vida social e ambiental e ajuda a aumentar a atratividade como cenário econômico. Cidades atraentes servem como motores de crescimento econômico e revitalização social. Se conectadas à dinâmica criativa, podem ser base fundamental a favor do desenvolvimento de uma economia do conhecimento (PARDO in REIS; KAGEYAMA, 2009).

Cidades criativas são locais dinâmicos de inovação e experimentação, nos quais novas ideias florescem e pessoas de todas as profissões se encontram para transformar suas comunidades em lugares melhores para viver, trabalhar e se divertir. Reconhece-se que cidades criativas são aquelas em que os cidadãos trabalham com ideias e exigem alto padrão de qualidade de vida (REIS, 2011). Sendo assim, a definição do conceito de cidade criativa passa pela compreensão de contextos econômico, social e político, incluindo a história do lugar. Destaca-se ainda que, para uma cidade ser criativa, é preciso dispor de indústrias culturais, inovação arquitetônica, comunitarismo urbano, vizinhança e identidade (OLIVEIRA, 2010).

O primeiro a empregar o termo "cidade criativa" foi o inglês Charles Landry, no ano de 1994, no livro *The Creative City* (A cidade criativa) em parceria com o autor Franco Bianchini. No ano 2000, Landry publicou o livro *The Creative City: a toolkit for urban innovators* (A cidade criativa: um kit para inovadores urbanos). Segundo o próprio autor: "Quando o mundo está mudando drasticamente, precisamos repensar o papel das

cidades, de seus recursos e como o planejamento funciona." (LANDRY in REIS; KAGEYAMA, 2009).

Esses dois livros sugerem traços característicos das cidades criativas: valorização dos recursos culturais, correlação desses recursos com potencial de desenvolvimento econômico, políticas públicas transdisciplinares, maior participação cidadã, existência de incentivo à criatividade, infraestrutura criativa (*hard*) e estado mental favorável à criatividade (*soft*), que promovem ideias, manifestações e busca de soluções criativas em toda a sociedade e em toda a economia (REIS, 2011).

Uma cidade criativa estimula a inserção de uma cultura de criatividade, no modo como se participa da cidade (LANDRY in REIS; KAGEYAMA, 2009). Também promove os elementos de ecossistema sociocultural que é parte do sistema produtivo, no qual centros de treinamento, informação, pesquisa, bem como as áreas tradicionais da cultura (criação artística, experimentação, memória e tradição) e as atividades econômicas de todos os setores interagem para gerar valor e riqueza e melhorar a coesão social, a qualidade de vida e a atratividade da cidade como um cenário econômico e vital (PARDO in REIS; KAGEYAMA, 2009).

> Cidades e territórios criativos são, antes de tudo, espaços de articulação das diversas formas de manifestações culturais e segmentos empresariais de ponta. As cidades criativas ampliam oportunidades de ofertas culturais; utilizam elementos simbólicos para a geração de produtos, serviços e negócios; e, mediante políticas públicas adequadas e infraestrutura compatível, geram soluções inovadoras para os seus problemas, atraem talentos e estimulam a criação de novos mercados para um consumo supostamente responsável (MARINHO, in CALABRE, 2013).

Uma cidade criativa precisa de traços comuns ou mesmo óbvios como grandes espaços públicos, edifícios históricos que lembram do passado da cidade e uma ótima arquitetura que inspira o futuro. Espaços como parques públicos e ruas que trazem um equilíbrio entre carros e pedestres, lojas e escritórios e a possibilidade de encontros infortuítos (KAGEYAMA, in REIS; KAGEYAMA, 2009). Para ser criativa a cidade precisa de ruas que levem as pessoas a passear por elas: com calçadas e meio-fios funcionais, segura e confortável (com árvores e paisagem atraente), convidativa (com outras pessoas) e interessante. Conforto e convivência são fatores interessantes para construir lugares ótimos e isso requer a responsabilidade de todos.

> Em geral, uma cidade torna-se criativa por um conjunto de muitos, normalmente milhares de pequenos atos: uma obra de arte pública, um banco confortável, uma cafeteria local, uma árvore bem localizada, um edifício, um bar delicioso, uma banda musical fantástica, uma rua onde adolescentes tentam novas manobras de skate. (KAGEYAMA, in REIS; KAGEYAMA, 2009).

O espaço público é um palco privilegiado para o encontro de ideias, onde tudo (ou quase tudo) se articula. Este proporciona ambientes que favorecem a inclusão social e melhor recebem a diversidade, que integram e toleram (PARDO in REIS; KAGEYAMA, 2009). Espaços públicos e semipúblicos desempenham papel fundamental: eles são o mercado da economia criativa. Ao andar pelas cidades o que conta é o espaço adjacente aos edifícios, o espaço público em relação a esses lugares determina se o ambiente é confortável ou não (VERHAGEN in REIS; KAGEYAMA, 2009). Lugares públicos de qualidade são os maiores ativos das cidades e formam a base da vida urbana, de suas experiências e identidade. As ruas com casas residenciais, lojas, escritórios e empresas tornam-se vias ocupadas, locais para perambular e desenvolver várias atividades ao longo do dia. (IVERSEN in REIS; KAGEYAMA, 2009).

Os elementos que integram uma cidade criativa vão dos mais triviais a grandes obras urbanísticas, passando por diversidade de praças, espaços públicos de qualidade, edifícios e eventos ao ar livre, aproveitamento de margens de rios e lagos e grandes eventos culturais. Com essas questões em vista, serão abordadas quatro cidades onde a criatividade passou a desempenhar um papel importante na revitalização urbana.

A primeira cidade a ser estudada é Barcelona, considerada modelo de cidade criativa com projetos de reabilitação de espaços públicos. Em seguida, estudaremos Medellín, que trocou o título de capital do narcotráfico para o de cidade criativa através de uma gestão pública de resgate social e inclusão cultural com a instalação de bibliotecas parques em áreas periféricas. Em terceiro lugar, veremos Berlim, que utilizou da sua culturalização para a promoção de *marketing* urbano, dando atenção especial aos espaços de uso temporário em áreas degradadas da cidade. E, por fim, Lisboa, que possui histórico de valorização cultural atrelada à capacidade criativa para inovar o conceito urbano da região.

2.2.2 Casos de cidades criativas

2.2.2.1 Barcelona

Desde o fim da Ditadura Franquista, em 1975, as políticas culturais têm-se convertido no motor central de regeneração de Barcelona. No princípio essas políticas desempenharam uma função crucial no período de transição para a democracia, com o objetivo de integrar a comunidade local – sobretudo os menos favorecidos, mas também politicamente ativos – transformando-os em parceiros e presença visível das políticas urbanas. Isso traduz-se na geração de novos e melhores espaços públicos (MILES, 2012).

O fato é que aconteceu em Barcelona uma combinação de poucos megaprojetos urbanos espetaculares com dezenas de microintervenções urbanísticas de reabilitação de espaços públicos (ruas e praças) da cidade tradicional. Durante a década de 1980, foram realizados em Barcelona cerca de 150 projetos de reabilitação de espaços públicos tradicionais. Esses projetos promoveram qualidade e vitalidade no ambiente urbano e ganharam prêmios internacionais, o que ajudou a projetar a imagem de uma cidade em transformação (BALULA, 2011).

Quando, em 1986, Barcelona ganha o concurso para a realização dos Jogos Olímpicos de 1992, a cidade entra num novo ciclo de planejamento estratégico-espetacular. Esse planejamento aborda duas dimensões distintas: estratégico-radical – focada na produção de eventos de massa e em projetos urbanísticos espetaculares – e o qualitativo incremental – focado na melhoria da qualidade dos espaços públicos existentes (BALULA, 2011). Em ambos o objetivo era de tornar a cidade mais atrativa de forma a captar investimento e fixar a população.

No primeiro caso, aconteceu uma inovação orientada para a captação de novos públicos, associada ao consumo de massa e à produção de novas paisagens urbanas. No segundo caso, houve a inovação que implicou no melhoramento dos espaços públicos cotidianos, com escala de intervenção local, orientada para os residentes e as pessoas que aproveitam o espaço habitualmente e, também, à reabilitação de paisagens urbanas preexistentes.

Barcelona utilizou o momento dos jogos olímpicos e o financiamento europeu que lhe foi concedido à época para reformular sua infraestrutura e sustentar o desenvolvimento de uma nova base econômica (REIS, 2011). Como estratégia, foi elaborado um plano de dez anos no qual o desenho urbano foi apontado como prioritário, indo além da arte pública e abrangendo habitação, transportes, patrimônio e espaços

públicos (Figura 03). Além de considerar a cidade como um todo e investir na vocação criativa e na identidade de cada região (GASPAR, 2017).

FIGURA 3 - Cenários referenciais em Barcelona
Fonte: AIRPANO, 2018

Um ponto importante nesse processo transformativo é o projeto 22@Barcelona, que se direcionou à recuperação da região degradada da cidade. Funcionou no modelo de parceria público-privada e com estratégias de longo prazo. Barcelona investiu pesadamente na recuperação do patrimônio histórico, na promoção da sua imagem no exterior e na construção e fortalecimento de seus equipamentos culturais e espaços públicos. Como resultado, integrou o mapa dos pólos culturais mundiais, constatando seu poder atrativo para os visitantes (OLIVEIRA, 2010). Além disso, é citada abundantemente na literatura sobre cidades criativas como “modelo Barcelona” e é considerada receita de sucesso (BALULA, 2011; GASPAR, 2017).

2.2.2.2 Medellín

Medellín, na Colômbia, era reconhecida por ser um campo de batalha contra as drogas, marcada por anos de violência, medo e desigualdade social, que ficavam escancarados na precariedade dos espaços públicos. No período de 1960, a cidade recebeu fluxos migratórios que aumentaram sua população de 170.000 habitantes para 2,3 milhões, o que resultou em zonas de extrema pobreza em razão dos desequilíbrios de falta de emprego, transporte público e moradias adequadas. Esse desequilíbrio também resultou no isolamento geográfico da população, devido à topografia acidentada da cidade, que isolava suas comunidades dos serviços urbanos mais básicos, como saneamento, saúde e educação (GARCIA; FLORISSI, 2017).

Medellín acreditou e depositou todas as suas forças em seu foco: educação e cultura. Utilizou-se de recursos e programas educativos inusitados, como campanhas lúdicas com palhaços e grupos mímicos. Desenvolveu-se uma relação entre a escola e a cidade, onde a escola converteu-se em um grande cenário educativo. Aconteceram também projetos em toda a área da cidade, como apropriação do espaço público, melhor mobilidade e a construção de parques bibliotecas. Toda a cidade voltou-se para a convivência e a apropriação do espaço urbano.

Em 2004, uma união de forças políticas e sociais pela paz e cidadania promoveu a revitalização urbana através de ações combinadas. Estas incluíram experiências radicais no planejamento urbano e formas participativas de governo. Havia um porta-voz e intérprete das comunidades nas intervenções, que eram propostas por "oficinas participativas" com os moradores das comunidades. O urbanismo foi utilizado como ferramenta para promover a mobilidade social e a equidade (DIAS; JUNIOR, 2017). O estabelecimento dos espaços públicos, que antes eram vistos como áreas de segregação e medo, em locais onde a população pudesse conviver com qualidade foi de fundamental importância.

As mudanças no desenvolvimento urbano da cidade proporcionaram mudanças simbólicas e sociais. E partiram do princípio de que a melhor qualidade do espaço público e da educação – com incentivo da participação da população – diminuiria as desigualdades e violências (GARCIA; FLORISSI, 2017).

As ações combinadas, citadas anteriormente, incluíram estratégias voltadas para a acessibilidade e mobilidade integrada, adaptadas à geografia da cidade, como metrô (elevado e de superfície), teleférico, BRT, micro-ônibus, ciclovias, escada rolantes, pontes e passarelas. Uma outra estratégia foi a implantação do sistema pré-pago que viabilizou o fornecimento de serviços básicos a toda a população (DIAS; JUNIOR, 2017).

Criou-se ainda o Projeto Urbano Integral (PUI), que empreendeu a formação da rede de bibliotecas-parque (Figura 04) para incentivar a leitura ao ar livre. Funciona como um instrumento de intervenção urbana que abrange a dimensão física, social e institucional. Esses espaços operam como centros comunitários de convivência e lazer, com laboratórios de informática, espaço para cursos, galerias de arte e biblioteca. Suas atividades são financiadas através do investimento de 30% das receitas anuais geradas pelas empresas públicas de Medellín – provedoras de gás, água, energia e telecomunicações. Isso garante um grau de autonomia orçamentária para a prefeitura frente às esferas estaduais e nacionais (GARCIA; FLORISSI, 2017).

FIGURA 4 - Biblioteca Parque Espanha, Medellin.
Fonte: Red de Bibliotecas, 2014.

Há também um programa de desenvolvimento empresarial denominado *Centros de Desarollo Empresarial Zonal* (CEDEZO), que são espaços para fortalecimento da economia local, incentivo ao empreendedorismo, apoio ao desenvolvimento de micro e

pequenas empresas com atuação nas áreas estratégicas para a cidade (energia elétrica, têxtil, turismo, setor alimentício, serviços médicos, odontológicos e construção civil).

Medellín transformou-se em cidade educadora levando educação, cultura e arte para os espaços públicos. Percebem-se os avanços alcançados através do engajamento de sociedade civil e prefeitura em projetos coletivos. Medellín revitalizou seu tecido urbano, sua paisagem e hoje é uma cidade que se abre à vivência urbana e apresenta ao mundo uma imagem arquitetônica, social e cultural renovada.

2.2.2.3 Berlim

A cidade de Berlim, capital da Alemanha, possui tendência criativa. Essa está diretamente relacionada ao conjunto de potencialidades presentes na cidade e que começaram a ser utilizadas há alguns anos. Após a queda do muro que separava Berlim Oriental e Berlim Ocidental, aconteceu na cidade uma intensificação dos projetos de culturalização e marca urbana. No início de 1990, era preciso reformular a imagem da cidade, posicionando-a como uma potência econômica e política na Europa (SELDIN, 2016).

No início dos anos 2000, Berlim já era reconhecida como capital de cultura atraente, excitante, socialmente liberal e dotada de uma cena cultural dinâmica, distribuída em espaços autênticos (SELDIN, 2016). No contexto europeu, Berlim sempre foi famosa pelo estilo de vida barato, atraindo muitos jovens, boêmios e artistas. Então, o prefeito Klaus Wowereit resolveu explorar essa fama facilitando a entrada e concessão de vistos para artistas estrangeiros, candidatou a cidade na lista de cidades criativas da UNESCO, criou um novo slogan para a cidade "*be Berlin*", além de encorajar a formação de *clusters* de empresas criativas em espaços degradados.

As agências de *marketing* urbano locais passaram a concentrar seus esforços na promoção da subcultura como ponto atrativo da cidade, dando atenção especial aos espaços dotados de uso temporário (*Zwischennutzung*), que eram vistos como autênticos centros da cultura berlinense. As praias urbanas chamaram bastante atenção, montadas na margem do Rio *Spree* – durante o verão, funcionavam cafés, bares e mercado das pulgas. Essa prática de uso temporário foi possibilitada devido à presença abundante de vazios e brechas espaciais, grande parte resultante de processos de desindustrialização e da queda do muro (SELDIN, 2016).

Diversas abordagens criativas enriqueceram seu contexto urbano, configurando um desenvolvimento socioeconômico sustentável. Dentre os projetos urbanos e arquitetônicos focados na cultura, pode-se destacar a regeneração da *Postdamer Platz* – uma antiga área adjacente ao muro de Berlim onde hoje funcionam edifícios de escritórios (Figura 05), o complexo de entretenimento Sony Center e o edifício do parlamento (*Reischtag*) projetado por Norman Foster. A produção cultural criativa também merece destaque com ênfase nos festivas, especialmente o Festival Turístico dos Amores. Esse festival movimenta os parques ecológicos na Alemanha e tem impactado de forma positiva o universo das novas tecnologias de gestão urbana. Entre outras potencialidades criativas, o festival expressa o seu contexto econômico e cultural urbano (OLIVEIRA, 2010).

FIGURA 5 - Potsdamer, Berlim.
Fonte: RBB24, 2019.

2.2.2.4 Lisboa

Lisboa, capital e maior cidade de Portugal, é uma cidade de destino cultural intenso. É formada no seu contexto urbano por reconhecidos "bairros culturais" proponentes de um novo urbanismo: dimensão pequena para que as distâncias entre os diversos lugares sejam percorridas à pé e as pessoas tenham a possibilidade de se conhecerem, bem como serviços de transporte público eficientes. Concentração de atividades culturais, institucionais e comerciais que proporcionam uma diversidade de encontros formais e informais. Diversidade de usos, não só no bairro, mas de preferência

no quarteirão, com malha de ruas interligadas, ou seja, quarteirões de dimensões relativamente pequenas. Há concentração de edifícios que possibilitam diferentes usos e um elevado nível de atividades em diferentes horas do dia, bem como uma economia noturna que proporciona atividades de lazer, encontro e entretenimento (GASPAR *et al.*, 2017).

No processo para tornar-se uma cidade criativa, Lisboa tem utilizado suas potencialidades culturais crescentes, por exemplo, a zona Santista e o novo Museu do Oriente. O bairro de Santos é dotado de antigos palacetes que abrigaram a nobreza e a burguesia do século XVIII, possui lojas de design, escolas de artes, bares e restaurantes que atraem a população mais jovem. O Museu do Oriente (Figura 06) apresenta as artes e culturas que surgiram nos primeiros laços comerciais entre a Europa e a Ásia. Está organizado em torno de duas exposições permanentes: "Presença Portuguesa na Ásia", com vários objetos como biombos chineses e japoneses e uma coleção de porcelana brasonada da Companhia das Índias. A exposição "Deuses da Ásia" contém peças de

mitologia e religiões populares asiáticas (MUSEU DO ORIENTE, 2019).

FIGURA 6 - Museu do Oriente, Lisboa.
Fonte: Museu do Oriente, 2019.

Além disso, no processo de tornar-se uma cidade criativa, estão inclusos esforços para a inovação e recriação de espaços obsoletos. Os novos princípios e valores incluem a reabilitação, a intervenção diferenciada, a integração, a democratização e o cosmopolismo para além da harmonia e da ocupação seletiva e prudente dos vazios urbanos (GASPAR *et al.*, 2017). Logo, as dinâmicas do espaço público são valorizadas

em relação a sua funcionalidade, acessibilidade, morfologia e aos atores locais envolvidos nas relações de criatividade, vitalidade e competitividade. (BALULA, 2011).

Em Lisboa, a economia criativa como setor de maior crescimento futuro da cidade pode ser entendida como um fator determinante, entrecruzando diferentes realidades econômicas, socioculturais e tecnológicas (GASPAR *et al.*, 2017). Pode-se destacar o incentivo da Câmara Municipal de Lisboa, que tem almejado dar visibilidade à dinâmica da economia criativa e fomentar a interação entre as instituições privadas e públicas. De fato, a pretensão de que a cidade se constitua como um espaço vibrante, em que se queira viver, estudar e trabalhar devido à oferta de espaços urbanos de qualidade, dinâmicas artísticas e culturais, aposta no desenvolvimento tecnológico e diversidade de negócios associados ao mundo cultural da cidade de Lisboa e atrai cada vez mais pessoas para viverem na cidade (FURTADO; ALVES, 2012).

2.2.3 Participação popular na cidade criativa

Um dos princípios da cidade criativa é a participação popular e a inovação na gestão pública, fortalecendo os instrumentos de gestão e servindo como uma alternativa econômica, sócio-política, cultural e de sustentabilidade local e global (PAVIA, 2009). Considera-se que só haverá o florescimento da criatividade quando a administração pública se tornar imaginativa, buscando inovações sociais, e quando a criatividade perpassar por todas as áreas, como educação, saúde, política e a governança (LANDRY in REIS; KAGEYAMA, 2009).

Os governos locais são frequentemente vistos como o principal órgão responsável pela gestão dos espaços públicos. No entanto, com uma organização interna segmentada demais nem sempre é possível atender efetivamente às necessidades sociais reais. É nítido o desconforto em relação às formas de intervenção mais convencionais, com um caráter fortemente disciplinar e setorizado. A cidade criativa traz a possibilidade de assumir e desenhar intervenções mais transversais que ultrapassam a velha dicotomia público x privado. Isso permite ensaiar soluções políticas, institucionais e de governança mais criativas e inovadoras para fazer face às novas realidades urbanas. A cooperação e coordenação internas municipais podem se beneficiar de uma mudança da organização vertical para a horizontal.

O acesso e a participação no espaço público são um primeiro passo em direção ao empoderamento cívico. O envolvimento dos cidadãos é a oportunidade ideal para que os interesses individuais e diferenciados sejam transformados em práticas colaborativas.

Uma cidade criativa estimula a inserção da cultura da criatividade, no modo como se participa da cidade. Ao se incentivar a criatividade e legitimar o uso da imaginação nas esferas públicas e sociedade civil, amplia-se o conjunto de ideias e soluções potenciais para qualquer problema urbano. Ou seja, esse pensamento divergente gera múltiplas opções e, ao ser alinhado a um pensamento convergente, fecha as possibilidades a partir das quais as inovações urbanas se mostram viáveis de emergir (LANDRY in REIS; KAGEYAMA, 2009).

De acordo com Seixas e Costa (2008), existem três conceitos para tornar as cidades criativas: vitalidade, competitividade e criatividade. A vitalidade é a energia, o movimento, as dimensões dinâmicas:

> A existência em determinado contexto/escala urbana, de níveis elevados e diversas atividades (exigindo residência, habitabilidade, trabalho, cruzamento, relação), bem como de elementos que as viabilizem e sustentem tais como normas e valores de cidadania, regras de regulação), mostram-se centrais na promoção da vitalidade econômica (investimento e emprego), vitalidade social (vivências, espaços e fluxos públicos) e vitalidade cultural (representações, identidades). Em paralelo, essa vitalidade, nas suas múltiplas dimensões, requer igualmente uma forte capacidade (ou disponibilidade) transacional entre diversos atores urbanos, expressa em trocas de âmbito econômico (consumo, transação de propriedades), social (relações, compromisso e participação) e cultural (redes, trocas de informações e idéias). (SEIXAS; COSTA, 2008, p.30).

A vitalidade está vinculada ao número de eventos promovidos pela cidade. Os eventos menores, muitas vezes, são considerados mais potencializadores de dinâmicas criativas do que os de grande porte. Há também a importância de bairros culturais e recuperação de áreas degradadas e zonas portuárias ou industriais.

Já o conceito de competitividade territorial é entendido como a capacidade de um espaço de oferecer qualidade de vida e bem-estar aos seus cidadãos. Isso permite que se sustentem atividades e dinâmicas de desenvolvimento diferenciadas em relação a outros territórios (com fixação de residentes, geração de empregos), assegurando a sustentabilidade dos recursos e garantindo vínculos sócio-culturais como a participação cívica e a identidade cultural (SEIXAS; COSTA, 2008).

O terceiro conceito de Criatividade Urbana adquire uma dimensão social e coletiva, ou seja, é o resultado de atividades e projetos coletivos como somatório de tudo e não apenas de grandes intervenções ou empreendimentos. A criatividade está intimamente relacionada com as pessoas e implica a participação pública nos processos sociais. Está relacionada a uma dimensão cultural e identitária da população local, ligada às dificuldades da vida cotidiana (SEIXAS; COSTA, 2008).

Percebe-se que a criatividade é algo imaterial, flexível e leve, por isso, refletida no urbano, exige uma análise transversal na sociedade e na economia atual. A multidimensionalidade da criatividade reflete em novas formas de atuação, intervenção, consumo e organização, levando a cidade a um envolvimento da população num esforço coletivo na melhoria da qualidade de vida com diversas expressões da criatividade (PAVIA, 2009).

Portanto, torna-se fundamental a criação de uma política voltada para o exercício da cidadania e para áreas culturalmente dinâmicas, proporcionando uma qualidade de vida democrática combinada com segurança, mesmo em ambientes socialmente complexos (REIS, 2011). A inovação na gestão e o fortalecimento da participação popular são fatores decisivos para o sucesso na implementação de novas ideias para a formação de novos contextos (PAVIA, 2009).

3 OBJETO DE ESTUDO

Com o objetivo de contextualizar a discussão que será desenvolvida neste estudo de caso, este capítulo será iniciado com uma breve contextualização histórica e da conformação espacial de Belo Horizonte e região central. Em seguida, serão abordadas as intervenções e as transformações sociais no entorno da Rua Sapucaí.

O novo interesse pela Rua Sapucaí está ligado à revitalização do centro de Belo Horizonte. Promovida pela administração da cidade, a revitalização incluiu a renovação de vários espaços públicos e o incentivo à abertura de espaços culturais. As mudanças recentes da Rua Sapucaí também estão relacionadas a movimentos sociais e culturais que ocorreram no centro da cidade e iniciaram a luta por usos mais democráticos e inclusivos dos espaços públicos.

3.1 Caracterização do objeto

3.1.1 A cidade de Belo Horizonte, breve resumo: do planejamento ao ano de 2019

Belo Horizonte (B.H.) é a capital do estado de Minas Gerais localizada na região sudeste do Brasil, ilustrado na Figura 08.

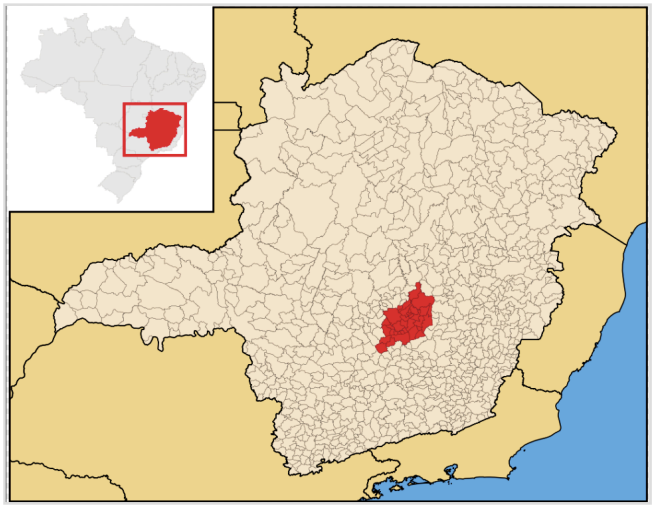

FIGURA 7 - Mapa de contextualização geográfica de Minas Gerais e Belo Horizonte.
Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

A capital mineira foi a primeira cidade planejada da república brasileira, desenhada para ser o novo centro político do Estado, e simbolizava a ruptura com os

princípios políticos monarquistas e a esperança do ideal republicano. Nasceu do propósito de se definir um traçado urbano que pudesse racionalizar as formas de ocupação e transformar a sede precária do governo do estado em urbes permanente (FREIRE, 2008).

A nova cidade foi planejada num momento de forte apelo da ideologia republicana no país. Os republicanos almejavam o progresso de Minas Gerais, tornando-o um Estado moderno e industrializado. No ano de 1894, por meio do Decreto nº 680, o governo cria a comissão construtora da nova capital. A construção foi delegada a um grupo comandado pelo engenheiro Aarão Reis. A implantação do projeto demandava a completa demolição do arraial que ali se localizava. Em março de 1895, concluiu-se a planta geral e em dezembro de 1897, a cidade foi inaugurada.

A lógica urbana foi inspirada em experiências modernas de planejamento urbano que o mundo conhecera, como a Paris Haussmaniana (1853-1870), a Washington de L'Enfant (1800) e La Plata (1882) (FREIRE, 2008). A imagem de uma cidade moderna era reforçada pelos aspectos do engenheiro responsável por sua construção, Aarão Reis, que procurou manter certa distância dos interesses locais e aproximar-se das teorias urbanísticas americanas e europeias (TREVISAN, 2012). A planta da cidade a dividiu em três seções principais: a Área Central Urbana, a Área Suburbana e a Área Rural. A Zona Urbana era dividida em quarteirões de 120x120m, ruas com 20m de largura que se cruzavam em ângulos retos e avenidas de 35m. A Zona Suburbana possuía quarteirões irregulares, lotes de tamanhos diversos e ruas traçadas em função da topografia e com 14m de largura. A Zona Agrícola era destinada a pequenos sítios com lavouras (TREVISAN, 2012). No setor urbano existiam planos para abrigar o centro administrativo da capital – área interna a Avenida do Contorno – e alojar os funcionários públicos (FREIRE, 2008).

A característica do traçado ortogonal, a fisionomia com ruas largas, avenidas arborizadas e o grande número de praças eram percebidos como a caracterização de uma filosofia e de uma política para uma nova proposta de vida comunitária e de uma nova forma de sociabilidade (AMORIM, 2015). O traçado rígido era uma das características da cidade moderna e planejada como Belo Horizonte e outras cidades americanas, que poderia ser vista como uma construção artificial, com sua forma geométrica e unidade de distância (o quarteirão) (TREVISAN, 2012).

Para os primeiros habitantes, a modernidade de Belo Horizonte era ainda mais evidente, já que quase todos vinham do interior e a capital era mais heterogênea e

anônima. Era ponto visível o crescimento populacional devido à migração campo-cidade e os diferentes tipos sociais, que acabou por promover a convivência entre pessoas estranhas, exigindo que os contatos sociais se tornassem mais objetivos e menos ambíguos (TREVISAN, 2012).

FIGURA 8 - Planta do projeto de Belo Horizonte.
Fonte: Arquivo on-line público municipal

Nas primeiras décadas de existência, Belo Horizonte cresceu e diversificou suas atividades econômicas pela facilidade de acesso e crescimento populacional, transformando-se em uma cidade funcional. Ao longo dos anos de 1920, as áreas verdes eram priorizadas em praças, parques e também nas casas; por isso, ficou conhecida como "Cidade Jardim". Nessa época também, a cidade teve grande desenvolvimento nas artes e na cultura, com o Teatro Municipal em seu momento de glória, e novas salas de cinema sendo inauguradas. Em 1926, o Conservatório Mineiro de Música foi fundado, e o primeiro Salão de Arte Moderna do Bar Brasil aconteceu em 1936.

A infraestrutura urbana foi ampliada para atender a população crescente, sinais de que a modernidade havia chegado à capital. Grandes obras foram inauguradas como o viaduto de Santa Tereza, a nova Matriz da Boa Viagem e o auto-ônibus que complementava o serviço dos bondes.

Os anos de 1940 foram um período de grande desenvolvimento da capital, sob a gestão de Juscelino Kubitscheck, e a cidade completou seu primeiro ciclo construtivo

junto com a ideação da Pampulha. Belo Horizonte teve um crescimento populacional anual médio de 7% entre 1950-1960 e foi particularmente beneficiada pelo intenso processo de crescimento da economia brasileira desse período. Por ser localizada em uma região estratégica do ponto de vista de recursos minerais, a cidade foi beneficiada pelos investimentos em setores de metalurgia de grande porte (AMORIM, 2015).

A criação da CEMIG (concessionária de luz), em 1952, garantiu alavancagem do processo industrial que havia começado nos anos de 1940. Em 1952, foi fundada a Cia Siderúrgica Mannesmann, que começaria a produzir tubos de aço sem costura em 1956. Os anos de 1960 marcaram a transferência das indústrias da área urbana de Belo Horizonte para a região metropolitana em busca de espaços adequados para a expansão de suas instalações (FREIRE, 2008) e também por intervenções físicas que responderam ao interesse do capital e do automóvel.

Na década de 70, ocorreu a homogeneização da paisagem urbana e o aparecimento de novas centralidades para os estratos médios e altos da sociedade. As ruas do centro, que até então marcavam a sua sociabilidade pelo andar a pé, foram tomadas por carros, tornando-se cada vez mais lugares de passagem, com um trânsito intenso de veículos e pedestres (TREVISAN, 2012).

Nos anos de 1980, o belo-horizontino experimentou outras mudanças em relação à cidade: inchaço, formação de aglomerados urbanos e perda de importantes marcos da história da cidade, alguns espaços de lazer e sociabilidade (como bares e cinemas) foram demolidos. A degradação ambiental também marcou esse período com ação de mineradoras e especulação imobiliária na Serra do Curral e a canalização do Ribeirão Arrudas para minimizar o problema das enchentes. Em 1981, implantou-se o metrô na superfície como uma alternativa rápida e menos poluente de transporte de massa.

As décadas de 1980 e 1990 foram marcadas por movimentos sociais, em que a população passou a exigir melhor qualidade de vida na cidade e medidas de proteção ao meio ambiente (FREIRE, 2008). Nos anos 1990, Belo Horizonte acompanha as tendências nacionais e internacionais de revalorização dos centros históricos, e projetos de intervenção física e simbólica na região central se afirmam de forma mais sistemática e concreta (TREVISAN, 2012). E, desde 1996, o Plano Diretor e a Lei de Uso e Ocupação do Solo passaram a ordenar o crescimento da cidade.

Hoje, a cidade está distante da idealizada no plano da nova capital, pois a cidade cresceu de modo confuso e caótico. Entretanto, na capital, nos últimos anos vem

ganhando forças a cena da criatividade e da cultura, podendo-se verificar características da teoria de cidades criativas desenvolvida por Florida (AMORIM, 2015).

3.1.2 A zona central e sua revitalização

A tendência internacional de revitalização de centros históricos aconteceu na Europa e na América do Norte desde a década de 1950. Nos anos de 1990, essa questão começou a ser discutida de modo mais intensivo em Belo Horizonte e, em 2004, foi lançado pela Prefeitura de Belo Horizonte – PBH o Plano de Revitalização do Hipercentro.

Esse plano foi idealizado com a participação de técnicos da prefeitura e representantes da sociedade, através de entrevista individual com algumas lideranças e oficinas coletivas de assuntos pré-selecionados. Foram definidos temas para os quais se desenvolveram diretrizes de atuação: habitação, requalificação do espaço público, atividades econômicas, sistema viário e transporte público, legislação urbana e gestão. Como o foco desta dissertação é a apropriação dos espaços públicos urbanos, foram destacadas as diretrizes relacionadas a esse assunto.

A requalificação dos espaços públicos ambientalmente degradados teve como objetivo buscar a permanência de formas tradicionais de apropriação e a introdução de novas atividades que promoveriam a diversidade social e econômica. As áreas priorizadas foram o entorno da Rodoviária, o Viaduto de Santa Tereza, a Rua Guaicurus, a Rua da Bahia e a Avenida Olegário Maciel. Também constava como objetivo do plano fortalecer o caráter de equipamentos de cultura e lazer com a realização de eventos na Praça da Estação e no Boulevard Arrudas, além de criar feiras, exposições e eventos nos espaços públicos e imóveis subutilizados, e novos espaços para atividades culturais.

A proposta deste tópico é apresentar os pontos do hipercentro de Belo Horizonte que passaram por revitalização urbana, apresentados na figura 10, desenvolvendo um relato descritivo de sua importância histórica, das intervenções e transformações físicas.

FIGURA 9 - Indicação da área de estudo.
Fonte: Elaborado pela autora com base de dados disponíveis em Google Maps.

Praça da Estação - A praça Rui Barbosa é conhecida popularmente como Praça da Estação, por abrigar a estação ferroviária e a estação central do metrô de superfície. A Estação Ferroviária começou a ser construída em 1904, com sua inauguração no ano de 1914. Considerada a "porta de entrada" da nova capital, constituiu-se como um local de grande circulação – tanto de pessoas e mercadorias como de ideias. A região constituía-se como um lugar de significativa sociabilidade urbana, com reunião de grande número de hotéis e pensões para quem chegava na cidade, atividades de comércio e lazer, de negócios, de reuniões e manifestações públicas, fixando-se na representação dos habitantes como "centro da cidade" (MOREIRA, 2008).

Do ponto de vista da centralidade econômica, o entorno da praça contava com a Av. do Comércio, atual Av. Santos Dumont, e a Rua dos Caetés, que concentravam praticamente todo o comércio e serviço da cidade. A área entre o Ribeirão Arrudas e a linha férrea era destinada à ocupação de galpões para armazenamento de produtos e matéria prima; a Casa do Conde, o 104 Tecidos e a Serraria Souza Pinto são edificações ainda remanescentes (ARROYO, 2003).

Devido ao grande fluxo de passageiros e à demanda da nova Capital, a primeira estação foi derrubada e uma nova Estação Ferroviária em estilo eclético foi inaugurada

em 11 de novembro de 1922 (AMORIM, 2015). Também nos anos de 1920, a praça recebeu jardins no estilo francês, com canteiros geométricos, baixa vegetação e espelhos d'água (TREVISAN, 2012).

No final de 1950, a praça Rui Barbosa passou a abrigar os pontos finais de bondes e trolebus. E em 1962, foi construído o Edifício Central, que é um complexo de salas e lojas com caráter de comércio popular. No ano de 1965, aconteceu a duplicação da Avenida dos Andradas, que agora corta a praça ao meio, com perda significativa de sua área dos jardins, um lago e esculturas (TREVISAN, 2012).

FIGURA 10 - Vista da praça da estação antes da duplicação da Avenida dos Andradas.
Fonte: GRUPO Praça da Estação, 2012.

Ao longo do tempo, a praça foi sendo abandonada pelos moradores de Belo Horizonte. O principal motivo foi a funcionalidade ultrapassada da Estação Ferroviária, uma vez que predomina no país o transporte rodoviário. Assim, o uso do lugar modificou-se dando espaço a estacionamento de carros e caminhões (AMORIM, 2015).

FIGURA 11 - Praça Rui Barbosa (Praça da Estação), utilizada como estacionamento de veículos.
Fonte: GRUPO Praça da Estação, 2012.

A partir de 1980, a população de Belo Horizonte voltou a usar a praça com manifestações políticas, comícios e passeatas, tornando o local um espaço de interlocução entre a sociedade civil e o governo (AMORIM, 2015).

Em 1995, a prefeitura de Belo Horizonte contratou os projetos de restauração da praça, tendo como objetivo a recuperação de seus jardins (suprimidos devido à duplicação da Avenida Andradas) e de todo o seu conjunto urbanístico. O projeto foi pensado de forma global com a implantação por etapas. Em 2004, a requalificação da esplanada, localizada em frente a Estação Ferroviária, foi executada com a retirada do estacionamento de veículos do local (Figura 16), a instalação de dois conjuntos de fontes secas (jatos de água sem a formação de lagos), mobiliário urbano, novo piso e iluminação (TREVISAN, 2012).

No ano de 2006, o Museu de Artes e Ofícios foi inaugurado no prédio da Estação Ferroviária. No ano seguinte, com a implantação do projeto *Boulevard* Arrudas[1] (Figura 14), completou-se a restauração da praça. Parte do seu paisagismo original foi restabelecido, e com o fechamento de trecho da Avenida Santos Dumont os dois lados do jardim foram unidos, aumentando a sua área.

FIGURA 12 - Avenida dos Andradas, antes da construção do *Boulevard* Arrudas.
Fonte: GRUPO Praça da Estação, 2012.

[1] Uma das maiores intervenções na região central de Belo Horizonte, o projeto Boulevard Arrudas partiu de uma proposta mais ampla, do governo do Estado, com o intuito de estabelecer a ligação entre o hipercentro de Belo Horizonte e a região norte da cidade, chegando ao Aeroporto Internacional. O tamponamento do Ribeirão Arrudas sofreu críticas referentes à supressão de um referencial simbólico para a população da cidade. A obra implantou um alargamento significativo da largura das calçadas em toda a sua extensão, nova iluminação pública, mobiliários urbanos e paisagismo.

FIGURA 13 - Avenida dos Andradas, após a construção do *Boulevard* Arrudas.
Fonte: GRUPO Praça da Estação, 2012.

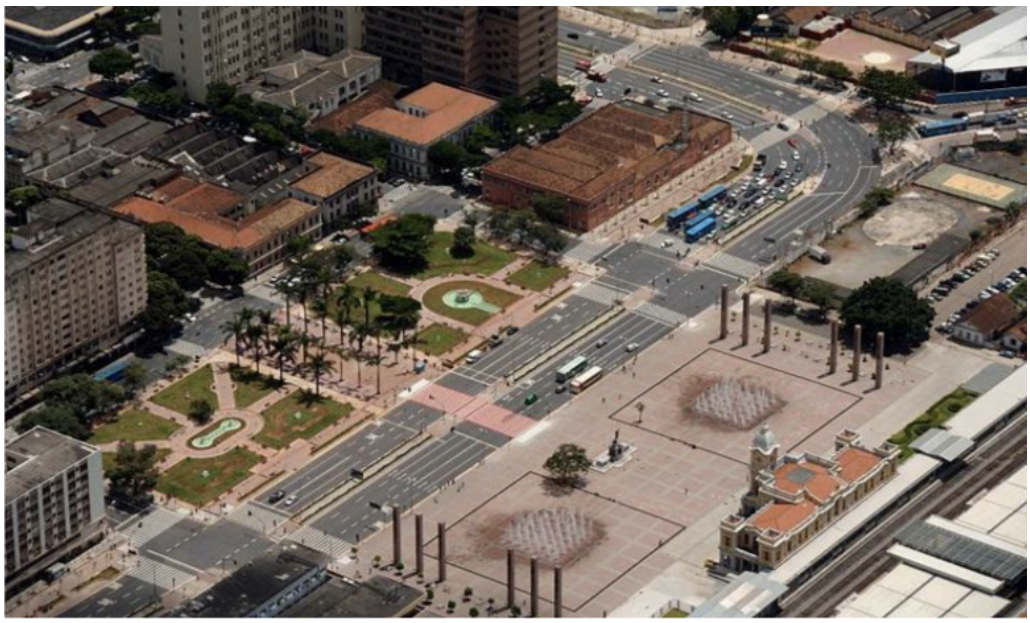

FIGURA 14 - Vista aérea atual da Praça da Estação
Fonte: TREVISAN, 2012.

O Museu de Artes e Ofícios (MAO) - é um espaço cultural criado para contar a história do trabalho, das artes e dos ofícios no Brasil. O acervo conta com mais de 2.500 peças originais dos séculos XVIII ao XX entre instrumentos, utensílios, máquinas e ferramentas de ofícios tradicionais como: transporte, mineração, ourivesaria e lapidação, tecelagem, energia e curtumes. A coleção foi iniciada pelo engenheiro Flávio Gutierrez e foi idealizado pela Angela Gutierrez, que também é presidente do Instituto Cultural Flávio Gutierrez.

O MAO funciona nos prédios restaurados das antigas estações das estradas de ferro Central do Brasil e Oeste de Minas e onde atualmente funciona a estação central do

metrô de Belo Horizonte. Além de salas de exposição, o museu possui espaços administrativos e de apoio e um café. Funciona de quarta a sábado e nos feriados, às terças-feiras é possível visitar, se agendado previamente. A entrada no MAO está gratuita devido a uma parceria com a Companhia de Trens Urbanos (CBTU) e o Serviço Social da Indústria (SESI). A instalação do MAO na praça da estação está intimamente relacionada ao processo de revitalização urbana do entorno (Figura 16).

FIGURA 15 - Fachada do Museu de Artes e Ofícios (antigo Prédio da Estação) e esplanada da praça. Foto: Andreia Bueno. Disponível em: https://www.cidadeecultura.com/museu-de-artes-e-oficios/

O conjunto paisagístico e arquitetônico da Praça da Estação conta também com os edifícios da Casa do Conde de Santa Marinha (atual FUNARTE), edifício da antiga Serraria Souza Pinto e Escola de Engenharia da Universidade de Minas Gerais (UFMG) e os viadutos de Santa Tereza e Floresta.

Casa do Conde de Santa Marinha - Foi construída junto com a capital para servir de residência para o construtor Antônio Teixeira Rodrigues, o conde de Santa Marinha. O imóvel e os galpões do entorno abrigavam a família do conde e as atividades comerciais. Nos dias atuais o complexo abriga a Fundação Nacional de Artes (FUNARTE), que realiza shows e eventos em seu interior e nos galpões (Figura 17).

FIGURA 16 - Casa do Conde de Santa Marinha.
Fonte: IPHAN, 2019.

Serraria Souza Pinto - A Serraria faz parte do conjunto arquitetônico da Praça Rui Barbosa. Foi construída no ano de 1912 e foi a primeira construção na cidade de Belo Horizonte a utilizar estruturas de ferro. O edifício abrigava a sede da indústria "A Industrial", que era uma serraria e também comercializava materiais de construção civil. No ano de 1981, foi tombada pelo IEPHA-MG e foi restaurada em 1997 para realização de eventos culturais, empresariais, técnico-científico, sociais e comerciais (Figura 18).

FIGURA 17 - Fachada da Serraria Souza Pinto.
Fonte: Fundação Clóvis Salgado, 2019.

A central - O edifício que hoje abriga um restaurante e espaço para eventos foi inaugurado no ano de 1908 para abrigar a Companhia Industrial de Belo Horizonte e, a partir da década de 30, passou a ser ocupado por companhias têxteis. Por isso, é conhecido como 104 tecidos. Em sua história, o galpão passou por inúmeras reformas que o descaracterizaram do projeto inicial. Foi restaurado nos anos 2000 e também integra o conjunto arquitetônico e urbanístico da Praça Rui Barbosa tombado pelo IEPHA-MG (Figura 19).

FIGURA 18 - A Central
Fonte: PRÉ-PROJETO Zona Cultural Praça da Estação, 2019.

Centro Cultural da UFMG - é um órgão da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) que se constitui como um significativo aparelho cultural disponibilizado

ao público, com o objetivo de contribuir para potencializar a produção do conhecimento e da cultura através das artes e do seu meio de produção. Na sua programação, há exposições itinerantes e projetos diversos, tais como o Cine Centro, que oferece ao público em geral uma alternativa de lazer com a exposição de filmes clássicos de diversos gêneros; as exibições acontecem às terças-feiras, às 19h, com entrada franca. Existem também projetos de residência artística, ateliê aberto e oficina para todos (oficinas gratuitas nas áreas de cerâmica, desenho, escultura, gravura, pintura, fotografia, dança, teatro entre outros) (Figura 20).

FIGURA 19 - Centro Cultural UFMG
Fonte: UFMG, 2019.

Viaduto de Santa Tereza - O viaduto projetado pelo engenheiro Emilio Baumgart é o responsável pela ligação do centro aos bairros Floresta e Santa Tereza. Inaugurado no ano de 1929, foi tombado pelo Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais (IEPHA-MG) como parte integrante do conjunto arquitetônico da Praça Rui Barbosa. Na década de 1990, o viaduto passou por um intenso processo de deterioração com pichações em seus arcos, luminárias quebradas e as escadas sendo utilizadas como sanitários. Em 1999, a sua estrutura foi recuperada e seus elementos arquitetônicos restaurados com o objetivo de promover a reabilitação urbana (TREVISAN, 2012) (Figura 21).

FIGURA 20 - Viaduto de Santa Tereza
Fonte: Área de Serviço. Disponível em: http://pulabh.com.br/belo-horizonte-agora-e-casa-mural-mais-alto-de-arte-urbana-da-america-latina/

Na Rua Sapucaí, destacam-se a sede do Instituto Andrade Gutierrez, o prédio do futuro Centro de Memória Ferroviária a ser implantado no edifício dos escritórios da RFFSA e o Circuito Urbano de Artes (CURA).

O Instituto Cultural Andrade Gutierrez (ICFG) é uma entidade cultural do terceiro setor, sem fins lucrativos e integrante do Sistema Nacional de Museus. Sua missão é criar e promover espaços que gerem o intercâmbio de ideias, reflexão, formação de novo público, e ampliar a memória nacional. Sob sua administração estão os museus: MAO, Museu do Oratório e Museu de Sant'ana. A filosofia do ICFG é de organizar as coleções e posteriormente doá-las ao IPHAN, além de envolver a recuperação de prédios históricos nos quais os museus são instalados.

O Centro de Memória Ferroviária será implantado no casarão localizado na Rua Sapucaí, 383. Com estilo eclético, foi construído na década de 1910, para ser sede da Rede Ferroviária Federal, extinta RFFSA, e funcionou com essa finalidade até a extinção do órgão. Por esse motivo, permaneceu fechado por mais de dez anos e foi reaberto durante as edições da Casa Cor Minas Gerais dos anos 2017 e 2018. A parceria entre a Multicult – empresa promotora de eventos diversos, entre eles a Casa Cor – e o IPHAN

está proporcionando a restauração integral com o patrocínio da VLI Logística. A previsão é de que o casarão esteja totalmente restaurado até o final de 2020.

FIGURA 21 - Centro da Memória Rodoviária
Fonte: PORTAL G1, 2019.

3.1.3 Os movimentos culturais na região central de Belo Horizonte

A região central de Belo Horizonte vem experimentando, em seus últimos anos, uma intensa utilização e apropriação ligadas, principalmente, a manifestações culturais diversas. Essa nova movimentação é quase sempre protagonizada por jovens que uma vez identificados com o grupo e com sua causa passam a integrá-lo (TREVISAN, 2012).

Em dezembro de 2009, o então prefeito de Belo Horizonte – Márcio Lacerda – publicou o Decreto nº 13.798, que proibia eventos de qualquer natureza na Praça da Estação com o intuito de garantir a segurança pública, diminuir a aglomeração de pessoas a fim de preservar o espaço público, como se vê abaixo:

> Decreto nº 13.798 de 09 de dezembro, 2009 - O Prefeito de Belo Horizonte, no exercício de suas atribuições legais, em conformidade com o disposto no art. 31 da Lei Orgânica Municipal, considerando a dificuldade em limitar o número de pessoas e garantir a segurança pública decorrente da concentração e, ainda, a depredação do patrimônio público verificada em decorrência dos últimos eventos realizados na Praça da Estação, em Belo Horizonte, DECRETA: Art. 1º - Fica proibida a realização de eventos de qualquer natureza na Praça da Estação, nesta Capital. Art. 2º - Este Decreto entra em vigor no dia 1º de janeiro de 2010. (Diário Municipal do Município de 10 de dezembro, 2009) [2].

[2] Decreto Publicado pela Prefeitura de Belo Horizonte no Diário Oficial do Município. Disponível em: portal6.pbh.gov.br/dom/iniciaEdicao.do?method=DetalheArtigo&pk=1017732. Acesso em: 30 jul. 2019.

A decisão encontrou forte oposição dos cidadãos, que começaram a discutir, nas redes sociais, sobre a decisão autoritária do prefeito e a possível gentrificação que poderia ocorrer com a aplicação do decreto. O movimento contra o decreto da prefeitura iniciou-se com um protesto "Vá de Branco", organizado nas redes sociais, e aconteceu no dia 7 de janeiro de 2010, juntando cerca de 50 pessoas. Nesse encontro, os manifestantes sentiram a necessidade de iniciar um movimento de raiz popular, não partidário, em favor da cultura local e gratuita (AMORIM, 2015).

Desse primeiro encontro, surgiram os eventões que convidavam as pessoas a permanecerem nos espaços públicos da cidade de maneira lúdica, divertida e aparentemente despretensiosa. Em um cenário com roupas de banho, boias, cadeiras, cangas, guarda-sol, tambores e guitarras, iniciou-se o movimento "Praia da estação", com encontros em todos os sábados do verão.

Muitas pessoas aderiram ao protesto, o que causou a intervenção do poder público no local, proibindo a instalação de sistemas de som. Houve a tentativa da polícia de impedir que o evento acontecesse, com a delimitação do espaço da praça com fitas de isolamento e com o argumento de que cadeiras e barracas são mobiliário urbano. Para desconstruir os argumentos dos policiais, foi contra-argumentado que pessoas reunidas não configuravam um evento e as cadeiras e barracas foram seguradas no ar. O ato de proibição do evento causou indignação nos manifestantes, que decidiram bloquear o tráfego de automóveis no entorno da praça, fazendo com que alguns manifestantes fossem presos.

Em outra tentativa de boicotar o evento, os policias desligaram as fontes de água existentes no chão da praça que eram utilizadas para banho. Entretanto, os presentes

arrecadaram dinheiro entre eles e compraram um caminhão-pipa para jogar água nos manifestantes e dar sequência à Praia da Estação.

FIGURA 22 - Praia da Estação.
Fonte: SouBH. Foto de divulgação

A repercussão na mídia local e nacional e a persistência dos manifestantes em continuar o movimento todos os finais de semana, com mais adeptos e outras práticas culturais, fizeram com que a prefeitura reagisse e, em 4 de maio de 2010, o decreto que proibia os eventos foi revogado. O movimento foi sendo solidificado e continua a acontecer todos os sábados do verão e, esporadicamente, também em dias quentes do ano e está vivo até então.

Durante os encontros de janeiro de 2010, os manifestantes decidiram realizar um bloco de carnaval do movimento. Em um cenário quase inexistente do carnaval de rua na cidade de Belo Horizonte, o ressurgimento foi estimulado por foliões que saíram às ruas, nos dias de festa, ocupando as comunidades da cidade com marchinhas políticas, instrumentos musicais e fantasias. Os manifestantes, a fim de criticar as proibições do poder público ao uso da cidade e questões ligadas à cultura, entre outras insatisfações, saíram da Praça da Estação em direção à prefeitura, onde fizeram a lavagem simbólica das escadarias como forma de descontentamento em relação às arbitrariedades e privilégios concedidos pelo prefeito.

Ao longo dos anos, o carnaval foi ganhando força e se destacando no cenário nacional. O carnaval de Belo Horizonte é um ato político, de rua e de resistência às arbitrariedades dos governantes. Os blocos de carnaval, em sua maioria, são inclusivos,

democráticos, horizontais e com o pé no chão, qualquer um pode tocar e cantar desde que mantenha o espírito gentil e alegre e ocupe o espaço público.

O carnaval do ano de 2019 reuniu mais de 4 milhões de participantes, sendo um dos maiores do Brasil e potencializando a cultura, a diversidade e o turismo na cidade.

Outro grande movimento cultural da cidade que se dá no entorno da Praça da Estação é o Duelo de MC's, considerado o maior movimento de *rap* e *hip hop* do Brasil. O Duelo acontece embaixo do Viaduto de Santa Tereza e lá é ponto de encontro e convivência, principalmente dos moradores de bairros de periferia e baixa renda da cidade, conforme destacado abaixo:

> Agregados aos usos tradicionais da região, ligados ao caráter popular, aos usuários do transporte coletivo, à grande circulação de pedestres, automóveis e ônibus, algo de novo se estabelece no Baixo Centro. Do Duelo de MC's, debaixo do viaduto de Santa Teresa, passando pelos sábados na Praia da Estação […] algo pulsa, "mistura" as pessoas, revela grupos em espaço que é ao mesmo tempo tradicional (pois conta por meio das suas edificações, um pouco da história da formação da cidade), transformando, novo, reapropriando. (TREVISAN, 2012, p. 25)

3.1.4 Potencial criativo da cidade de Belo Horizonte

No cenário de cidade criativa, Belo Horizonte chama a atenção pela receptividade do povo mineiro, expressando seu espírito acolhedor para quem quiser se deliciar em seus diversos segmentos culturais. Destacam-se uma culinária singular, um enorme patrimônio histórico-cultural adicionado à vida noturna e as programações culturais e artísticas que alegram a vida na capital mineira (OLIVEIRA, 2010).

Em 2010, após a inauguração da Cidade Administrativa do Estado de Minas Gerais e a transferência oficial do governo do estado, concretizou-se o Circuito Cultural Praça da Liberdade. Ele é composto por 15 instituições, dentre museus, centros de cultura e de formação, que mapeiam os diversos aspectos do universo cultural e artístico em um mesmo local com parcerias públicas e privadas.

São diversos os festivais de rua, como a Virada Cultural e o Savassi *Jazz* Festival, que são organizados pela prefeitura ou empresas privadas e os festivais internacionais como o Festival Internacional de Teatro (FIT), Festival Internacional de Curtas, Festival Internacional de Fotografia (FIF), Festival Literário Internacional, Festival Internacional de Corais, dentre outros.

O Savassi Festival é um evento dedicado ao jazz e à música instrumental que acontece em Belo Horizonte, desde o ano de 2003, com shows no espaço público. O evento costuma acontecer no cruzamento de duas ruas, com tapetes e almofadas ocupando a pista de rolamento onde as pessoas chegam e se espalham. O evento estimula a criatividade cultural musical e promove o desenvolvimento socioeconômico urbano (OLIVEIRA, 2010).

A Virada Cultural de Belo Horizonte propõe vinte e quatro horas de programação artística e cultural em diversas áreas: música, teatro, dança, circo, literatura, artes plásticas, artes cênicas, artes visuais, performance, moda e gastronomia. Esse movimento que já faz parte do calendário oficial de BH reúne e apresenta o que há de melhor no cenário artístico da capital e região Metropolitana. Com pegada de transgressão, a Virada propõe de forma direta uma discussão sobre temas ligados ao cotidiano da cidade, como o uso do espaço público, sustentabilidade, mobilidade, acessibilidade e novas vivências. A Virada é, principalmente, a ocupação do espaço urbano pelo público e pelo artista, nas suas mais diversas expressões (PBH, 2019).

O concurso "Comida di Buteco" foi criado no ano de 1999 em Belo Horizonte. A ideia nasceu na extinta rádio Minas Gerais com o objetivo de estimular a criação de novas receitas pelos bares. O primeiro ano de realização do evento foi 2000 e contou com 10 bares participantes. O "Comida di Buteco" dura aproximadamente 30 dias e elege (por votos do público participante e jurados) o melhor bar em alguns quesitos específicos: tira-gosto, higiene, bebida e atendimento. O evento une a gastronomia a outras atrações culturais, como grupos musicais e teatrais, intervenções artísticas no banheiro, entre outros, além de ser responsável por projetar o nome da cidade na imprensa nacional e internacional (MEDEIROS, 2009).

O Minas *Trend Preview* é uma semana de moda que acontece desde 2007, duas vezes ao ano, e apresenta grande diversidade de novas marcas em Belo Horizonte. O evento surgiu para fomentar a indústria da moda mineira e tem o objetivo aproximar fabricantes e lojistas. Reunindo os principais nomes e marcas do universo da moda de Minas e do Brasil, o Minas *Trend* se tornou um dos principais eventos de pré-lançamento, antecipando tendências.

O Circuito Urbano de Artes (CURA) é o primeiro festival de pintura de empenas de Belo Horizonte. Sua primeira edição foi em Agosto de 2017. O festival realizou a pintura de quatro prédios e dois muros, um localizado na Rua Sapucaí e outro dentro da Estação Central de Metrô. Na última edição, em 2018, o festival pintou mais quatro prédios e um muro. Todos podem ser avistados da Rua Sapucaí, transformando a rua no primeiro mirante de arte urbana do mundo (CURA, 2019). Os murais pintados têm entre 450 e 1.780 metros quadrados, sendo um deles o mural mais alto pintado por uma mulher na América Latina, a argentina Milu Correch, com 56 metros de altura.

Além das potencialidades criativas da capital mineira, a economia criativa está criando mecanismos para utilizá-la no desenvolvimento social e econômico da cidade. Ademais, esses projetos abrem discussões e apontam caminhos no desenvolvimento de projetos de ocupação do espaço público por meio da arte. Caminho esse que já está sendo vivido pela Rua Sapucaí.

3.2 Metodologia de análise

Os procedimentos adotados para o desenvolvimento deste trabalho se baseiam em analisar a Rua Sapucaí considerando suas características como lugar físico, público e social importante. E, ainda, analisar como o seu espaço é afetado pelos usos e apropriações dos empreendimentos criativos e a relação que as pessoas estabelecem com a rua.

O caráter da pesquisa será quali-quantitativo. É feita uma análise, por meio de elementos objetivos e subjetivos, com múltiplos métodos de coleta de dados, explicitados a seguir. O uso simultâneo de múltiplos métodos é importante para ressaltar a validade dos resultados e afirmar a confiabilidade da pesquisa. Esta pesquisa inclui duas abordagens, qualitativa e quantitativa:

> Uma **abordagem quantitativa** é a que o investigador primeiramente utiliza os pressupostos pós-positivista para o desenvolvimento do conhecimento (…) emprega estratégias como experimentos e levantamentos e coleta dados por instrumentos pré-determinados que resultem em dados estatísticos. Alternativamente, a **abordagem qualitativa** (…) baseia-se em perspectivas construtivistas ou participativas. Utiliza estratégias de pesquisa como (…) estudos de caso.O pesquisador coleta dados não estruturados e emergentes (…).
> (CRESWELL, 2003, p.19-20 *apud* MASSUKADO, 2008, grifos dua autor)

A caracterização biofísica do território foi realizada através de mapas temáticos de geoprocessamento (disponibilizados pela Prefeitura de Belo Horizonte[3]), por camadas analíticas, para avaliar a diversidade de uso dos imóveis, vazios urbanos, áreas verdes e tipologia dos imóveis.

Para qualificar a rua como um espaço bem-sucedido e capaz de atrair novos utilizadores, levantaram-se alguns dados através de pesquisa de campo e recursos de geoprocessamento. Foram observadas: a segurança viária, a atratividade, a condição das calçadas, as atividades econômicas presentes e as residências.

Os empreendimentos criativos foram pesquisados com entrevistas semiestruturadas. Esta é uma técnica que não só favorece a descrição dos fenômenos sociais, mas também uma explicação e compreensão da totalidade (MANZINI, 2004). O foco principal é colocado pelo investigador-entrevistador em seus questionamentos básicos. Esses são apoiados em teorias e hipóteses que se relacionam ao tema da pesquisa.

A escolha dessa estratégia foi dada com a finalidade de analisar a manifestação em profundidade, conhecer as representações e percepções existentes no ambiente, captar e analisar o discurso dos indivíduos envolvidos no movimento e observar os acontecimentos e interações nos espaços urbanos.

O questionário, que se encontra no Apêndice A, foi organizado com doze perguntas a fim de avaliar como esses empreendimentos notam-se em relação à Rua Sapucaí. Os entrevistados escolhidos foram os que possuíam empreendimentos com características criativas: Benfeitoria, Sapucaí Butequim, *Mi Corazón* e Salumeria Central.

As entrevistas foram realizadas por chamadas de vídeo pelo *Skype* [4] no mês de maio de 2019, com exceção do *Mi Corazón*, cuja entrevista foi realizada no próprio empreendimento. A duração aproximada de cada entrevista foi de uma hora e todas foram gravadas e transcritas posteriormente.

Durante o momento das entrevistas, foram, também, registradas observações próprias da autora e dos entrevistados. Estas foram incluídas nas análises quando significativas.

O contexto social da rua, bem como a atratividade para os frequentadores e a percepção destes sobre o espaço pesquisado foram trabalhados com métodos

[3] Dados disponíveis em: https://bhgeo.pbh.gov.br. Aceso em 02 jul. 2019.

[4] O skype é o software que permite conversas on-line com o mundo inteiro, a partir de chamadas de vídeo, voz, mensagens e compartilhamento de arquivos. Disponível em: support.skype.com/pt/faq/ FA6/o-que-e-o-skype.

quantitativos. Utilizou-se um questionário, disponível no Apêndice B, que foi organizado baseado na metodologia de avaliação do espaço urbano *Project for Public Spaces*.

Para se avaliar um espaço público, pode-se utilizar a metodologia de avaliação da qualidade dos espaços públicos proposta pela organização norte-americana *Project for Public Spaces* (PPS), que está disponível através de sua página na internet. Essa organização tem por objetivo estabelecer as características de um espaço verificando o que atrai as pessoas e o que torna um espaço público bem-sucedido enquanto um outro falha.

Após a observação de espaços públicos em alguns lugares do mundo, principalmente nos Estados Unidos, o PPS destacou quatro qualidades chaves para o sucesso de um espaço público: (1) a acessibilidade, (2) a possibilidade de usos para diversas atividades, (3) o conforto e a imagem do espaço e a (4) possibilidade de ser um local para se socializar. Com essas quatro componentes, é possível fazer uma avaliação do espaço público com a ajuda dos cidadãos, e o Diagrama do Lugar (*The Place Diagram*) pode ser usado como guia e ferramenta de avaliação.

A avaliação é feita a partir da escolha de um local de intervenção, como praça, jardim ou rua. Procede-se a avaliação do espaço através dos quatro atributos chaves presentes no anel interior do diagrama (as quatro qualidades essenciais). No anel do meio, há vários aspectos qualitativos que contribuem para a avaliação do espaço. No anel exterior, encontram-se os aspectos quantitativos que poderão ser medidos em um levantamento e que podem ser usados em pesquisas e dados estatísticos (Figura 23).

FIGURA 23 - Diagrama de Lugar - *The Place Diagram*
Fonte: Belarua

Acessos e Ligações - Devido as suas conexões, é possível avaliar a qualidade do espaço, através da sua acessibilidade. Um local com fácil circulação e acessibilidade tem mais probabilidade de ser bem-sucedido. A visualização também é um ótimo fator para se levar em conta, pois a visualização à distância induz a segurança. A acessibilidade está relacionada ao número de infraestruturas existentes no raio de ação do espaço público, tais como: estacionamentos e redes de transporte público.

Conforto e Imagem - O espaço confortável e com uma boa imagem é a chave para o sucesso. Conforto inclui noções de segurança, limpeza e locais para sentar – dada a importância de oferecer às pessoas a chance de sentar e permanecer por tempo indeterminado.

Usos e atividades - As atividades são as razões pelas quais as pessoas visitam em primeiro lugar o espaço e depois continuam voltando. São elas também que tornam o lugar especial ou único. Se não há nada para fazer em um lugar, ele fica vazio e sem uso. É importante ter em mente alguns fatores na avaliação e uso do lugar: muitas atividades e pessoas com oportunidades de participar, balanceamento de uso entre homens e mulheres, pessoas de diferentes idades utilizando o espaço, é utilizado ao longo do dia, o espaço é atrativo para pessoas em grupo ou sozinhas (se for usado pelas duas opções,

indica que o espaço é melhor do que frequentado por apenas uma das opções), como esse espaço é gerenciado (o determinante final do sucesso de um lugar é o quão bem ele é gerenciado).

Sociabilidade - Este pode ser considerado o conceito mais difícil de ser alcançado, mas uma vez alcançado torna-se uma característica inconfundível. Se as pessoas veem amigos, conhecem os vizinhos ou sentem-se à vontade para interagir com desconhecidos, elas tendem a sentir um forte senso de lugar ou apego à sua comunidade – e ao lugar que promove esses tipos de atividades sociais.

Em síntese, este é um método bem simples, porém bastante eficaz. Assinala pontos de frequência do espaço, colocando parte da ferramenta na análise do atributo do espaço. Baseia-se em questões de fácil percepção por parte dos cidadãos, detectando os problemas existentes e sendo possível procurar soluções.

Acrescentaram-se questões relacionadas ao perfil socioeconômico dos entrevistados, com o objetivo de verificar se as pessoas mais diversas estão inclusas nesse espaço urbano, e como elas o avaliam.

Contendo cinco sessões, o questionário apresentava na primeira sessão cinco questões referentes ao perfil socioeconômico (sexo, idade, grau de escolaridade, faixa salarial e local de residência); na sessão dois, seis perguntas sobre acessos e ligações (rua preparada para receber pessoas com deficiência física, rede de transportes ao redor, passeios e acessibilidade); oito perguntas sobre conforto e imagem da rua (locais para sentar, limpeza e manutenção, segurança, espaço para pedestres, conforto térmico) na sessão três; quatro questões sobre usos e atividades da rua (pessoas conversando, atividades diversas) na sessão quatro; e oito perguntas sobre a sociabilidade (amigos se encontrando, orgulho e cuidado com a rua) na sessão cinco.

Para a definição da quantidade mínima de questionários a serem aplicados para tornar a amostra representativa, utilizou-se o cálculo de amostra de Glauber Santos[5], onde a confiabilidade considerada foi de 90% e a margem de erro de 10%, gerando assim uma amostra mínima de 68 questionários. A equação para cálculo da amostra é:

$$n = \frac{N \times Z^2 \times p \times (1-p)}{Z^2 \times p \times (1-p) + e^2 \times (N-1))} \qquad (1)$$

[5] Disponível em: https://praticaclinica.com.br/anexos/ccolaborativa-calculo-amostral/ccolaborativa-calculo-amostral.php

n: amostra calculada

N: população bairro Floresta

Z: variável normal padronizada associada ao nível de confiança

p: verdadeira probabilidade do evento

e: erro amostras

A pesquisa foi realizada durante uma semana de junho de 2019, principalmente no período de final de tarde e à noite. A presença da autora na região aconteceu de acordo com a manifestação que ela gostaria de acompanhar, sendo que a maior parte do tempo permaneceu no período noturno, uma vez que o funcionamento dos empreendimentos criativos se dá nesse horário, e em frequências anteriores ao local a autora observou a transformação do público da rua.

Atualmente, quem se dirige à Rua Sapucaí no período matutino encontrará uma rua calma e com pouco fluxo de pedestres. Altera-se no horário de almoço, com as pessoas se deslocando para os restaurantes, porém somente a partir das 16h, com o início do funcionamento dos empreendimentos, um maior fluxo de pessoas é notado. À medida que a noite avança, a região é inundada por pessoas que saem do trabalho e jovens que chegam para se encontrar. Durante a semana, o maior fluxo é de pessoas da faculdade Estácio de Sá e de pequenos grupos que marcam encontros com amigos na região. Nos finais de semana o público se desloca para a Rua Sapucaí para aproveitar a diversão.

Para averiguar a percepção das pessoas sobre o uso da rua, os entrevistados foram sempre pessoas transeuntes da Rua Sapucaí e que estavam encostados no balaústre, com os cuidados necessários para o respeito com o entrevistado e a apresentação da dissertação. Não foram abordadas pessoas presentes no interior dos empreendimentos da Rua Sapucaí, o contato mais direto aconteceu com os empreendedores donos dos bares e com pessoas que ficam nas muretas. No total, foram respondidos 87 questionários.

3.3 Os bairros Centro e Floresta

A Rua Sapucaí está localizada na área central de Belo Horizonte na divisa entre os bairros Centro e Floresta. Por esse motivo, é necessário um breve mapeamento das condições dos dois bairros.

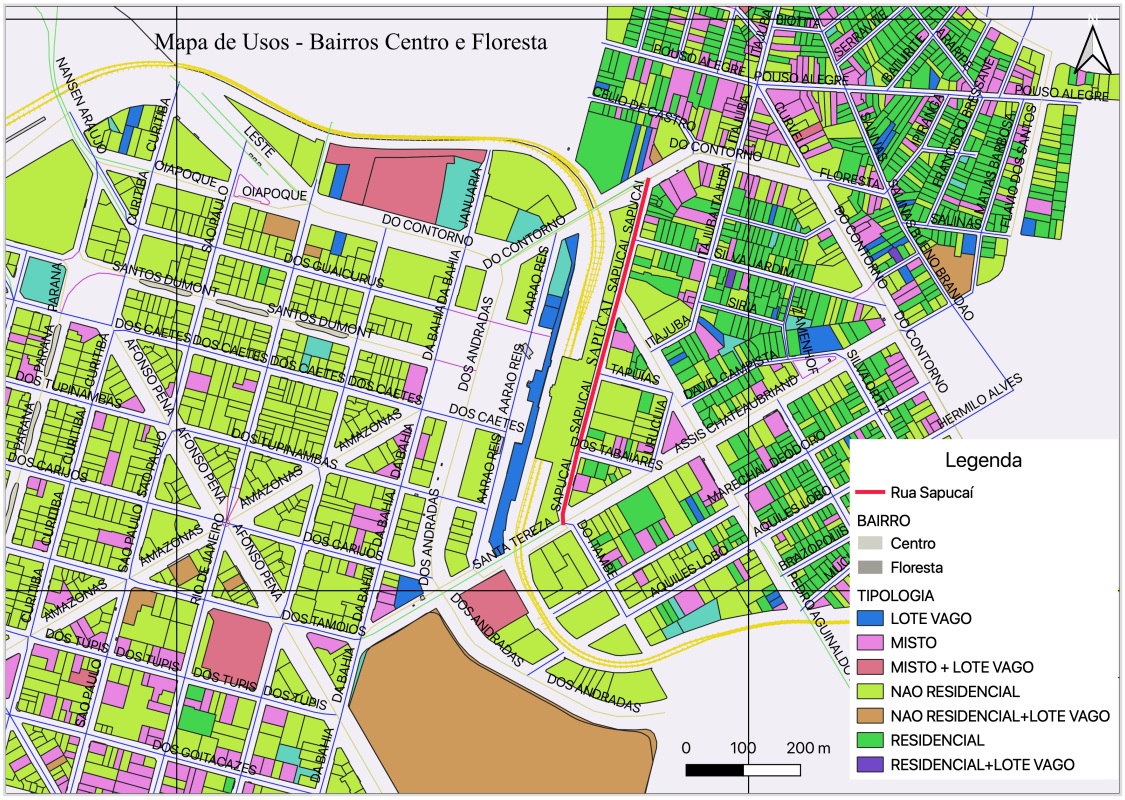

FIGURA 24 - Mapa de usos do Bairro Centro e Floresta (BH)
Fonte: Elaborado pela autora com base de dados disponíveis pelo BHGEO.

O Centro é um bairro de caráter heterogêneo com predominância de estabelecimentos comerciais, serviços e com pouco uso residencial. O comércio se caracteriza pela grande diversidade de lojas: roupas, tecidos, óticas, mercados, lojas de celulares, lojas de bijuterias, artigos religiosos, eletrodomésticos e etc. Os serviços também são vários, tais como: dentistas, chaveiros, consultórios médicos, agências de bancos, correios e a Prefeitura de Belo Horizonte. Sobre o uso residencial, são 7.006 domicílios (IBGE, 2010) com o total de 16.191 habitantes (IBGE, 2010), o que configura uma relação de 2,31 moradores por domicílio.

O Floresta possui o uso residencial familiar presente em número significativo e também comércio e serviço de caráter local, como padarias, lavanderias, restaurantes, farmácias, supermercados, dentre outros. Esse uso se encontra distribuído por toda a região e também pode-se perceber um número considerável de edificações de uso misto.

Sobre o uso residencial são 4.559 domicílios (IBGE, 2010) com o total de 11.718 habitantes (IBGE, 2010), o que configura uma relação de 2,57 moradores por domicílio.

Com a análise desses dois bairros, nota-se que o centro possui um caráter heterogêneo intenso e o bairro Floresta, bastante tradicional na cidade de Belo Horizonte, possui caráter misto, sendo a maioria dos imóveis de moradia familiar. Logo, os dois bairros limítrofes à área de estudo coexistem entre a tradição e a busca pelo novo por parte da sua população mais jovem. Neste contexto, nascem os empreendimentos da Rua Sapucaí que serão estudados nesta dissertação.

3.4 A Rua Sapucaí

A Rua Sapucaí está distante 1,6 km da Praça Sete de Setembro, ponto de cruzamento de duas avenidas principais da região central de Belo Horizonte – Av. Amazonas e Av. Afonso Pena –, possui 600 metros de extensão e é uma via coletora que concentra grande fluxo de veículos. Os dois viadutos que ligam o Centro ao bairro Floresta estão localizados nas extremidades da rua: o Viaduto de Santa Tereza funciona como uma via de acesso do Centro para o bairro e o viaduto Floresta permite a rota inversa. Abaixo da rua Sapucaí está a Praça da Estação e a Estação de Central do metrô (Figura 25).

Os pedestres, vindo do bairro Centro, podem acessar a rua, além dos viadutos da Floresta e de Santa Tereza, por uma escada que faz a ligação com a Estação Central do metrô, localizada a aproximadamente 200 metros da Av. Assis Chateubriand. E, vindo do bairro Floresta, é possível acessar pelas Av. do Contorno, Av. Francisco Sales e Av. Assis Chateubriand, além de três outras ruas adjacentes.

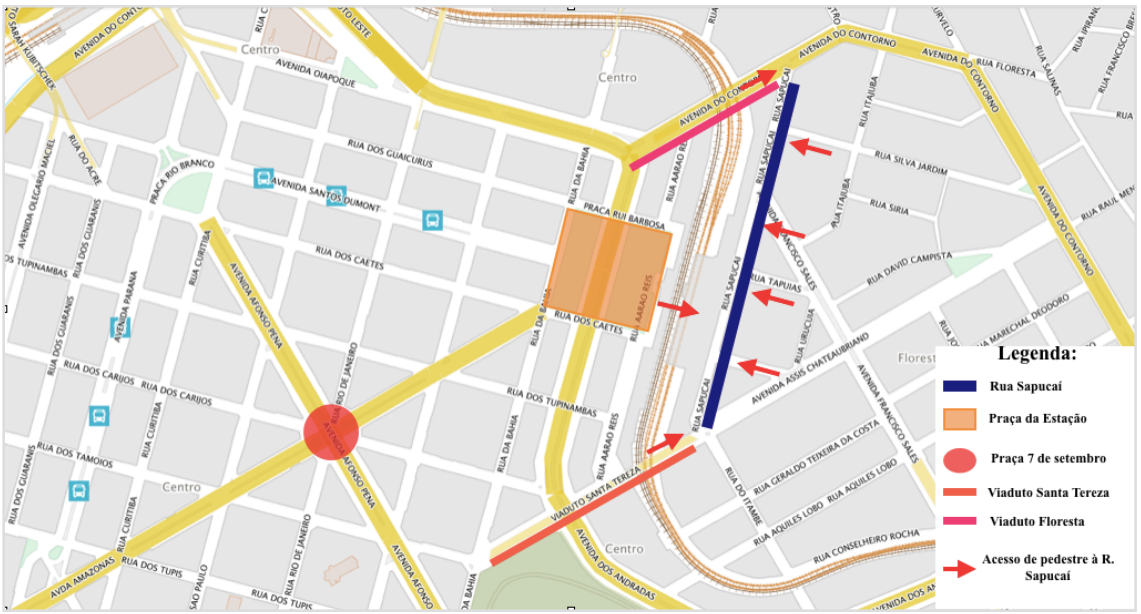

FIGURA 25 - Localização da Rua Sapucaí.
Fonte: Elaborado pela autora com base de dados disponíveis em Google Maps.

O limite entre os bairros Centro e Floresta é fisicamente evidente pela descontinuidade de topografia, em que os níveis e as ruas do bairro Floresta são mais altos que os do centro da cidade. Essa diferença de elevação natural adicionada à planície da praça transformam a Rua Sapucaí em uma plataforma de observação. Ao longo de toda a calçada do lado esquerdo há uma balaustrada que protege os pedestres do desnível topográfico.

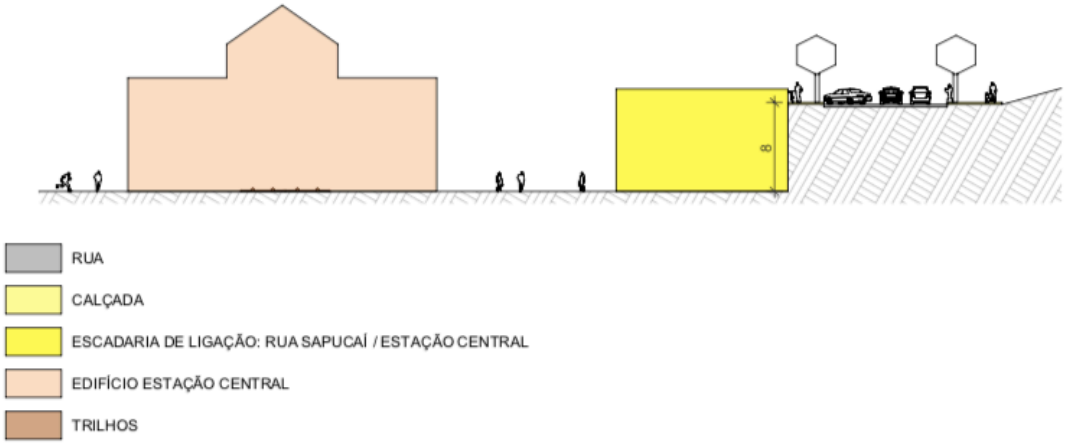

FIGURA 26 - Descontinuidade da Rua Sapucaí.
Fonte: Elaborado pela autora com base de dados disponíveis pela PRODABEL.

As calçadas são espaços valiosos, que, quando bem desenhadas, podem incentivar a caminhada e a oportunidade de observação do percurso. Na Rua Sapucaí, a calçada do lado esquerdo é acompanhada pela mureta balaustrada em toda a sua extensão. Deslocando-se a partir da Av. Assis Chateaubriand, essa calçada começa larga, tornando-se mais estreita nos locais que têm estacionamento para carros em quarenta e cinco graus (Figura 27), o que diminui a área caminhável e a possibilidade de permanência dos transeuntes. Não há piso tátil em toda a sua extensão, mas também não há obstáculos (apenas lixeiras próximas ao meio fio). A pavimentação da calçada é de cimento e não há buracos ou desníveis.

Do lado direito, o estado de conservação e o tipo de pavimentação da calçada são muito variáveis. Em alguns trechos, há piso tátil e rebaixamento de piso para acesso à calçada e em outros trechos não. Em alguns pontos da calçada, acontece o estreitamento da área caminhável devido à presença de lixeiras, árvores, postes de luz e paradas de ônibus, porém não há buracos e nem desníveis. Observou-se que as calçadas com melhores cuidados pertencem aos empreendimentos recém-abertos na Rua Sapucaí, como o *Mi Corazón*, Salumeria Central, Casa Sapucaí e as grandes empresas presentes na rua (VLI, Faculdade Estácio de Sá, Unicesumar e Instituto Cultural Andrade Gutierrez).

A travessia de pedestres é sinalizada em apenas três pontos da rua, na interseção com as avenidas do Contorno, Assis Chateubriand e Francisco Sales. Nos cruzamentos

com as ruas de trânsito local, não há sinalização de faixa de pedestres, conforme demonstrado na figura 27.

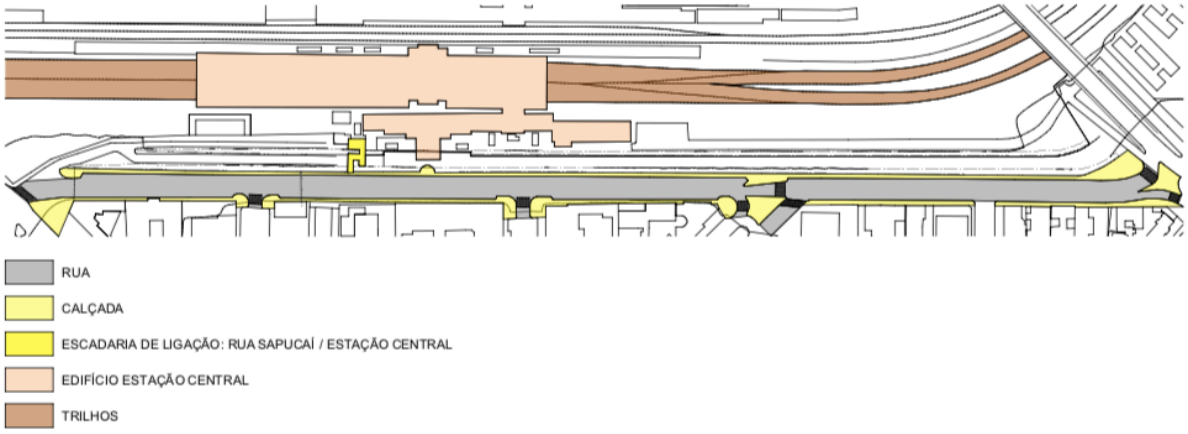

FIGURA 27 - Desenho da Rua Sapucaí
Fonte: Elaborado pela autora com base em dados disponíveis pela PRODABEL.

Os empreendimentos da Rua Sapucaí, em sua maioria, possuem grandes aberturas na frente de suas lojas. Estas permitem a conexão visual com as pessoas no interior dos edifícios. Porém, há pouca possibilidade de se proteger da chuva ou do sol intenso, porque a maioria das edificações não possuem marquise. Se proteger do sol ou da chuva é possível nos locais onde há edificações de uso misto, no quarteirão entre a Av. Francisco Sales e a Rua das Tapuais, em frente ao bar Dorsé, a XSpray e a Hamburgueria. E, também, no primeiro quarteirão (próximo a Av. Assis Chateubriand) em frente ao *Mi Corazón*, Salumeria Central e Sapucaí Botequim.

A iluminação da rua é bastante satisfatória. Em toda a calçada balaustrada, há postes de luz, e também o lado direito é bem iluminado. Portanto, a boa iluminação da rua favorece a segurança e a tranquilidade para as pessoas que frequentam a rua no período noturno.

É uma rua altamente urbanizada, com a presença de árvores de pequeno e médio portes isoladas, o que propicia pouca área de sombra. Não há presença de vazios urbanos nem áreas verdes, conforme demonstrado na figura 28.

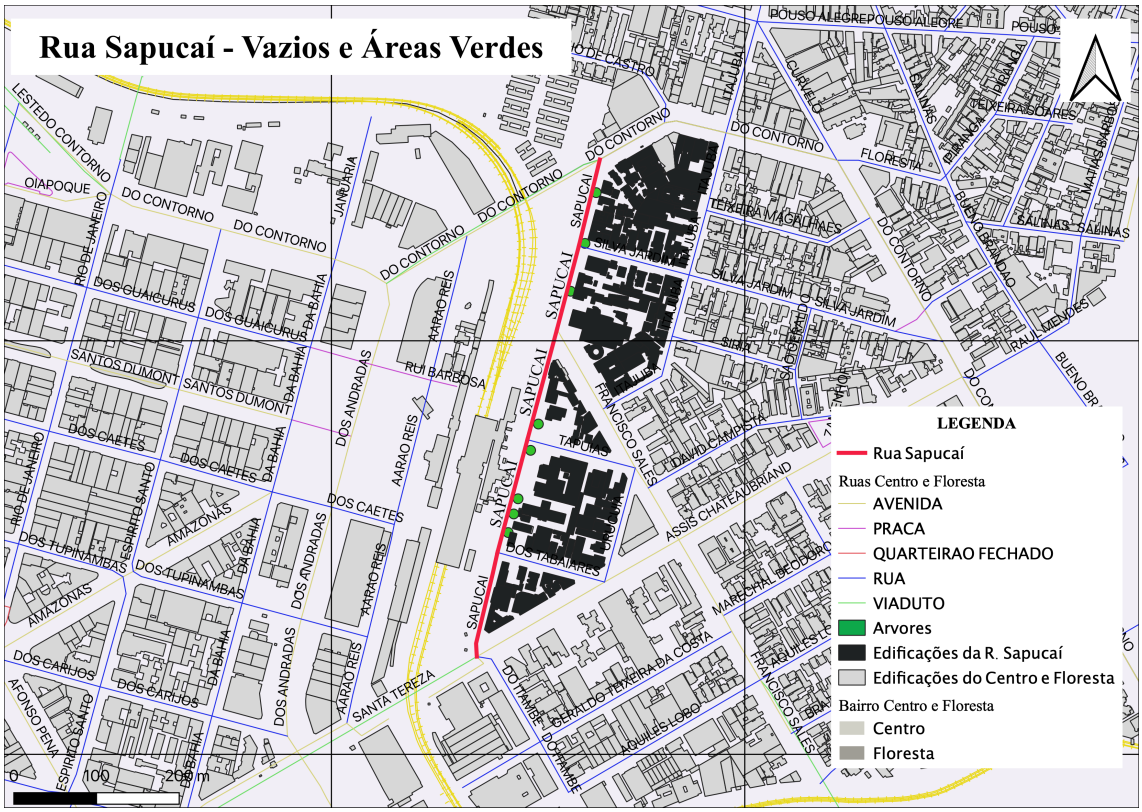

FIGURA 28 - Rua Sapucaí - Vazios Urbanos e Áreas Verdes
Fonte: Elaborado pela autora com base em dados disponíveis pelo BHGEO.

A Rua Sapucaí possui fácil acesso a transportes públicos, como a Estação Central do metrô de superfície que dista apenas 130 metros do ponto central da Rua Sapucaí. A estação de BRT está distante a 750 metros e a própria rua conta com duas paradas de ônibus pelas quais circulam nove linhas de ônibus municipais que fazem a ligação entre o centro da cidade e bairros (Figura 29).

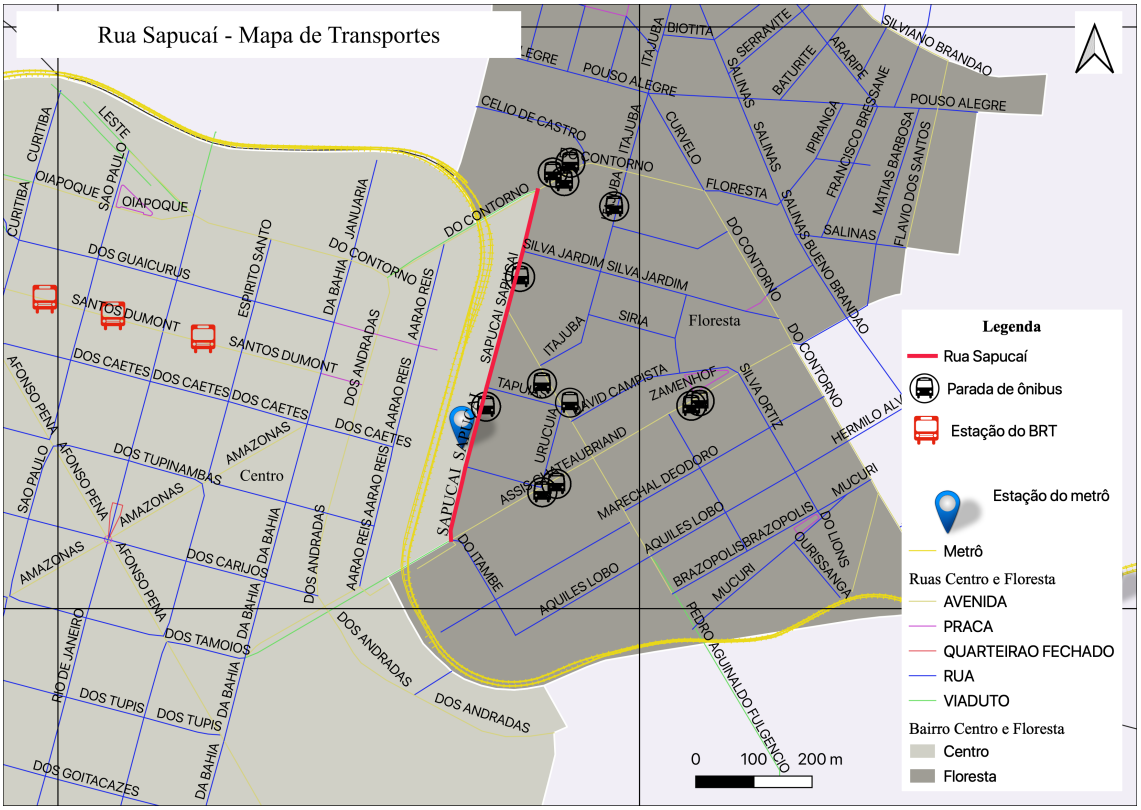

FIGURA 29 - Mapa de Transportes
Fonte: Elaborado pela autora com base em dados disponíveis pelo BHGEO.

A Rua Sapucaí é uma mistura de usos e paisagens. Os edifícios apresentam gabaritos variados, com altura média ou alta, contrastando com um pequeno número de estruturas inferiores. O uso residencial é menor em comparação aos escritórios e pequenas empresas, conforme pode ser observado na figura 30.

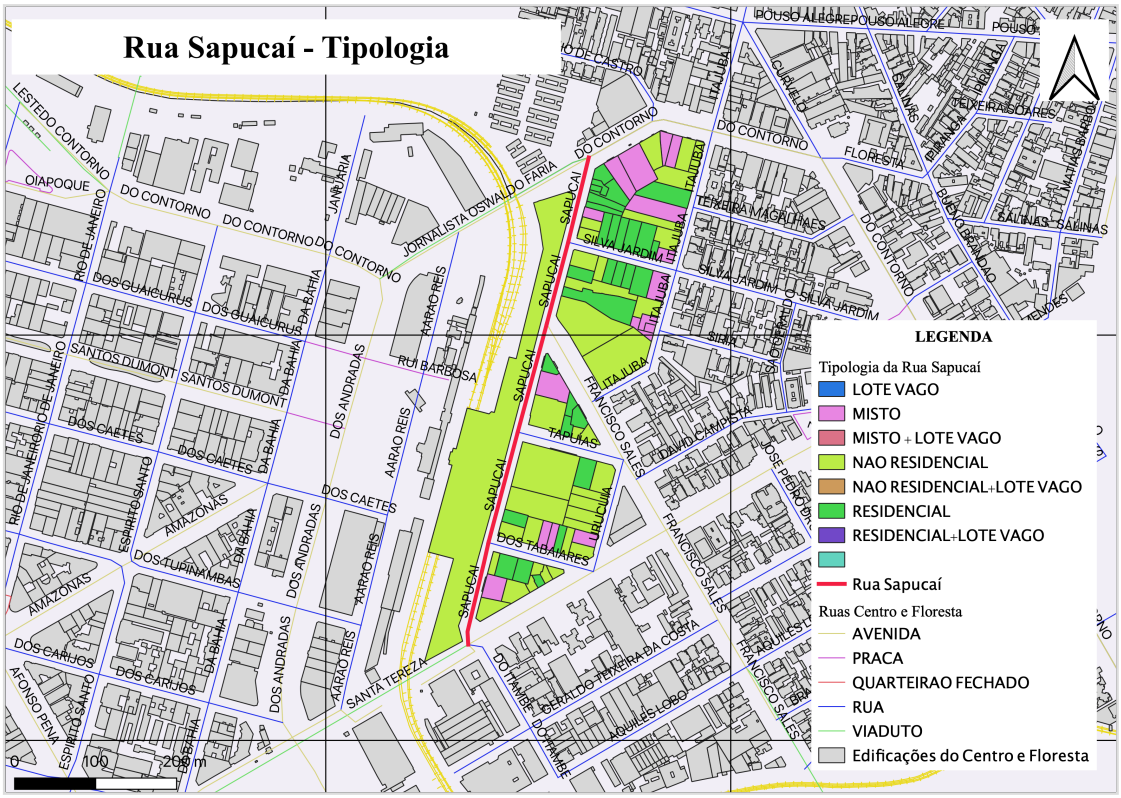

FIGURA 30 - Rua Sapucaí - Tipologia
Fonte: Elaborado pela autora com base em dados disponíveis pelo BHGEO.

Foram levantadas sete edificações de uso residencial – três multifamiliares verticais, três edificações unifamiliares horizontais e uma unifamiliar vertical. São três prédios com caráter misto, sendo edifícios multifamiliares verticais com lojas comerciais no pavimento térreo.

Para uso institucional, foram mapeadas seis edificações: A&C, Valor e Logística Integrada (VLI), Instituto Cultural Flávio Gutierrez, Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes (DNIT), Conselho Regional de Farmácia de Minas Gerais (CRF/MG). A rua conta também com dois postos de gasolina e duas instituições de ensino superior: Estácio de Sá e Unicesumar.

Tendo em vista a pesquisa de campo, podem-se entender aglomerações de usos na rua que geram diferentes ambiências e podem caracterizar público-alvo distinto. A primeira aglomeração, mais próxima da Avenida do Contorno, é onde estão localizadas

as duas faculdades, uma pequena lanchonete de açaí, um posto de gasolina, o Instituto Cultural Andrade Gutierrez, um estacionamento, o ex-galpão da Benfeitoria, uma lanchonete. Essa aglomeração é caracterizada principalmente pelo público das duas faculdades, portanto, nota-se em sua maioria universitários jovens adultos.

No quarteirão entre os dois principais agrupamentos, localizam-se dois edifícios de uso misto, uma copiadora, a Casa Sapucaí, Hamburgueria, XSpray e o bar Dorsé. Essa aglomeração não possui um uso intenso da calçada balaustrada, notando-se um vazio nesse espaço da rua nos dias da pesquisa de campo.

O terceiro agrupamento apresenta as instituições: Vale, DNIT, A&C, VLI, um edifício residencial multifamiliar, um posto de gasolina, um motel, choperia Dé-ja-vu, bar *Mi Corázon*, Sapucaí Botequim, bar Panorama e Salumeria Central. Nota-se um caráter mais sofisticado dos estabelecimentos dessa região, podendo ser justificado pela atração dos trabalhadores das instituições próximas, atendendo principalmente o público dessas empresas para almoços e *happy hours*.

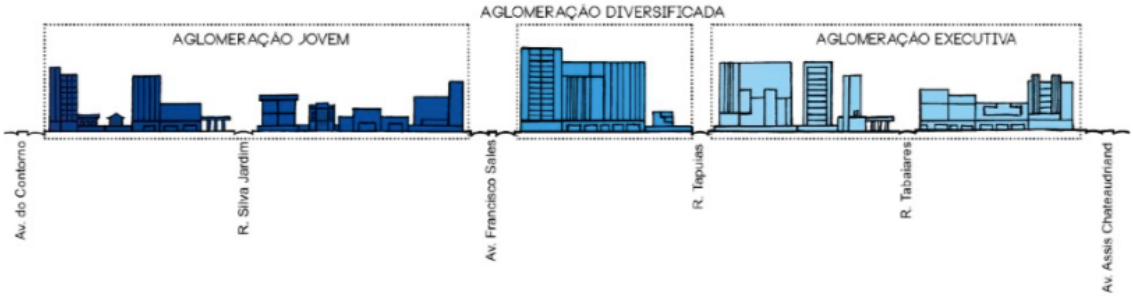

FIGURA 31 - Aglomerações da Rua Sapucaí
Fonte: JOTA, 2017.

3.5 Os empreendimentos da Rua Sapucaí

A partir do ano de 2012, nasce o entusiasmo pela Rua Sapucaí com o surgimento da vida noturna. Desde esse ano, estabelecimentos de lazer se instalaram na rua: bares, restaurantes, centros culturais e cafés, que atraem principalmente clientes jovens e adultos.

Os novos estabelecimentos ocuparam os locais nos quais antes funcionavam pequenas e médias empresas de usos diversos, como vidraçaria, oficina, lava a jato e

pequenos restaurantes. Para melhor compreensão dos acontecimentos marcantes da Rua Sapucaí e suas proximidades e a data de abertura dos empreendimentos, é apresentada na Figura 32 uma linha do tempo.

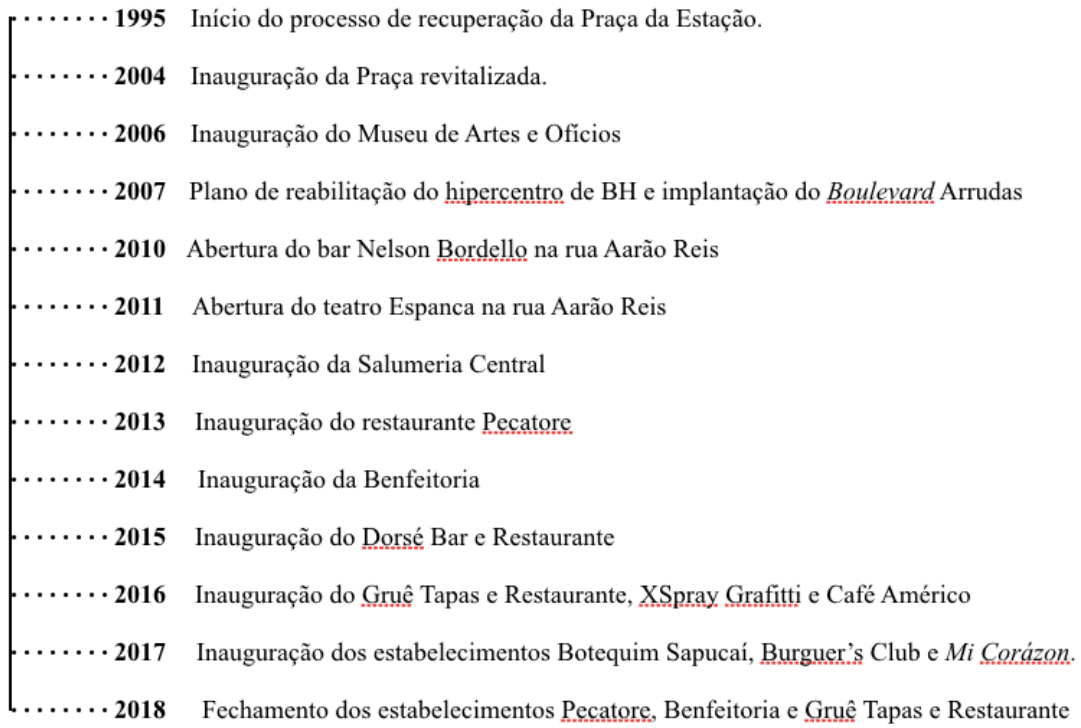

FIGURA 32 - Linha do tempo dos acontecimentos relevantes para a Rua Sapucaí
Fonte: JOTA, 2017.

A Salumeria Central foi a pioneira, sua área de atuação é de produtos artesanais, como salsichas, massas e queijos. Ao lado da Salumeria, dos mesmos parceiros, um segundo restaurante foi aberto: Pecatore, um restaurante de frutos do mar com um ambiente muito atraente e custo mais elevado.

Logo após o estabelecimento da Salumeria e do Pecatore, a Benfeitoria (ou Benfs) foi aberta na Rua Sapucaí por três parceiros, que são artistas profissionais de marketing. Eles definem a Benfeitoria como um lugar de colecionar arte e cultura. Lá era um espaço que promovia e realizava *workshops*, feiras, exposições, exibições de filmes, concertos, entre outros eventos. Funcionava em um galpão de aproximadamente 100m^2 e foi estabelecido através de financiamento coletivo. Seu funcionamento inicial foi nas noites de quarta-feira a sexta-feira e nas tardes e noites de sábado. O empreendimento, por várias

vezes, se estendeu além do galpão até o lado da calçada balaustrada. Era ali, com a visão da cidade, que a maioria dos clientes se reunia.

FIGURA 33 - Galpão Benfeitoria.
Fonte: Arquivo pessoal da autora. Foto: Magê Monteiro, 2015.

A Benfeitoria se diferenciou dos outros estabelecimentos por causa de seu papel como centro cultural. Os programas semanais incluíam apresentações musicais, filmes, palestras, mesas redondas, exposições, pequenas feiras realizadas por produtores locais, lançamentos de livros e etc. A versatilidade do galpão se encaixava nessa variedade de atividades. Nas noites de quarta-feira, para o cinema, as filas de assentos eram dispostas em frente à tela na qual o filme era projetado. Às sextas e sábados, os móveis eram arrastados para os cantos dando lugar a uma pista de dança ou feiras de produtores locais, brechós e outros.

FIGURA 34 - Galpão Benfeitoria (Interno).
Fonte: Arquivo pessoal da autora. Foto: Magê Monteiro, 2017.

Dentre os principais objetivos do espaço, estavam possibilitar a disseminação e expressão de manifestações culturais e artísticas e realizar discussões e debates sobre temas diversos e contraditórios, como direito à cidade, espaços públicos e seus usos e conflitos. Pessoas que são mais politizadas e conectadas com as questões da cidade eram as que costumavam frequentar o lugar e alguns clientes fiéis moradores do bairro. No geral, o público era de moradores da região centro-sul de Belo Horizonte, com orientações sexuais diversas e muitas pessoas interessadas na Benfeitoria como um projeto, um lugar para compartilhar conhecimento e experiências (VELOSO; ANDRADE, 2019). Ou seja, foi um lugar para pessoas não convencionais, onde a pluralidade da sociedade foi bem-vinda como uma forma de ocupar os espaços públicos da cidade e discutir suas questões.

O Dorsé, inaugurado no ano de 2015, é uma mistura de bar e restaurante com um atendimento mais informal; em seu cardápio há pratos feitos, petiscos, chopes e vinhos com preços acessíveis. O Gruê, 2016-2018, foi uma casa de tapas, drinks e cervejas artesanais. Voltado para a culinária contemporânea, funcionava para almoço e *happy hour*. A *XSpray* é uma loja de spray específico para grafite, além de ser um estúdio artístico e de tatuagem e piercing. O Café Américo, que funciona na Rua Silva Jardim, perpendicular à Rua Sapucaí, é uma fábrica aberta de cafés especiais.

Em 2017, foi inaugurado o Sapucaí Botequim, que é um restaurante boêmio, convidativo e que serve almoço, cervejas especiais, drinks e petiscos. Também em 2017, o *Mi Corazón* iniciou suas atividades com a proposta de trazer música apurada num ambiente intimista e com pegada alternativa.

Os novos empreendimentos da Rua Sapucaí serviram de atração para o público que gostaria de uma nova opção de lazer em Belo Horizonte, com uma possibilidade de entretenimento além dos lugares tradicionais localizados na zona sul. Logo, o centro da cidade que não era comumente frequentado por grupos de classe média para fins de diversão noturna e entretenimento começou a atrair públicos diferentes para o local. Há um reconhecimento da Rua Sapucaí como moderna e pitoresca (VELOSO; ANDRADE, 2019).

O processo de ocupação da rua foi fluido e orgânico, por empreendimentos nos quais os empresários têm ocupações nos setores das artes e da cultura, por exemplo. E alguns deles abriram seus negócios por motivos culturais e/ou políticos, escolhendo a Rua Sapucaí por suas características (VELOSO; ANDRADE, 2019).

Durante a realização desta pesquisa, observou-se uma forte ligação entre a requalificação urbanística do centro da cidade de Belo Horizonte e os movimentos culturais de apropriação da região central como Praia da Estação e o Duelo de MCs. Movimentos esses que atraíram a atenção para a inauguração do bar Nelson Bordelo[6] e do Teatro Espanca[7], na Rua Aarão Reis, e posteriormente levam o movimento para a Rua Sapucaí.

3.5.1 A visão dos empreendedores sobre a Rua Sapucaí

Nessa sessão são apresentados os resultados das entrevistas com os fundadores ou gestores dos empreendimentos criativos da Rua Sapucaí. Foram destacados os fatos que possuem importância para análise das modificações que aconteceram no caráter físico ou social da rua e a percepção da rua pelos empreendedores.

Em entrevista, realizada no dia 07 de junho de 2019, com o sócio-proprietário da Salumeria Central, foi destacado que a atração pela Rua Sapucaí aconteceu devido à constante presença no bar Nelson Bordelo e no Teatro Espanca. Então, notaram que ali poderia ser uma região interessante para abrir um bar, já que estava acontecendo o movimento de retomada do centro. A sócia do galpão Benfeitoria, também relata, na

[6] O bar, que fechou no ano de 2014, tratava-se de um espaço de experimentações artísticas, gastronômicas e comportamentais, com o objetivo de homenagear os bordeis da antiga zona boêmia da Rua Guaicurus, como o famoso Montanhês, comandado pela lendária Hilda Furacão.

[7] O grupo Espanca, formado por quatro artistas, tem sua sede localizada embaixo do Viaduto de Santa Tereza, uma área de grande relevância cultural, política, social e antropológica para a cidade.

entrevista do dia 20 de maio de 2019, que no primeiro momento o fato da Benfeitoria ter despertado interesse foi o fato de estar inserida próxima ao baixo centro e à efervescência cultural pela qual passava essa região. Isso também foi observado pelo sócio do Botequim Sapucaí, em entrevista no dia 22 de maio de 2019. Ele conta que o olhar de arquiteto e urbanista dele e seu sócio despertou para a retomada da região central, que é uma região notavelmente dotada de infraestrutura urbana e economicamente potente.

Um outro aspecto relacionado ao motivo da instalação dos empreendimentos está fortemente relacionado à paisagem visível da Rua Sapucaí. A vista da cidade de Belo Horizonte proporcionada pela balaustrada presente na rua, que torna possível enxergar a cidade no meio do caos, é relatada pela fundadora da Benfeitoria como o que ela sempre amou na Rua Sapucaí, uma "sensação de respiro" em meio a tantos prédios. O responsável pelo empreendimento *Mi Corazón*, na entrevista realizada no dia 06 de junho de 2019, também fala sobre a sua admiração pela vista: "É para mim a vista mais bonita da cidade, do Brasil, sem dúvida nenhuma". Confirmando a atração relatada pelo fundador da Salumeria no momento em que decidiu pela rua Sapucaí para abrir a Salumeria Central.

Um dos motivos desta dissertação foi o fato de a Rua Sapucaí, antes dos empreendimentos criativos e bares, ser um local de passagem e inseguro. O empreendedor do *Mi Corazón* relata sua impressão sobre a Rua Sapucaí aproximadamente dez anos atrás, quando ele circulava com a ex-namorada. Segundo ele, não havia nada na rua e dava medo porque era isolada e ele notava a rua com um lugar potencial para ter bares legais. Durante os anos anteriores à revitalização da região central de Belo Horizonte e à inauguração dos empreendimentos, a rua era inóspita, com questões relacionadas a segurança e pessoas em situação de rua. Havia a sensação de rua abandonada e de passagem para as pessoas que trabalhavam nas empresas presentes na rua ou precisavam fazer o trajeto entre o metrô e os bairros Centro e Floresta.

A sócia da Benfeitoria expõe que, antes da inauguração do galpão, havia pouco movimento comercial na rua, com exceção do período da tarde, em que havia o movimento da faculdade, da gráfica, da lanchonete e do posto de gasolina. Uma das lembranças mais marcantes que a fundadora da Benfeitoria tem da época da reforma do galpão é de uma senhora que todos os dias tomava sol na Rua Sapucaí sentada em uma cadeira de praia, junto com sua cuidadora. E isso a impressionava muito pelo fato de ser uma rua bem no meio do centro, muito acessível e com uma vista incrível da cidade e que não era aproveitada pelas pessoas.

A melhora da sensação de segurança ocorreu com a abertura dos empreendimentos na Rua Sapucaí. Ela está justamente relacionada ao maior número de pessoas circulando na rua. A sócia fundadora da Benfeitoria, uma das primeiras a abrir um empreendimento na rua, observou que com a abertura dos demais empreendimentos aumentou a sensação de segurança, porque a existência de mais pessoas circulando, transitando, dá essa sensação de uma rua segura. Isso vai ao encontro da teoria de Jane Jacobs de que "uma rua movimentada consegue garantir a segurança; uma rua deserta, não" (JACOBS, 2014).

A segurança das ruas é mais eficaz, mais informal e envolve menos traços de hostilidade e desconfiança quando as pessoas utilizam e usufruem espontaneamente a rua. O requisito básico da vigilância é o número substancial de estabelecimentos e outros locais públicos dispostos ao longo da calçada, sobretudo estabelecimentos e espaços públicos que são utilizados de noite (JACOBS, 2014). Esse requisito começou a ser preenchido pela Rua Sapucaí com o funcionamento dos empreendimentos, uma vez que as pessoas começaram a ter motivo para permanecer na rua e não apenas transitarem por ela para acessar o metrô ou os bairros Centro e Floresta. Outro fato relevante é os empreendimentos possuírem vista direta para a Rua, convidando as pessoas a olharem por grande parte do tempo para a calçada balaustrada e a rua.

Com um maior número de pessoas interessadas em conhecer o local, desconhecidos começaram a frequentar a rua e esses mesmos faziam o policiamento, já que no início do funcionamento da Salumeria e Benfeitoria, principalmente, não havia policiamento extensivo. Uma rua com infraestrutura para receber desconhecidos e ter a segurança como trunfo tem três características principais: separação nítida entre espaço público e espaço privado, olhos para a rua – edifícios com fachadas voltadas para a rua – e pessoas transitando ininterruptamente na calçada – tanto para aumentar o número de olhos na rua quanto para induzir as pessoas de dentro dos edifícios a observar a calçada (JACOBS, 2014).

Os moradores da Rua Sapucaí e bairro Floresta também passaram a se sentir mais seguros na rua, conforme descrito na entrevista sobre o dia no qual uma moradora do bairro abordou na rua o responsável pelo *Mi Corazón* para dizer que desde que o empreendimento começou a funcionar ela se sentia mais segura e podia dormir despreocupada porque a filha, que chegava tarde do trabalho, caminhava tranquilamente até sua casa, já que agora havia movimento na rua.

Em relação à rua ser um polo de economia criativa, é possível constatar características relacionadas a esse conceito. Esta pode potencialmente gerar o crescimento e desenvolvimento econômico ao mesmo tempo que tenta promover a inclusão social e a diversidade cultural. Além de se relacionar com novas tecnologias, buscar novas formas de comunicação e ajudar a promover a revitalização de áreas urbanas degradadas, conforme relatado no capítulo dois desta dissertação. E, na Rua Sapucaí, esse movimento foi iniciado com o galpão Benfeitoria.

Segundo os próprios fundadores, a Benfeitoria se intitula um empreendimento criativo. Seu posicionamento era de um espaço cultural colaborativo, sem muitas regras e que precisava das pessoas para poder acontecer. A agenda era compartilhada, sendo uma parte da programação proposta pelos empreendedores com atividades que eles acreditavam e gostavam de fazer e outra parte cabia aos frequentadores proporem o uso que gostariam de dar para o espaço. O foco do galpão Benfeitoria não era atrair gente para o bar, mas conseguir fazer com que as pessoas se interessassem pela programação que desenvolvia a cadeia criativa de Belo Horizonte, na fala de sua fundadora.

Nos demais empreendimentos da rua, pelo caráter de música, atividades performáticas e relação com a culinária, nota-se um grau de criatividade. Mesmo que o foco desses empreendimentos não esteja totalmente voltado à atividade cultural criativa. Quando perguntado sobre ser um empreendimento criativo, o dono do *Mi Corazón* relata que gostaria de usar o caráter de economia criativa, e vender não só bebidas e comidas, mas conceitos e ideias, estimulando os produtores do bairro Floresta. Já o dono do Sapucaí Botequim ressalta o investimento do bar na cultura local, cervejas de fabricação artesanal e os eventos de caráter cultural e criativo que acontecem na rua, destacando a Rota Junina[8] e o Dia do Porco[9].

Ainda sobre a dinâmica cultural da rua, o responsável pela Salumeria Central fala sobre a influência que os empreendimentos têm para a construção de eventos e a conexão com a cidade, evidenciando que a Rua Sapucaí é um local que eles escolheram ocupar e querem que seja um ponto de conexão com a cidade. É importante ressaltar que, no momento da escrita desta dissertação, a cidade de Belo Horizonte concorre ao título de

[8] Festa com tema junino elaborada em associação dos estabelecimentos da rua. Acontece anualmente em um final de semana do mês de junho.

[9] Comemoração organizada pela Salumeria Central e os outros empreendimentos da rua onde é elaborada uma feira gastronômica com comidas do cardápio dos bares.

Cidade Criativa da UNESCO no quesito gastronomia, sendo que 86% do PIB municipal do setor de serviços concentra-se nessa indústria criativa.

A ocupação da rua se deu de forma orgânica, principalmente após a abertura da Benfeitoria, um galpão com forte objetivo cultural e de diversidade de frequentadores. Ele se diferenciava dos outros estabelecimentos porque o público que era atraído para o galpão Benfeitoria em sua maioria era preto, pobre, favelado e pessoas com diferentes orientações sexuais, que eram as pessoas que a Benfeitoria gostava de atender.

Durante as entrevistas, foi notado que a ocupação da rua pelas pessoas não era uma preocupação inicial desses empreendimentos. Porém, com muitos frequentadores indo para o local, a relação dos empreendimentos e a rua começou a ser modificada. As pessoas começaram a organizar a sua própria dinâmica com relação ao espaço público, ocupando a rua de forma diferente e livre. Algumas demandas começaram a surgir dessa ocupação, como a questão do lixo, da velocidade dos carros e da dinâmica cultural da rua. Demandas que foram observadas e trabalhadas pela Benfeitoria, principalmente.

No início do funcionamento da Benfeitoria, a rua tinha velocidade máxima permitida de 60 km/h, por ser uma rua coletora do trânsito de carros do viaduto de Santa Tereza e com circulação de nove linhas de ônibus. Este fato por si só já era perigoso para os estudantes das duas faculdades, moradores e transeuntes. Com o aumento do movimento causado pelo galpão cultural, as pessoas passaram a atravessar de um lado para o outro da rua com frequência, hora para ir ao banheiro no galpão, hora para comprar bebidas e muitas vezes para ir à mureta conversar com seus amigos. Esse vai e vem durante a noite toda era um foco de preocupação para os sócios da Benfeitoria. Por esse motivo, eles resolveram conversar com os motoristas dos ônibus que circulavam pela rua. Quando o ônibus parava no ponto ao lado da Benfeitoria, eles entravam no ônibus e explicavam para os motoristas o trânsito intenso de pedestres na rua e pediam pela diminuição da velocidade, fato narrado pela Benfeitoria.

No ano de 2015, um curso de *Placemaking* foi lecionado no galpão Benfeitoria, tendo a autora deste trabalho a oportunidade de participar. Uma das ações decidida pelos participantes foi preparar os motoristas de carro para que diminuíssem a velocidade. O

grupo fez uma intervenção tática e pintou a palavra devagar em postes do cruzamento com a Avenida Francisco Sales (Figura 35).

FIGURA 35 - *Placemaking* na Rua Sapucaí
Fonte: Arquivo pessoal da autora. Foto: Jennifer Batista, 2015.

A construção do *parklet* foi um diferencial na ocupação da rua, diminuindo o espaço para carros e dando oportunidade para que as pessoas pudessem parar para observar a vista, ler, tomar uma bebida, ou seja, aproveitarem a rua e a vista proporcionada pela balaustrada. O *parklet* era ocupado pelas pessoas mesmo em horários que a Benfeitoria não funcionava, algumas vezes para tomar vinho e ver o pôr do sol ou para ficar à toa na Rua Sapucaí, já que com o *parklet* existia lugar para sentar.

O festival Bruta Cor foi uma resposta à primeira edição da Casa Cor na Rua Sapucaí, quando esse evento fez uma ocupação da rua gradeada para os frequentadores da Casa Cor. Isso incomodou profundamente as pessoas envolvidas no galpão Benfeitoria e eles tiveram a ideia de fazer um movimento de pouco mais de um mês com o foco em discutir a cidade. Na chamada para o evento, a Benfeitoria fazia uma provocação de pensar a cidade como um espaço para educação, lugar onde as pessoas aprenderiam, ensinariam e compartilhariam diariamente boas práticas para convivências mais harmônicas. A ideia era de trazer a cidade para a educação dos cidadãos e um lugar melhor para todos. A programação da mostra foi dividida em cinco semanas com práticas cidadãs de questionamentos, incluindo mesas, exibições de filmes, experimentos urbanos e festividades. No final das cinco semanas, foi feito um resumo do que foi discutido e

entregue para a PBH como se fosse uma carta manifesto das mudanças que as pessoas solicitavam para a Rua Sapucaí.

O problema do lixo também foi causado pelos empreendimentos. A Benfeitoria relata as multas que sofreu devido ao lixo jogado na rua e a campanha que a Benfeitoria fez para amenizar o problema na rua e para conscientização de seus clientes. Uma das campanhas relatadas pela sócia fundadora da Benfeitoria é que a cada quatro recipientes de *long neck* recolhidos pelos consumidores e entregues na Benfeitoria ganhavam uma cerveja de brinde. Também, relatou que em vários momentos a DJ interrompia o som e pedia para que as pessoas ajudassem na limpeza da rua.

Em maio de 2018, o restaurante Pecatore fechou e, logo após, a Benfeitoria anunciou o fim de suas atividades. Essas duas empresas foram relevantes para chamar atenção para a área, sendo que foi a partir delas que os empreendimentos seguintes se desenvolveram. Desde 2018, também, funciona a Casa Sapucaí que é um espaço de *coworking*, eventos e *workshops* culturais. Algumas das empresas que ocupam o casarão estão relacionadas ao empreendedorismo e negócios criativos como *web design*, *marketing*, produção audiovisual, design de roupas e assim por diante.

3.6 A visão dos frequentadores da Rua Sapucaí

A relação entre a rua e os frequentadores foi uma forte questão levantada por essa dissertação. Era de interesse da autora avaliar como os frequentadores percebiam a rua e se foi desenvolvido um interesse pelo espaço público. São apresentados os resultados das entrevistas quantitativas separados da seguinte forma: (1) o perfil dos frequentadores e a percepção dos mesmos em relação aos atributos chaves para a qualidade do espaço público - segundo o PPS; (2) acessos e ligações, (3) conforto e imagem, (4) usos e atividades e a (5) sociabilidade.

3.6.1 Perfil dos frequentadores

Em relação aos usuários e usos da rua, o perfil vem sofrendo mudanças desde o ano de 2012. No início, não era vista uma multidão na rua, mesmo que o pavimento e as calçadas funcionassem como uma extensão para bares e restaurantes. Era comum notar

pessoas do lado de fora do empreendimento conversando, fumando e bebendo cerveja. O público que frequentava pertencia a um grupo social e culturalmente homogêneo. Com o aumento da visibilidade e do número de frequentadores, outros grupos de pessoas começaram a aparecer, principalmente às sextas e sábados. Como exemplo, passaram a frequentar o local grupos de adolescentes de classe média baixa que se reúnem na calçada para ouvir música hip-hop e beber bebidas alcoólicas que trazem em isopores. Vendedores ambulantes de bebidas e lanches também começaram a vender seus produtos na Sapucaí, que causou a insatisfação por parte de alguns empreendedores (VELOSO; ANDRADE, 2019).

Do total de questionários respondidos, o perfil dos frequentadores em sua maioria são jovens de 18 a 28 anos (63%), do sexo masculino (53%). Seguida pela faixa etária de 29 a 39 anos no sexo masculino (18%) e acima de 50 anos (15%) no sexo feminino, conforme gráfico de pirâmide etária demonstrado na figura 36.

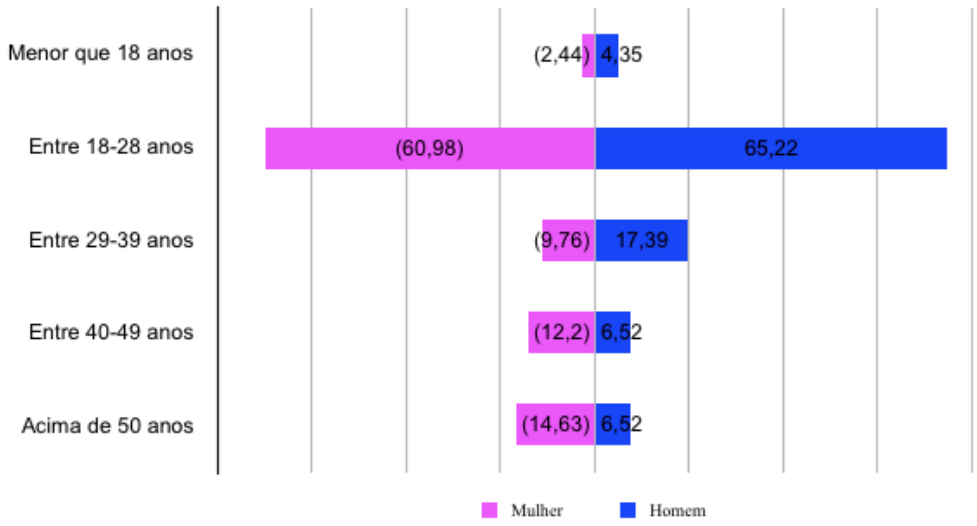

FIGURA 36 - Gráfico do quantitativo de respostas de sexo e faixa etária
Fonte: Questionários aplicados na Rua Sapucaí - Elaborado pela autora – 2019.

totalizando 68% dos entrevistados, seguido por 24% que possuem ensino médio e 6% dos entrevistados que possuem pós-graduação (Figura 37):

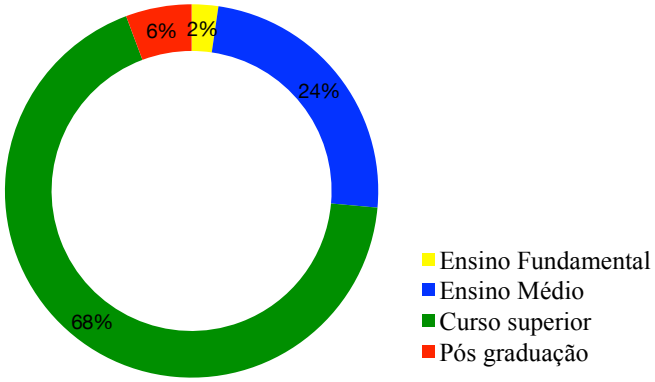

FIGURA 37 - Gráfico do quantitativo de respostas do grau de escolaridade.
Fonte: Questionários aplicados na Rua Sapucaí - Elaborado pela autora - 2019

Quando o grau de escolaridade é analisado por faixa etária, percebe-se que, acima de 18 anos, a quantidade de entrevistados com curso superior é a mais representativa, seguida por ensino médio na faixa etária entre 18 e 28 anos (15%) e acima de 50 anos (4%), e pós graduação entre 40 a 49 anos (7%), conforme demonstrado no gráfico da figura 38.

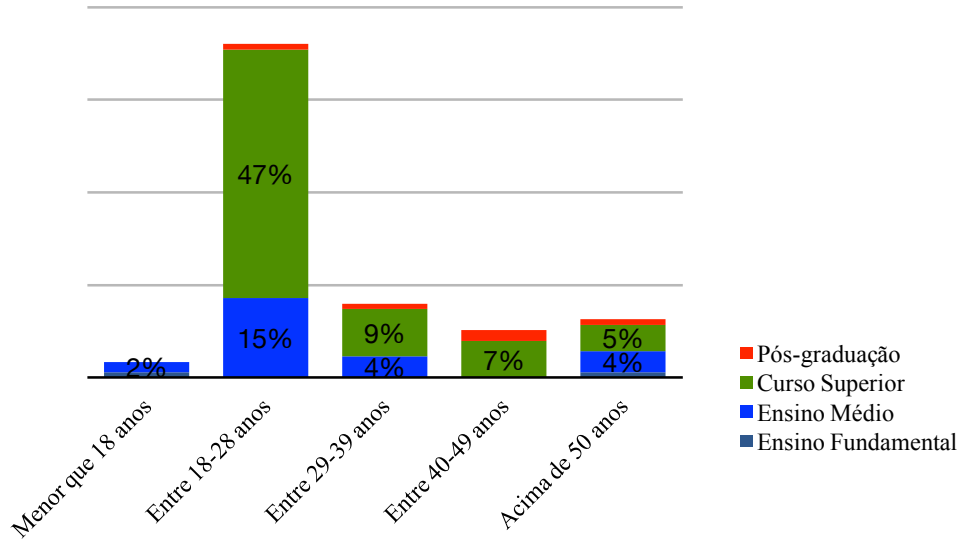

FIGURA 38 - Gráfico do quantitativo de respostas do grau de escolaridade, por idade.
Fonte: Questionários aplicados na Rua Sapucaí - Elaborado pela autora - 2019

O ganho mensal aproximado da maioria dos entrevistados é de um salário mínimo (54%), conforme demonstrado no gráfico da figura 39.

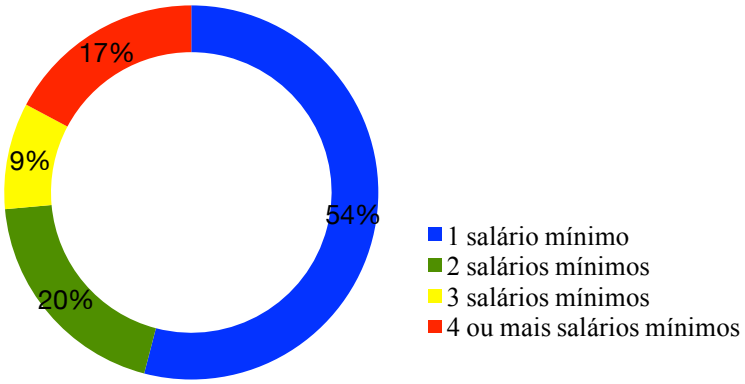

FIGURA 39 - Gráfico do quantitativo de respostas do grau de escolaridade
Fonte: Questionários aplicados na Rua Sapucaí - Elaborado pela autora - 2019

Esse fato pode ser considerado curioso quando analisado em relação ao grau de escolaridade, já que a maioria dos entrevistados tem curso superior completo. Porém alguns dos entrevistados tiveram dificuldades em calcular a renda mensal porque afirmavam trabalhar de forma autônoma e terem ganho médio mensal muito variável.

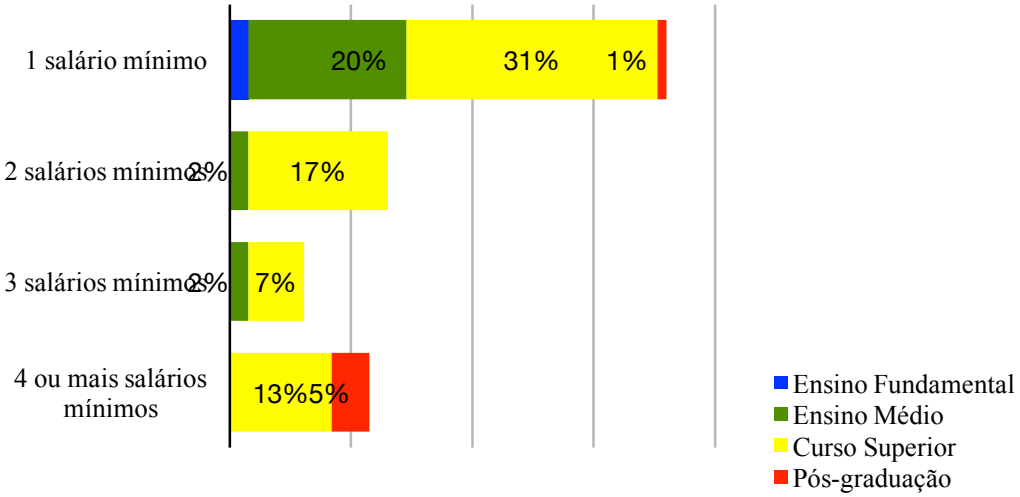

FIGURA 40 - Gráfico do quantitativo de respostas do grau de escolaridade relacionado a renda
Fonte: Questionários aplicados na Rua Sapucaí - Elaborado pela autora - 2019

A maioria dos frequentadores da Rua Sapucaí não são moradores dos bairros Centro e Floresta, conforme demonstrado no gráfico 41. Ou seja, são pessoas que aproveitam da atração dos empreendimentos da rua e criam uma situação de diversão mais barata quando estão sentados na mureta e consumindo de ambulantes ou com sua própria bebida. A mureta proporciona que as pessoas se divirtam no espaço público.

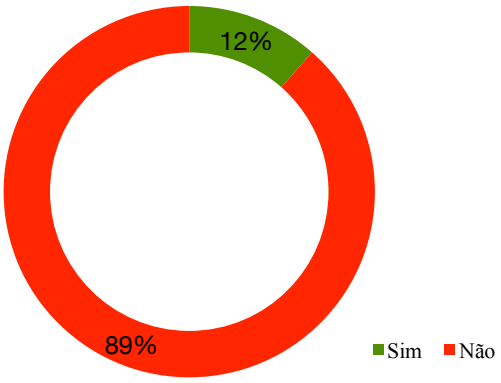

FIGURA 41 - Gráfico do quantitativo de respostas residentes nos bairros Centro e Floresta
Fonte: Questionários aplicados na Rua Sapucaí - Elaborado pela autora - 2019

3.6.2 Acessos e ligações

O foco das perguntas na sessão de acessos e ligações foi de compreender como os entrevistados analisam a Rua Sapucaí em relação a rede de transportes, facilidade de acesso à rua, estacionamento para carros, qualidade dos passeios e o quanto a rua está preparada para receber pessoas com deficiência motora. O caráter urbanístico foi o momento de maior crítica dos entrevistados em relação à rua.

A falta de preparo para pessoas com deficiência motora é o que chamou mais atenção dos respondentes. Quando essa pergunta era feita, as pessoas relatavam o fato de não ter acesso direto do metrô para a Rua Sapucaí para quem usa cadeira de rodas, por exemplo. Um cadeirante para fazer esse trajeto precisa ir até o final da rua do metrô, uma rua que é fechada para transporte local da CBTU, e então, acessar do início a rua Sapucaí. Esse trajeto possui declividade e aumenta o trajeto da pessoa que faz uso de cadeira de rodas em 184 metros, distância do início da Rua Sapucaí com Av. Assis Chateubriand até a escada de acesso ao metrô.

FIGURA 42 - Possibilidade de acesso da Rua Sapucaí para cadeirantes.
Fonte: Elaborado pela autora com base de dados disponíveis pela PRODABEL.

Dos entrevistados, 47% afirmam que a rua está pouco preparada para receber pessoas com deficiência motora. Esses avaliam que na rua é possível que uma pessoa com dificuldades de locomoção esteja, porém não é questionado o acesso à rua. Já para 41% dos entrevistados, que levam em consideração a forma de acesso na sua avaliação, dizem que a rua não está nem um pouco preparada para esse uso, conforme demonstrado no gráfico da figura 43.

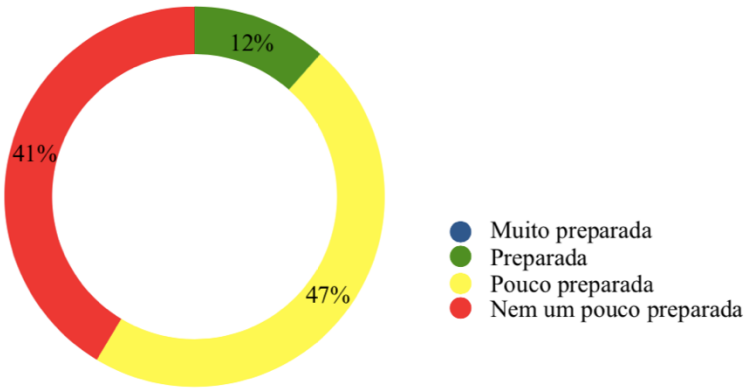

FIGURA 43 - Gráfico do quantitativo de respostas - preparo da Rua Sapucaí para receber pessoas com deficiência.
Fonte: Questionários aplicados na Rua Sapucaí - Elaborado pela autora - 2019

Não foi entrevistado nenhum portador de necessidades especiais e também em nenhum dia do campo das entrevistas notou-se a rua ocupada por qualquer pessoa com mobilidade reduzida. Portanto, não foi possível verificar a relação deles com o preparo da Rua Sapucaí.

Quando questionados sobre a rede de transportes ao redor e a facilidade de estacionar os carros a avaliação é melhor. A rede de transportes é considerada ótima por 31% dos entrevistados, 48% consideram boa e 15% a consideram regular. Apenas 6% consideram que o transporte ao redor é ruim (Figura 44):

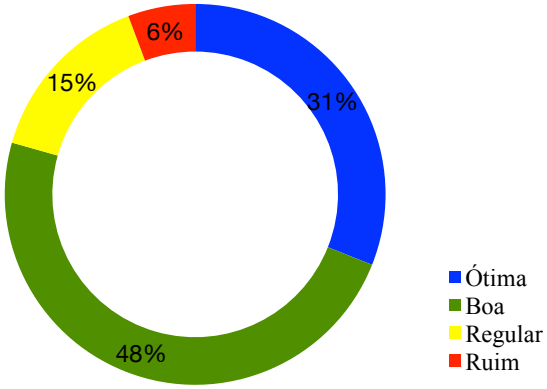

FIGURA 44 - Gráfico do quantitativo de respostas - acessibilidade da Rua Sapucaí.
Fonte: Questionários aplicados na Rua Sapucaí - Elaborado pela autora - 2019

O fato de a maioria dos respondentes considerarem boa a rede de transportes ao redor pode ser atribuído à presença do metrô muito próxima à rua, ao grande número de linhas de ônibus que transitam na Av. Assis Chateubriand e Av. do Contorno e à facilidade do translado à pé até o bairro Centro para ter acesso a outras linhas de ônibus.

Segundo o PPS, um local com fácil circulação e acessibilidade tem mais probabilidade de ser bem-sucedido. A acessibilidade está relacionada ao número de infraestruturas existentes no raio de ação do espaço público, tais como: estacionamentos e redes de transporte público.

A Rua Sapucaí possui estacionamento em quarenta e cinco graus para carros em toda a sua extensão. É um dos maiores bolsões de estacionamento da região central, muito utilizado pelas pessoas que trabalham no centro e não possuem outro estacionamento para os carros. Segundo 72% dos entrevistados a rua é fácil de estacionar, conforme demonstrado no gráfico da figura 45:

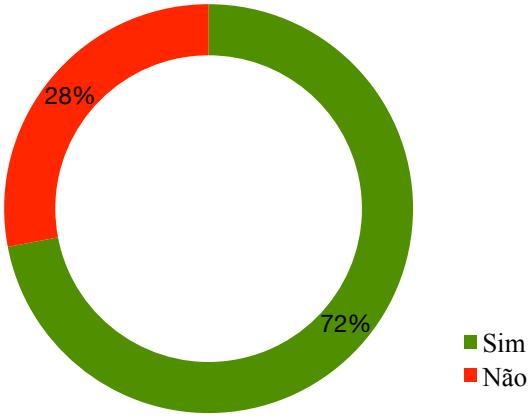

FIGURA 45 - Gráfico do quantitativo de respostas - localização dos estacionamentos para carro.
Fonte: Questionários aplicados na Rua Sapucaí - Elaborado pela autora - 2019

A visualização da rua também é um fator a se prestar atenção. É estratégico porque induz a segurança, pois, se é possível avistar toda a extensão da rua de qualquer localização desta, a sensação de segurança aumenta. A Rua Sapucaí possui arqueamento, o que faz com que determinados pontos fiquem cegos e não seja possível avistar o início e o final da rua. Para essa questão, 62% dos entrevistados responderam que não é possível avistar toda a extensão da rua (Figura 46):

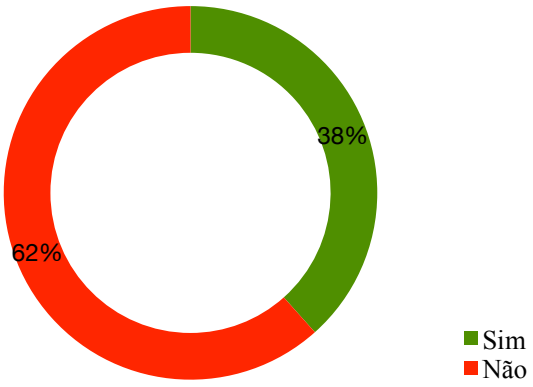

FIGURA 46 - Gráfico do quantitativo de respostas - visualização da rua em toda extensão.
Fonte: Questionários aplicados na Rua Sapucaí - Elaborado pela autora - 2019

Muitas críticas também são feitas aos passeios e seus desenhos. Os entrevistados falaram sobre a rua não ter piso tátil para pessoas com deficiência visual, a largura do passeio não ser adequada para muitas pessoas ao mesmo tempo ocuparem o passeio. E,

também, há o desejo de que o espaço para os pedestres seja mais bem aproveitado, como por exemplo, com bancos. A pergunta realizada foi “os passeios estão bem desenhados e estruturados?”, 54% dos respondentes afirmam que não e 46% que sim, conforme o gráfico da figura 47:

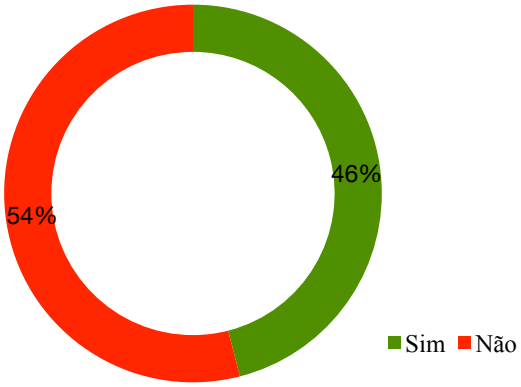

FIGURA 47 - Gráfico do quantitativo de respostas - qualidade dos passeios da Rua Sapucaí.
Fonte: Questionários aplicados na Rua Sapucaí - Elaborado pela autora - 2019

Sobre o chegar e sair da rua com facilidade, ou seja, a sua acessibilidade de várias formas modais, como a pé, de bicicleta, ônibus, metrô ou carro, a resposta dos entrevistados foi acessível para a maioria (49%), muito acessível para 43% e apenas 8% dos entrevistados disseram que a rua é pouco acessível. Não houve nenhuma resposta de nem um pouco acessível (Figura 48):

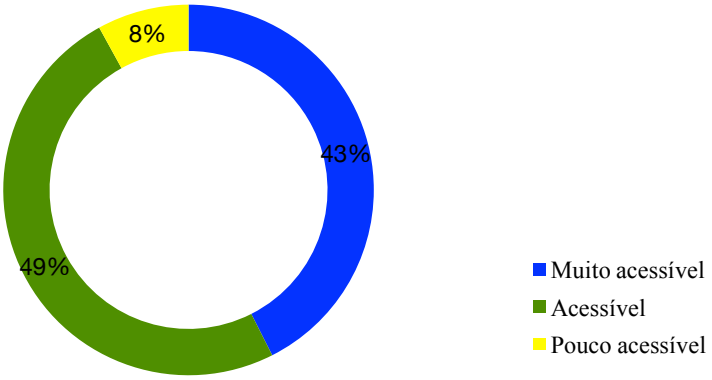

FIGURA 48 - Gráfico do quantitativo de respostas - facilidade de acesso a rua.
Fonte: Questionários aplicados na Rua Sapucaí - Elaborado pela autora – 2019

3.6.3 Conforto e imagem

Um espaço confortável e bonito, com um visual agradável é a chave para o sucesso, segundo o PPS. Na avaliação de conforto estão incluídas percepções sobre segurança, limpeza e também lugares para se sentar. Dar a possibilidade de lugares para se sentar é possibilitar que as pessoas permaneçam com conforto durante mais tempo no espaço público. As mulheres, em particular, são boas juízes no quesito de conforto e imagem, pois elas tendem a ser mais exigentes sobre o espaço público que utilizam.

Quando questionados sobre a impressão da rua, no geral, 52% das pessoas entrevistadas relatam que a rua causa uma boa impressão e 30% uma ótima impressão. Avaliando entre homens e mulheres a percepção sobre a rua, não há divergência significativa na intensidade boa e regular, apenas quando a intensidade da resposta é ótima que os homens (18%) avaliam melhor que as mulheres (12%). E, somente mulheres avaliam a impressão da rua como ruim (2%), conforme demonstrado no gráfico da figura 49.

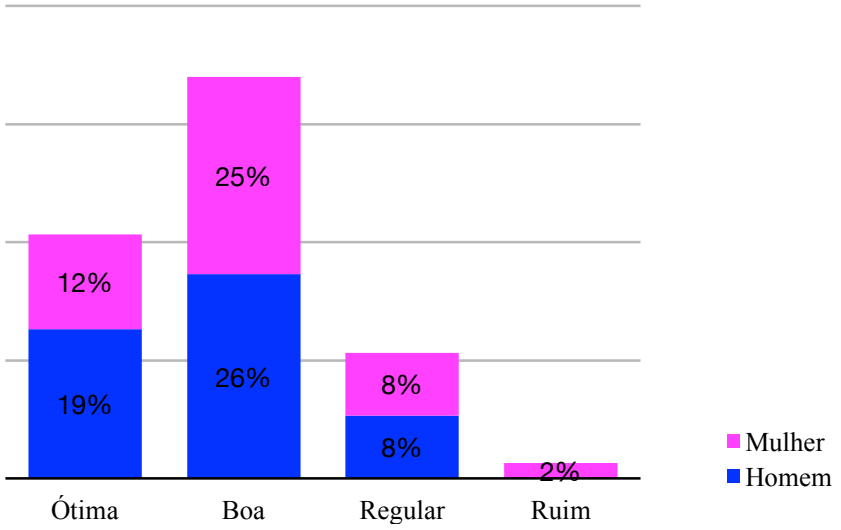

FIGURA 49 - Gráfico do quantitativo de respostas - impressão da Rua Sapucaí.
Fonte: Questionários aplicados na Rua Sapucaí - Elaborado pela autora - 2019

Sobre locais para sentar, a maioria dos entrevistados (64%) responderam que não há local na Rua Sapucaí. As pessoas que responderam sim (35%) foram as pessoas que consideram a mureta um local para sentar. A maior parte dos respondentes sim foram de pessoas do sexo masculino (22%) (Figura 50). Essas pessoas estavam fazendo ou fazem o uso da balaustrada para se sentar e relatam que não é muito seguro, pelo risco de queda. Mas, ressaltam também que a calçada é estreita e por isso não gostariam que houvesse bancos na extensão do passeio, porque deixaria o espaço ainda mais restrito.

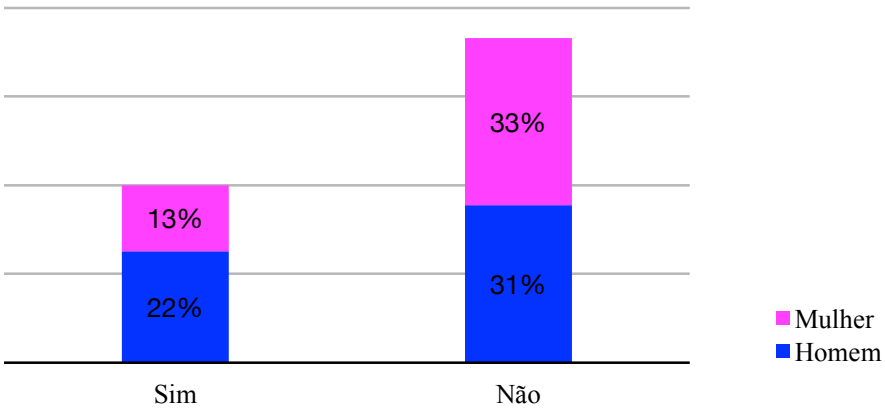

FIGURA 50 - Gráfico do quantitativo de respostas - lugar para sentar.
Fonte: Questionários aplicados na Rua Sapucaí - Elaborado pela autora - 2019

A limpeza e manutenção da rua é um fato questionado pela maioria dos entrevistados. Eles afirmam que a sujeira da rua é incômoda, como latas e *long necks* de cervejas que as pessoas não jogam nas lixeiras, pichações nas muretas e etc. Também comentam que nunca viram funcionários da Superintendência de Limpeza Urbana (SLU) fazendo a limpeza do local. A rua é suja para a maioria dos entrevistados (59%), conforme demonstrado no gráfico 51:

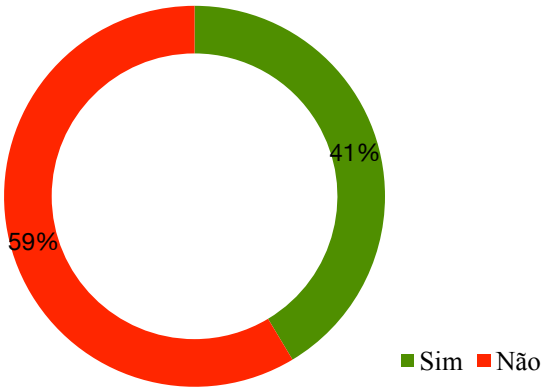

FIGURA 51 - Gráfico do quantitativo de respostas - percepção sobre a limpeza da rua.
Fonte: Questionários aplicados na Rua Sapucaí - Elaborado pela autora - 2019

Sobre a manutenção do espaço, 72% dos respondentes (Gráfico 52) afirmam não notar que exista responsável por essa tarefa. Como justificativa da resposta a essa questão, eram apontadas falhas no balaustre, pichações e no momento de diversão das pessoas não ter ninguém responsável pela limpeza no local.

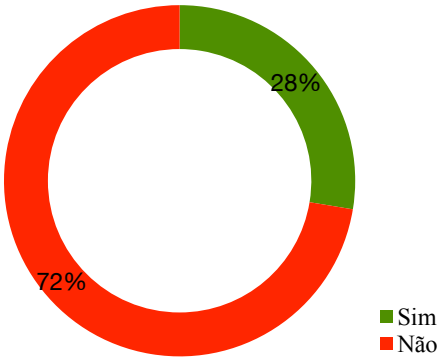

FIGURA 52 - Gráfico do quantitativo de respostas - percepção sobre a manutenção da rua.
(Fonte: Questionários aplicados na Rua Sapucaí - Elaborado pela autora - 2019)

Quanto à segurança, 51% do total de entrevistados responderam que é uma rua segura, 13% muito segura e apenas 34% que a rua é pouco segura. Dentre as mulheres, quando questionada a segurança da rua, apenas três entrevistadas (3%) responderam que a rua é muito segura, e dezoito que é segura (21%). Já entre os homens, oito acham a rua muito segura (9%) e vinte e seis a consideram segura (30%). Este fato demonstra uma percepção de segurança diferente entre homens e mulheres, sendo uma rua mais segura na percepção dos homens que das mulheres (Gráfico 53).

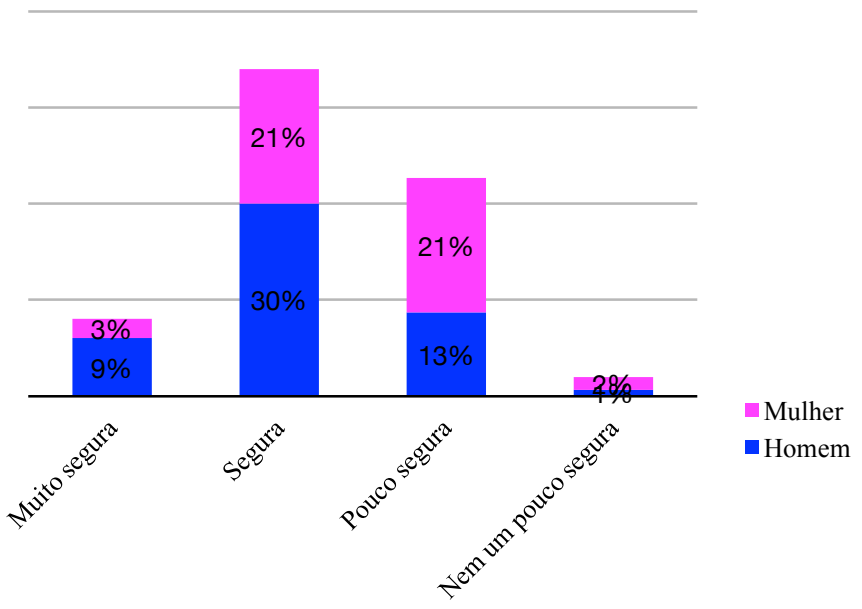

FIGURA 53 - Gráfico do quantitativo de respostas - percepção sobre a segurança da rua para homens e mulheres.
Fonte: Questionários aplicados na Rua Sapucaí - Elaborado pela autora - 2019

Para os frequentadores da rua Sapucaí, foi questionado se as pessoas tiram fotografias no local. Essa pergunta foi feita com o objetivo de avaliar a impressão dos transeuntes sobre a imagem e conforto, conforme metodologia do *Project for Public Spaces*, e 83% dos entrevistados afirmaram notar pessoas tirando foto da vista ao seu redor, demonstrado no gráfico 50. Muitas das vezes nas quais essa pergunta foi feita pela autora a resposta dada pelos entrevistados foi “muito”, seguida de risos e fala pela admiração da vista da rua.

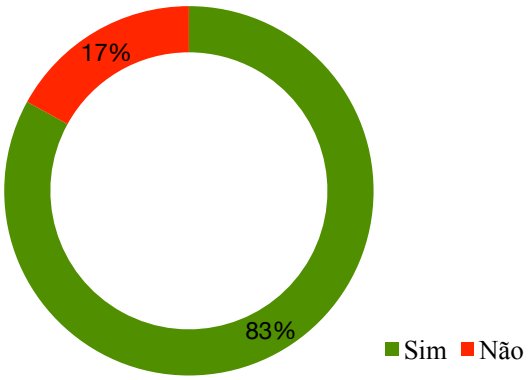

FIGURA 54 - Gráfico do quantitativo de respostas sim a pessoas tirando fotografias
Fonte: Questionários aplicados na Rua Sapucaí - Elaborado pela autora - 2019.

Há um desejo de que a rua tenha mais espaço para ocupação de pedestres, fato relatado pelos entrevistados, principalmente os transeuntes do final de semana, momento em que há maior movimento na rua e um desejo de exclusão dos carros. Mesmo com esse desejo, apenas 68% dos entrevistados afirmam que há muito espaço para carros (Figura 55):

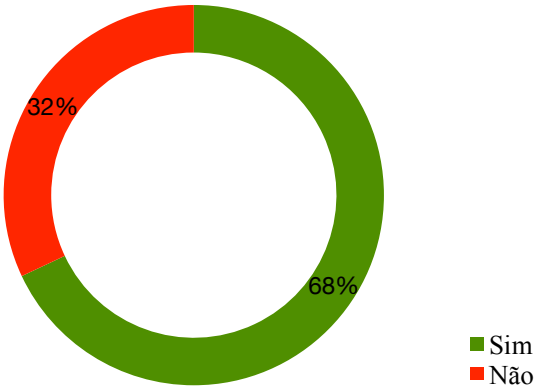

FIGURA 55 - Gráfico do quantitativo de respostas - espaço dedicado para carros na Rua Sapucaí.
Fonte: Questionários aplicados na Rua Sapucaí - Elaborado pela autora - 2019

Na Rua Sapucaí não é possível se proteger do sol em excesso ou da chuva, alguns poucos estabelecimentos possuem marquises pequenas. Portanto, em dias chuvosos o fluxo de frequentadores é menor, fato observado na segunda-feira em que esta pesquisa foi realizada. Havia pessoas na rua e no momento em que a chuva começou elas se dirigiram para os estabelecimentos ou deixaram o local. Do total de respondentes, 98% afirmaram que não há lugar para se proteger na rua, conforme gráfico da figura 56:

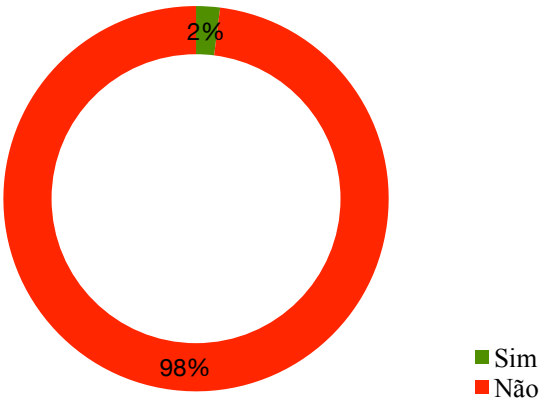

FIGURA 56 - Gráfico do quantitativo de respostas - possibilidade de se proteger do sol ou da chuva.
Fonte: Questionários aplicados na Rua Sapucaí - Elaborado pela autora - 2019.

3.6.4 Usos e atividades

As atividades são elementos fundamentais para a qualidade do espaço público. Para se locomoverem a determinado lugar, as pessoas precisam de algo para fazer, um motivo para ir até determinado lugar e também para voltar lá um dia. Foi questionado aos entrevistados qual a intensidade de uso da rua, 60% dos entrevistados relatam que a rua está muito utilizada, para 32% a rua está ocupada e para 7% a rua está pouco utilizada (Figura 57). Na impressão dos entrevistados, portanto, trata-se de uma rua com atividades.

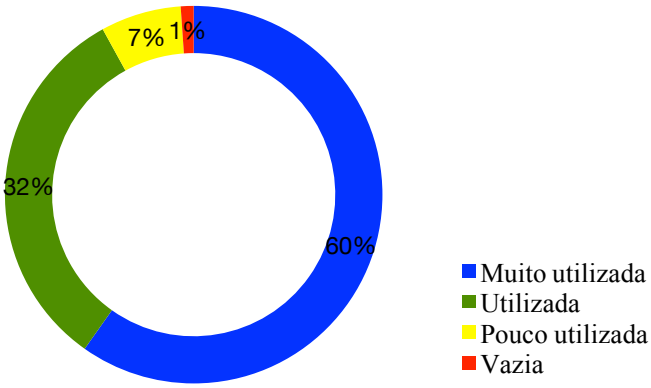

FIGURA 57 - Gráfico do quantitativo de respostas sobre a intensidade de uso da Rua Sapucaí.
Fonte: Questionários aplicados na Rua Sapucaí - Elaborado pela autora - 2019

Durante o processo de observação da dinâmica da rua e nas conversas com os entrevistados, notaram-se formas de usufruir e interagir no espaço de maneira diferente, uma manifestação muito particular e distinta da que acontece dentro dos estabelecimentos. A rua é utilizada como ponto de encontro e de conversa. Para os entrevistados, foi questionado se no momento da pergunta havia grupos de pessoas conversando e 97% dos entrevistados responderam que sim, conforme gráfico da figura 58.

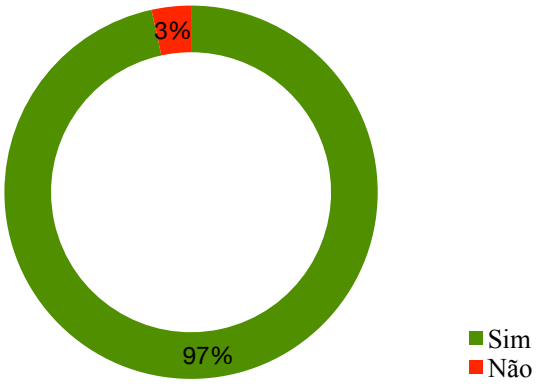

FIGURA 58 - Gráfico do quantitativo de respostas - observação de grupos de pessoas conversando.
Fonte: Questionários aplicados na Rua Sapucaí - Elaborado pela autora - 2019

A diversidade de usos está presente no seu cotidiano. Durante o início da semana observou-se pessoas utilizando a rua para fazer atividade física, corrida. Muitos alunos da faculdade encontrando-se antes do horário das aulas ou durante o intervalo; na segunda-feira um aluno estava terminando um trabalho sentado no *parklet* em frente ao *Mi Corazón*. Há sempre *food trucks* espalhados pela rua, então há, também, fluxo de pessoas procurando por aquele ambiente para comer rapidamente entre um deslocamento e outro. E, na sexta-feira, a dinâmica da rua está muito relacionada aos jovens procurando diversão. Nesse dia havia um grupo de jovens, entre 17 e 20 anos, que estavam utilizando o passeio (Figura 59) para jogar truco, vender doces e escutar música.

FIGURA 59 - Uso da rua pelos jovens
Fonte: Autora, 2019.

Também é possível constatar essa diversidade de uso quando perguntado aos entrevistados. Do total de entrevistados, 85% (Figura 60) relatam que no momento da entrevista há pessoas fazendo diferentes atividades como caminhando, relaxando e comendo.

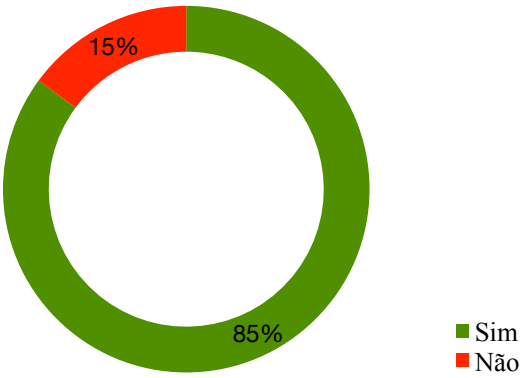

FIGURA 60 - Gráfico do quantitativo de respostas - diversidade de usos da Rua Sapucaí.
Fonte: Questionários aplicados na Rua Sapucaí - Elaborado pela autora - 2019

Para os entrevistados foi questionado se há gestão do espaço, essa gestão poderia ser pela prefeitura de Belo Horizonte, empreendimentos da Rua Sapucaí, associação de moradores ou mesmo os frequentadores da rua. Não foi especificado quem fazia essa gestão, ao se fazer essa questão o importante era observar a relação que as pessoas tinham

com a gestão do espaço e seu uso e ocupação. Dos entrevistados, 64% responderam que o espaço é gerido de alguma forma e por isso, o mesmo se mantém vivo e ativo (Figura 61):

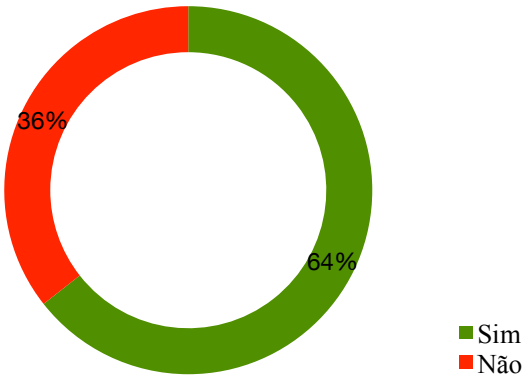

FIGURA 61 - Gráfico do quantitativo de respostas - percepção sobre a gestão do espaço.
Fonte: Questionários aplicados na Rua Sapucaí - Elaborado pela autora - 2019

Em nenhuma entrevista foi respondido que essa é uma relação importante para os entrevistados, e sim destacaram a forma orgânica que as pessoas estão no local e interagem com o espaço. E que gostariam que continuasse da forma que se encontra hoje.

3.6.5 Sociabilidade

Segundo o PPS, a sociabilidade de um espaço é alcançada quando as pessoas encontram seus amigos, conversam com os vizinhos ou sentem-se confortáveis para conversar com pessoas desconhecidas. Portanto, na entrevista foi perguntado se a Rua Sapucaí seria um local escolhido para conhecer amigos, e 90% dos entrevistados afirmaram que sim, conforme o gráfico da figura 62.

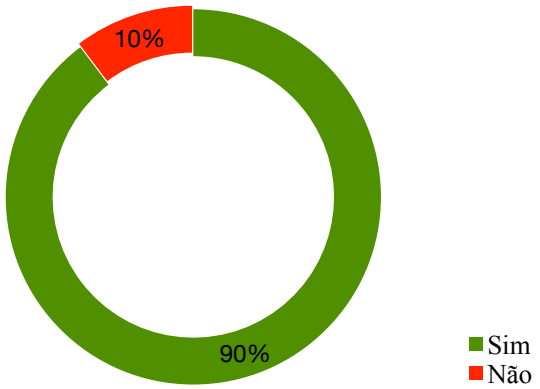

FIGURA 62 - Gráfico do quantitativo de respostas - Rua Sapucaí ser um possível local para conhecer amigos.
Fonte: Questionários aplicados na Rua Sapucaí - Elaborado pela autora - 2019

Em seguida foi questionado se as pessoas presentes na rua pareciam estar lá para encontrar os amigos. E, 99% dos entrevistados afirmam que sim, o que reforça a sensação de familiaridade para o espaço (Figura 63):

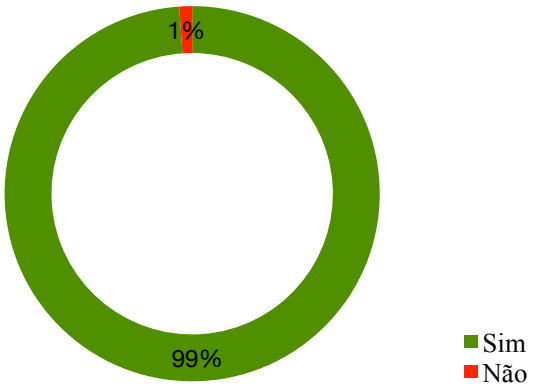

FIGURA 63 - Gráfico do quantitativo de respostas - pessoas encontrando amigos.
Fonte: Questionários aplicados na Rua Sapucaí - Elaborado pela autora - 2019

Outra pergunta importante para a análise da sociabilidade é se as pessoas estão em grupo e conversando umas com as outras. Segundo a percepção dos entrevistados,

97% das pessoas presentes no momento da entrevista estavam em grupo ou conversando umas com as outras (Figura 64):

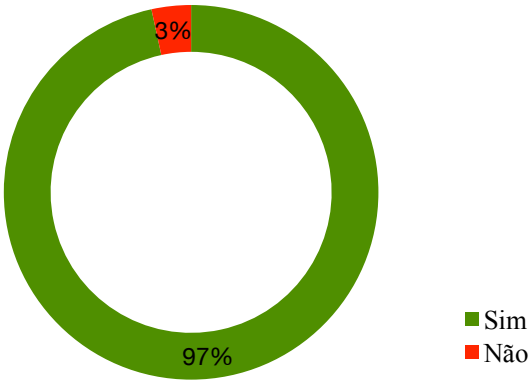

FIGURA 64 - Gráfico do quantitativo de respostas - pessoas em grupo ou conversando com outras.
Fonte: Questionários aplicados na Rua Sapucaí - Elaborado pela autora - 2019

Complementando a pergunta sobre as pessoas encontrarem amigos na rua, foi perguntado se as pessoas parecem se conhecer pelo nome ou rosto, ou seja, se é um local familiar para os frequentadores da rua, e 91% dos entrevistados afirmam que as pessoas parecem ser conhecidas umas das outras.

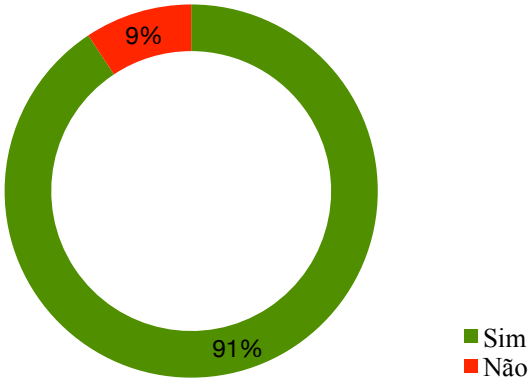

FIGURA 65 - Gráfico do quantitativo de respostas - pessoas que parecem se conhecer pelo rosto ou pelo nome.
Fonte: Questionários aplicados na Rua Sapucaí - Elaborado pela autora - 2019

Se o espaço desperta interesse nas pessoas e elas têm vontade de apresentar para seus parentes e amigos é um bom indicativo de laços de sociabilidade e proximidade. E a porcentagem de resposta foi que 91% dos entrevistados levam parentes e amigos para conhecer a rua, conforme demonstrado no gráfico da Figura 66.

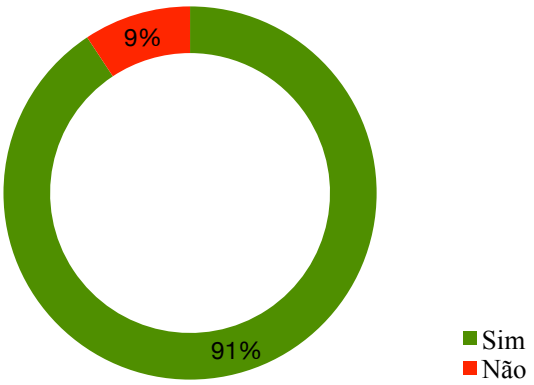

FIGURA 66 - Gráfico do quantitativo de respostas - pessoas que levam parentes e amigos para conhecer a rua.
Fonte: Questionários aplicados na Rua Sapucaí - Elaborado pela autora - 2019

Quando questionado sobre falar com orgulho da Rua Sapucaí, apenas 70% dos entrevistados relatam fazer com seus amigos e parentes, conforme gráfico da figura 67 (informação que será abordada no próximo item).

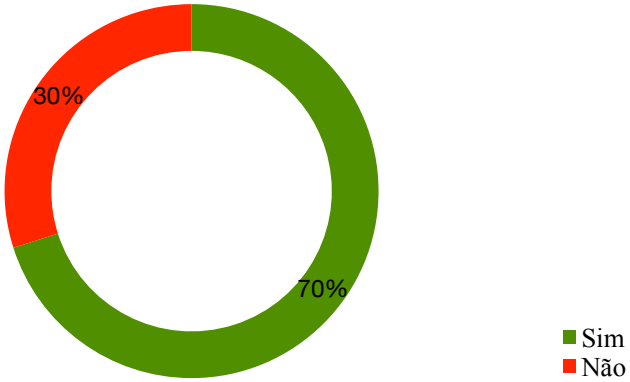

FIGURA 67 - Gráfico do quantitativo de respostas - pessoas que falam com orgulho da Rua Sapucaí.
Fonte: Questionários aplicados na Rua Sapucaí - Elaborado pela autora - 2019

Segundo o PPS, as diversidades étnica e de idade são importantes para o quesito sociabilidade do espaço público, já que este deve atender diferentes tipos de pessoas. Os entrevistados, quando questionados sobre ter mistura de idades e grupos étnicos frequentando a rua, afirmaram 61% das vezes que a rua possui muita mistura, seguido por 26% que afirmam ser apenas misturada (Figura 68).

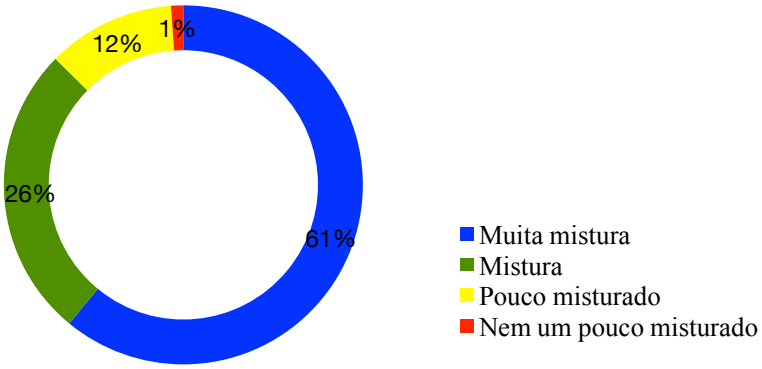

FIGURA 68 - Gráfico do quantitativo de respostas - mistura de idades e grupos étnicos.
Fonte: Questionários aplicados na Rua Sapucaí - Elaborado pela autora - 2019

Fato que pode ser curioso se verificado que 63% dos entrevistados têm idade entre 18 e 28 anos (conforme gráfico da figura 30). E, durante o processo de observação da Rua Sapucaí, notou-se um perfil de jovens em sua maioria brancos e de perfil homogêneo, aos olhos da autora.

Por fim, foi questionado se as pessoas tendem a não deixarem lixo na rua. Quando as pessoas têm o cuidado de manter o lugar limpo, a sua ligação com o espaço é maior, segundo o PPS. Os entrevistados foram questionados se as pessoas, no geral, tendem a pegar o lixo na rua e 93% afirmam que nunca viram (Figura 69):

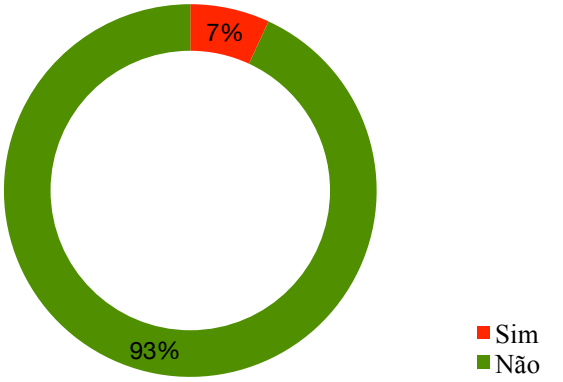

FIGURA 69 - Gráfico do quantitativo de respostas - pessoas pegarem o lixo da rua.
Fonte: Questionários aplicados na Rua Sapucaí - Elaborado pela autora - 2019

3.7 Análises

Estudar, compreender e analisar os conceitos de economia criativa, cidades criativas e espaço público foi importante para a contextualização e caracterização da Rua Sapucaí.

O conceito de economia criativa abrange aspectos econômicos, culturais e sociais que podem estimular a inclusão social, a diversidade cultural e o desenvolvimento humano. Uma cidade criativa precisa compreender o contexto econômico, social e político, incluindo a história do lugar. O contexto no qual a Rua Sapucaí tornou-se um corredor criativo da cidade de Belo Horizonte está inserido na história de transformação da região central. Após a revitalização urbana promovida pela prefeitura de Belo Horizonte, movimentos sociais e políticos começaram a ocupar a região da Praça da Estação e, com isso, os olhares passaram a se voltar para a potencialidade do local. Só então, a Rua Sapucaí foi ocupada e tornou-se um corredor de economia criativa.

O primeiro empreendimento a funcionar na Rua Sapucaí foi a Salumeria Central, e durante dois anos foi o empreendimento chave. Porém, é um restaurante frequentado por um público seleto, que se desloca até lá de transporte individual, estaciona o carro e entra no estabelecimento, havendo pouca relação com o espaço público da rua.

A relação com o espaço da rua começou a acontecer a partir da inauguração do galpão Benfeitoria, que, na análise da autora, foi o empreendimento com maior caráter criativo. Foi a partir da abertura da Benfeitoria que a rua começou a ser ocupada. Talvez essa vontade de ir para a rua tenha surgido devido ao pouco espaço interno do galpão, a paisagem urbana proporcionada pela calçada balaustrada ou o seu público politizado que gostava de ocupar o espaço público da cidade.

Os frequentadores iniciais da Benfeitoria foram as pessoas ligadas aos movimentos de reocupação do centro de Belo Horizonte. Essas pessoas já frequentavam a Praia da Estação, o Nelson Bordelo ou o Teatro Espanca e estavam vivendo o momento de ocupar o espaço público em contestação ao decreto do então prefeito Márcio Lacerda.

Além do mais, os empreendedores da Benfeitoria tinham relação direta com os movimentos políticos e de ocupação do espaço público e levavam para a Benfeitoria essa vontade de discutir a cidade. Nas entrevistas realizadas com representantes dos quatro empreendimentos escolhidos, notou-se que a representante da Benfeitoria foi quem mais relatou a relação com a Rua Sapucaí, a associação de moradores do bairro Floresta e a

preocupação de transformar aquele espaço em um lugar bom para todos. A Benfeitoria gostava de proporcionar a experiência das pessoas irem para a rua, para a mureta e cultivar a boa relação com os moradores do bairro. Essa relação só foi diminuída no momento em que a Benfeitoria começou a atrair um público de minorias étnicas e de diversidade sexual, porque começou a incomodar os moradores do bairro.

Os donos da Benfeitoria também eram profissionais do marketing, profissão diretamente relacionada à indústria criativa, e gostavam de promover eventos no galpão e na rua. A preocupação com os frequentadores do galpão e as pessoas que ocupavam a rua pode ser verificada no ato de conversar com os motoristas de ônibus e o pedido na prefeitura para a diminuição da velocidade máxima permitida na rua. Essas iniciativas dos empreendedores trouxeram segurança a todos os transeuntes. A instalação do *parklet* também proporcionou mais uso e conforto para a rua, já que em qualquer horário havia um espaço para descanso e lazer.

Segundo a UNCTAD, a economia criativa estimula a inclusão social, a diversidade cultural e o desenvolvimento humano com respostas políticas inovadoras. Estes foram verificados na relação do galpão Benfeitoria com a Rua Sapucaí.

Já o espaço público é o local onde se encontram as fissuras que escapam do planejamento formal da cidade e acontecem erupções subjetivas dos desejos da população. A revitalização urbana da região central de Belo Horizonte atraiu o olhar dos jovens, bem como a apropriação do espaço para as manifestações políticas e culturais da cidade. Estar naquela região era um ato político e de resistência contra as arbitrariedades do prefeito. Portanto, uma fissura do planejamento formal da revitalização da cidade.

Os jovens que frequentavam a região central fortaleciam os laços de interações sociais com o espaço público ao mesmo tempo que criavam familiaridade com o local. O interessante é que foi um movimento iniciado por atores mais politizados da zona sul de Belo Horizonte, e que aos poucos foi se expandindo e atraindo também pessoas de outras regiões da cidade.

Os usos e contra-usos do espaço público urbano auxiliaram a ativação do território e contribuíram para ações de pertencimento, sendo resultado de distintas influências informais e cotidianas. Apesar das gestões políticas da cidade terem um perfil alinhado com a esquerda e os movimentos populares, foram necessárias contestações, afrontamento e subversão dos usos esperados pelo governo como reação a um decreto,

para mostrar a presença de pessoas no espaço público de forma diversa à esperada pelas políticas públicas.

O caráter urbano de centralidade possibilita o fácil acesso por transporte público aos moradores de todas as regiões da cidade de Belo Horizonte. Isso ajuda a reforçar um espaço público de diversão financeiramente acessível a todos, principalmente, quando o movimento dos empreendimentos criativos traz visibilidade para o espaço, como é o caso da Rua Sapucaí. Ao mesmo tempo, isso proporciona que as pessoas estejam na calçada, sem serem obrigadas a consumir desses empreendimentos, normalmente frequentados por classes mais favorecidas. Segundo Sobral (2018), um espaço público acessível e agradável a todos é de graça e por isso gera igualdade. Isso permite que as pessoas estejam com segurança e conforto, ao mesmo tempo que convida ao uso de muitas pessoas.

É importante ressaltar uma diferença entre a Rua Sapucaí e o movimento de cidades criativas que acontece em outros locais. Normalmente, estes se dão em edificações históricas, tombadas pelo patrimônio e com grande valor cultural para a cidade. Na Rua Sapucaí os empreendimentos criativos ocupam galpões e casas com interiores discretos, artísticos e até mesmo pitoresco.

Os empreendimentos criativos foram importantes para o desenvolvimento do espaço público local, uma vez que sem eles não teria acontecido a atratividade da Rua Sapucaí. Portanto, empreendimentos criativos, quando valorizam a dinâmica de transformação da rua, são de suma importância para a ocupação do espaço público. Espaço esse que permite a formação de uma cultura democrática, agregadora e compartilhada entre pessoas.

Porém, desde o início do funcionamento alguns problemas foram vividos pelos bares, frequentadores e moradores do bairro. No início, com poucos empreendimentos funcionando, os problemas eram menores como lixo na rua, barulho excessivo e incômodo dos moradores com a frequência de pessoas diversas na rua. Porém, no ano de 2018, a Rua Sapucaí tornou-se um polo de movimento noturno e, com isso, maiores confusões aconteceram: pessoas ocupando a rua e dificultando a passagem de ônibus e carros, aumento do lixo e situações de violência.

A violência e o consumo de drogas ilícitas foram focos de preocupações, três grandes confusões podem ser destacadas. A primeira ligada ao tráfego urbano, o excesso de pessoas que ocupavam a faixa de rolamento não permitia o tráfego de carros e ônibus e, certo dia, um motorista muito estressado saiu de seu carro e foi questionar o fato com

quem estava lá. A segunda relacionada ao alto volume das caixas de som utilizadas pelos jovens em frente aos edifícios residenciais. E a terceira por motivos políticos e dualidades partidárias dos candidatos a presidência da república em 2018. Todas essas confusões causaram tumultos generalizados, com quebras de garrafas e susto para os frequentadores.

Para contornar esses problemas, a associação de moradores, a BELOTUR, a polícia e os donos dos empreendimentos fizeram algumas reuniões. Em conversa com o sargento da polícia militar responsável pela unidade móvel que fica no início da rua Sapucaí com a Av. Assis Chateubriand, foi relatado que a solução encontrada foi realizar um Termo de Ajustamento de Conduta (TAC). Nele, os empreendimentos se comprometem a encerrar o funcionamento a uma hora da manhã, a prefeitura fará a fiscalização dos ambulantes e a polícia militar intensificará o patrulhamento. Durante os dias do trabalho de campo notou-se uma ação intensa da polícia na rua, algumas vezes verificando bolsas e mochilas à procura de drogas, e a presença de fiscais da prefeitura com o objetivo de coibir a venda de bebidas por ambulantes. Foi constatado pela autora desta dissertação uma diminuição do público na rua e, nas entrevistas, esse fato foi relatado diversas vezes pelas pessoas que frequentam a rua há mais tempo.

Sobre a relação das pessoas com o caráter urbanístico do espaço público não foi notada uma forte ligação. Apesar das críticas que o espaço recebeu em relação ao seu preparo para receber pessoas com deficiência física, o desenho de seus passeios, a divisão do espaço com os carros, nada disso foi levantado como muito importante pelos entrevistados. Eles gostariam que a rua tivesse melhores condições e cuidados. Porém, é seu uso, atividades e sua sociabilidade que atraem as pessoas para o espaço da Rua Sapucaí.

Mesmo que os frequentadores afirmem que a rua é um local de heterogeneidade, foi possível constatar segregações e exclusões no espaço, o que leva as pessoas de menor poder aquisitivo a não frequentarem os empreendimentos criativos e sim o entorno. Um questionamento é sobre a experimentação criativa que levou pessoas a frequentarem o local: será ela suficiente para manter o espaço ativo por mais quanto tempo?

No final de 2018, a Benfeitoria encerrou as suas atividades, pois os sócios queriam viver outras experiências de vida. Desde então, foi possível notar a mudança no espaço da rua tanto pela autora desta dissertação, quanto pelos entrevistados. Muitos dos entrevistados que frequentavam a rua desde a inauguração da Benfs relatam que a

Benfeitoria era o maior atrativo para rua com sua programação criativa e que desde o seu fechamento a relação das pessoas com o espaço se modificou.

Não há garantias de que uma gestão criativa de um empreendimento transforme a relação com o espaço e permita o acesso de todos. Entretanto, a partir da análise da Benfeitoria enquanto empreendimento criativo e a relação estabelecida de cuidado e preocupação com o espaço da rua e a relação das pessoas com a cidade sugerem um forte caminho a ser adotado.

O diálogo entre moradores, frequentadores, donos dos empreendimentos e gestão pública torna-se indispensável para manter a rua ativa e segura. Almeja-se que outros empreendimentos, como a Benfeitoria, se preocupem com o espaço da rua e promovam formas de gestão urbana participativa e que cada vez mais pessoas diversas estejam presentes no espaço, trazendo vida, criatividade e desenvolvimento para a Rua Sapucaí.

É possível destacar três atores chaves que resultaram nas transformações da Rua Sapucaí: os empreendimentos, as pessoas e a rua. Estes se interrelacionam com a economia criativa, como apresentado no fluxograma da Figura 70:

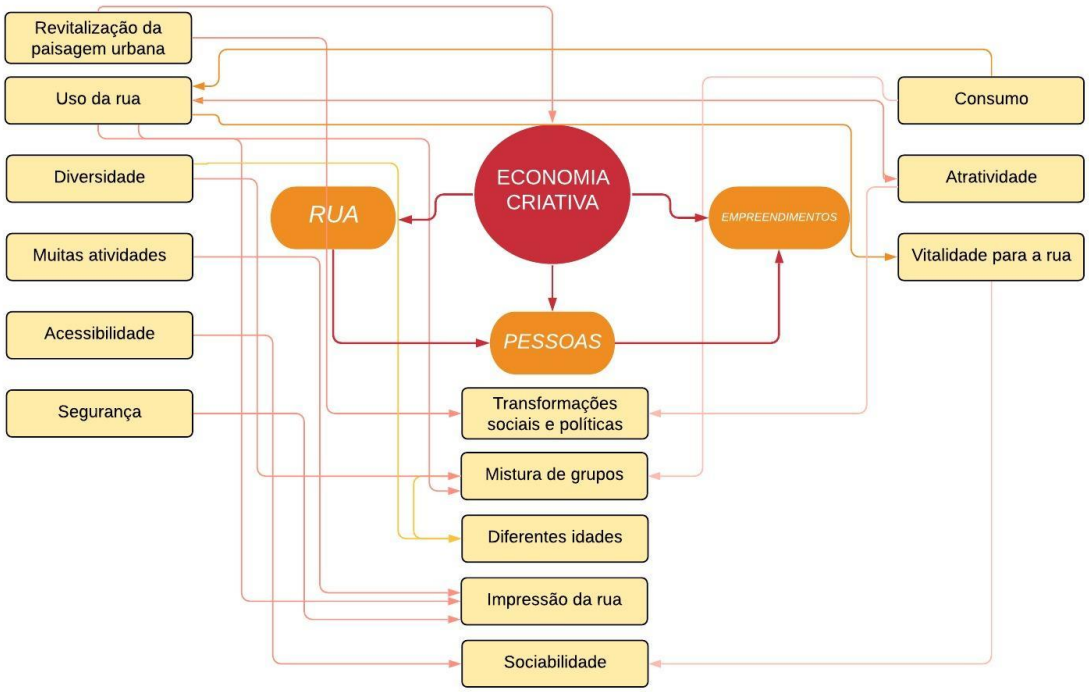

FIGURA 70 - Fluxograma Economia Criativa e atores da transformação.
Fonte: Elaborado pela autora - 2019

Conforme apresentado no fluxograma, a revitalização da paisagem urbana da área central de Belo Horizonte foi de suma importância para as transformações sociais e políticas que aconteceram na região. A partir desse movimento e do entusiasmo com as transformações sociais e políticas do entorno é que os empreendedores avistaram uma potencialidade na Rua Sapucaí.

Então, surgiram os empreendimentos de economia criativa. Com estes em funcionamento, uma atratividade, um motivo para ir até a Rua Sapucaí foi gerado. E, ao se chegar no local, a bela paisagem urbana encontrada e o pouco espaço dentro dos empreendimentos atraíam as pessoas a estarem na rua. A partir de então, o uso da rua começa a acontecer de forma espontânea.

Uma rua com mais pessoas frequentando despertou a mudança no imaginário das pessoas: o que antes era uma rua perigosa e de passagem aos poucos foi se transformando em segura e com vida. A abertura de novos empreendimentos, de perfis diferentes, e o maior consumo no interior destes proporcionaram que muitas atividades começassem a acontecer na rua. O que acabou influenciando para uma mistura de grupos que se dirigiam para o local com a finalidade de encontrar os amigos.

A possibilidade de acesso à rua por diversas formas de transporte atraiu mais pessoas para visitar a rua e encontrar amigos. Isso trouxe vitalidade e em consequência maior segurança e melhoria da impressão da rua. Logo, é difícil relacionar causa e consequência da abertura dos empreendimentos e a revitalização da Rua Sapucaí, porque todos estão entrelaçados e interligados. Porém, a abertura dos empreendimentos criativos foi essencial para promover uso, atividade e sociabilidade na rua.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um dos objetivos desta dissertação era trabalhar o olhar do planejador urbano para a ocupação do espaço público de forma orgânica e não previamente estabelecida nos planos e projetos da cidade, bem como correlacionar o conceito de Economia Criativa como uma maneira de desenvolver o território. Por isso, foi necessário o deslocamento do olhar do profissional, muito voltado para a intervenção e transformação física do espaço, para um olhar voltado a quem utiliza, se apropria e vivencia o espaço. Esse foi o foco durante todo o processo.

Uma dificuldade encontrada foi a de mensurar a economia criativa na Rua Sapucaí de acordo com os indicadores estudados na referência bibliográfica desta dissertação. O Índice Global da Criatividade, por exemplo, que avalia tecnologia, talento e tolerância como medida de criatividade de uma cidade ou território não mensuraria a criatividade da rua, já que os fatores que leva em consideração para medir a criatividade são os três T mencionados. O talento considera a classe criativa como adultos com nível superior e em atividades relacionadas a ciência, engenharia e artes e o terceiro T da tolerância afirma que a abertura à diversidade estimula o desenvolvimento econômico. Porém, esse índice desconsidera traços comuns ou mesmo óbvios da criatividade presentes no território brasileiro, onde muitas vezes os donos dos empreendimentos criativos não possuem curso superior, estão pouco relacionados à área da ciência e tecnologia e com um fator de criatividade altíssimo. Já no caso do T da tolerância é possível ver iniciativas locais que querem que isso aconteça como foi o caso da Benfeitoria e que sofrem dificuldades. Inicialmente, o galpão tinha boa relação com a Associação de Moradores do bairro Floresta, nesse momento o primeiro público que frequentava a rua eram pessoas da região centro-sul de Belo Horizonte. Quando o galpão começa a atrair e faz questão de manter o público "preto, pobre e favelado" – na fala de sua fundadora – a Associação de Moradores rompe a boa relação com o galpão. Logo, a tolerância é um fator difícil de ser alcançado e mantido em relação ao espaço da rua e os moradores do bairro.

A transformação da Rua Sapucaí em um corredor de economia criativa não foi algo previamente elaborado pelo poder público, assim como em outras capitais que utilizam da economia criativa para proporcionar atratividade econômica para a cidade; e sim, aconteceu de forma orgânica. Conforme estudado por esta dissertação, o principal fator que levou a ocupação da Rua Sapucaí e um novo olhar para o local foram os

movimentos sociais de ocupação da Praça da Estação. As pessoas que iniciaram esse movimento consideravam importante estar ali em oposição ao decreto que proibia o uso da praça. E, a ocupação da Praça da Estação como um ato político e também um espaço de lazer e entretenimento é que traz a discussão para vivenciar espaços da cidade que eram considerados marginalizados e inseguros. O inicio do funcionamento do bar Nelson Bordelo na Rua Aarão Reis é o momento que atrai o olhar das pessoas para a potencialidade desse espaço e então a Rua Sapucaí começa a ser notada.

Apesar de não ser o primeiro empreendimento a funcionar na rua Sapucaí, a Benfeitoria tem papel muito importante para relacionar o empreendimento criativo com o espaço público da rua porque os seus gestores tinham uma preocupação com os frequentadores e com o impacto social do seu negócio para o entorno. Além do mais, foi o local que proporcionou discussões sobre a cidade e com sua programação procurava manter o questionamento político de como as pessoas poderiam melhorar o processo de ocupação da cidade.

A princípio, as mudanças só foram alcançadas porque as pessoas envolvidas estavam atentas a seu direito de ocupação do espaço público e havia o desejo de pertencimento e identidade da juventude com a região central. A vontade de experimentar novas formas de se relacionar com a economia, a cultura e a cidade é que potencializaram a transformação da Rua Sapucaí em um corredor de economia criativa. Apesar de limitado a um corredor com poucos empreendimentos de caráter criativo, é possível destacar um recorte em busca de novas formas de ocupar a rua e de trazer melhorias. Com os exemplos mostrados nesta dissertação, é possível ilustrar que os empreendimentos criativos aumentam a possibilidade de atratividade para zonas obsoletas e sem vida, dando maior uso ao espaço público.

Um desafio futuro é pensar em novas formas de continuar atraindo as pessoas para a rua, com diversidade, para que os empreendimentos continuem trazendo vitalidade e conectividade entre as pessoas que utilizam a rua.

Os assuntos tratados nesta dissertação servem de base para outras possibilidades de pesquisa sobre empreendimentos criativos e a ocupação de espaços públicos em outras cidades brasileiras, correlacionando o que for comum e as particularidades dessas transformações.

REFERÊNCIAS

AGUAS, Sofia. Do Design ao Co-design. Uma oportunidade de design participativo na transformação do espaço público. **Revistes Catalanes amb Accés Obert**. núm. 22, Abril 2012, p. 57-70. Disponível em: https://www.raco.cat/index.php/Waterfront/article/view/252044. Acesso em: 22 abr. 2019.

AIRPANO. **Cenários referências em Barcelona.** Disponível em: http://www.airpano.com/Photogallery.php?gallery=11&photo. Acesso em: 02 nov. 2019.

AMORIM, Patrícia de Souza Cançado. **Cidades Criativas Espontâneas.** Dissertação (Mestrado em Gestão e Estudos da Cultura) - Instituto Universitário de Lisboa. Lisboa, 2015.

ARROYO, Michele Abreu. **Reabilitação urbana integrada e a centralidade da Praça da Estação.** 2004. 158 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004.

BRITTO, Jorge Nogueira de Paiva. A regional Perspective of the creative economy in Brazil. **Revista de Economia Contemporânea.** (2016) 20(3): p. 458-491.

BALULA, Luis. Planejamento urbano, espaço público e criatividade. Estudo de caso: Lisboa, Barcelona, São Paulo. **Cadernos Metrópole**, vol. 13, núm. 25, janeiro-julho, 2011. P. 93-122. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil.

CESARINO, Gabriela Krantz. **Os arranjos criativos na transformação da cidade. Dissertação** (Mestrado em arquitetura e urbanismo) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2016.

CIRCUITO URBANO DE ARTE - CURA. **O Festival**. Disponível em: <https://cura.art>. Acesso em: 31 mar. 2019.

CREATIVEMED. **Toolkit platform for political recommendations**. [S.l.]: MED Programme, 2014a. Disponível em: <http://toolkit.creativemed.eu/docs/creativemed_toolkit.pdf>. Acesso em: 17 mar. 2019.

DIAS, M.S.; JÚNIOR, M.E. O espaço público e o lúdico como estratégias de planejamento urbano humano em: Copenhague, Barcelona, Medellín e Curitiba. **Cadernos Metrópole**, vol. 19, núm. 39, maio-agosto, 2017. P. 635-663. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil.

FEDERAÇÃO DAS INDUSTRIAS DO RIO DE JANEIRO - FIRJAN. **Mapeamento da Indústria Criativa no Brasil**. 2016. 60p. Disponível em: <https://www.firjan.com.br/economiacriativa/download/mapeamento-industria-criativa-sistema-firjan-2016.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2019.

FREIRE, Cíntia. **Cotidiano, Memória e Identidade: o bairro Lagoinha (Belo Horizonte, MG) na voz dos seus moradores**. Dissertação. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Belo Horizonte. 2008.

FLORIDA, R.; MELLANDER, C.; KING, K. **Global Creativity Index 2015**. Toronto: Martin Prosperity Institute, 2015.

FUNDAÇÃO Clóvis Salgado. Serraria Souza Pinto. Disponível em: http://fcs.mg.gov.br/espacos-culturais/serraria-souza-pinto/ . Acesso em: 02 jul. 2019.

FURTADO, G; ALVES, S. Cidades criativas em Portugal e o papel da arquitetura: mais uma estratégia a concertar. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, núm. 99, dezembro, 2012. P. 125-140.

GARCIA, G.C.; FLORISSI, S. Economia Criativa, cidades criativas: casos latino-americanos. **Diálogo com a Economia Criativa**, Rio de Janeiro, v.2, n.5. Maio/Agosto,2017. p.38-56.

GASPAR, J.V.; PINTO, S.L.U.; TEIXEIRA, C.S. **A criatividade como vetor da transformação urbana: cases e aplicações**. Conferência Aprotec 2017. Disponível em: <http://via.ufsc.br/wp-content/uploads/2017/11/A-Criatividade-como-vetor-da-transformação-urbana.pdf>. Acesso em: 23 abr. 2019.

GEHL, Jan. **Cidades para Pessoas**. Tradução de Anita Di Marco. São Paulo. 3ºEd. Perspectiva, 2015.

GEHL, Jan; GEMZØE, Lars. **Novos Espaços Urbanos**. Tradução de Carla Zollinger. Editorial Gustavo Gili. Barcelona, 2002.

GOVERNO DE MINAS GERAIS. **Circuito Liberdade**. Disponível em: <http://www.circuitoliberdade.mg.gov.br/pt-br/circuito-liberdade-br/historia>. Acesso em: 31 mar. 2019.

GRUPO Praça da Estação. Disponível em: http://grupopracadaestacao.blogspot.com. Acesso em: 02 jul. 2019.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Belo Horizonte. Disponível em: https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/mg/belo-horizonte.html. Acesso em: 31 mar. 2019.

IPHAN. A Casa do Conde. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/mg/pagina/detalhes/1284. Acesso em: 30 jul. 2019.

JACOBS, Jane. **Morte e Vida nas Grandes Cidades**. Tradução de Carlos S. Mendes Rosa. São Paulo, 3º Ed. Martins Fontes, 2014.

KLAMER, Arjo. Pensar Economia Criativa pede por outra Ciência Econômica: introduzindo a abordagem “value based”. In: VALIATI, Leandro; MOLLER, Gustavo

(Org.). **Economia Criativa**. Cultura e Políticas Públicas. Porto Alegre: Editora da UFRGS: CEGOV, 2016.

MANZINI, E.J. Entrevista semi-estruturada: análise de objetivos e de roteiros. In: Seminário Internacional sobre pesquisa e estudos qualitativos, 2, 2004, Bauru. A pesquisa qualitativa em debate. **Anais**... Bauru: USC, 2004.

MARINHO, Heliana. Economia Criativa: Abordagem conceitual e dinâmica da MPE. In: CALABRE, Lia. (Org.). **Políticas culturais: informações, territórios e economia criativa**. Tradução de Carmen Carballal. São Paulo: Itaú Cultural; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2013.

MACKENZIE, Annah. **Reimagining our streets as places: from transit routes to community roots**. Project for public spaces. 2015. Disponível em: <https://www.pps.org/article/reimagining-our-streets-as-places-from-transit-routes-to-community-roots>. Acesso em: 18 mar. 2019.

MARTINS, Rolando Borges. Lisboa Criativa?. In: VALIATI, Leandro; MOLLER, Gustavo (Org.). **Economia Criativa**. Cultura e Políticas Públicas. Porto Alegre: Editora da UFRGS: CEGOV, 2016.

MAZIVIEIRO, M.C.; ALMEIDA, E. **Urbanismo Insurgente: ações recentes de coletivos urbanos ressignificando o espaço público na cidade de São Paulo**. Enanpur, 2017. Disponível em: <http://anpur.org.br/xviienanpur/principal/publicacoes/XVII.ENANPUR_Anais/ST_Sessoes_Tematicas/ST%206/ST%206.1/ST%206.1-04.pdf>. Acesso em: 18 abr. 2019.

MBOUP, Gora. **Street as a public spaces and drivers of urban prosperity**. Kenya: UN-Habitat, 2013.

MEDEIROS, M.L.; SANTOS, E.M. - Festivais Gastronômicos em Belo Horizonte - MG. Considerações sobre os reflexos gerados nos empreendimentos envolvidos. **Revista de Cultura e Turismo**. Ano 03. Nº 2. Abril, 2009: p. 82-93.

MILES, Malcom. Uma cidade pós criativa?. **Revista Crítica de Ciências Sociais**. nº 99. Dezembro, 2012: p. 9-30. Disponível em: <https://journals.openedition.org/rccs/5091>. Acesso em: 23 abr. 2019.

MOREIRA, Corina Maria Rodrigues. **Patrimônio Cultural e Revitalização Urbana. Usos, apropriações e representações da Rua Caetés, Belo Horizonte**. Dissertação. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Belo Horizonte. 2008.

MUSEU DO ORIENTE. **Fundação Museus do Oriente**. Disponível em: <http://www.museudooriente.pt>. Acesso em 03 nov. 2019.

OLIVEIRA, Eliado Rodrigues de. **Cidade criativa : perspectiva de desenvolvimento socioeconômico para Boa Vista (RR)**. Dissertação de mestrado. UFRGS, 2010.

OLIVEIRA, J.M.; ARAUJO, B.C.; SILVA, L.V. **Panorama da Economia Criativa no Brasil**. Brasília, Ipea, 2013 (Texto para Discussão, n.1880). Disponível em: <http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/2026/1/TD_1880.pdf>. Acesso em: 15 fev. 2019.

PAVIA, A.M.S.P. **A gestão participativa como ferramenta para a consolidação de uma cidade criativa: uma alternativa para o município de Lençois, Bahia, Brasil**. VI Congresso Brasileiro de Administração. Disponível em: <http://www.convibra.com.br/artigo.asp?ev=21&id=4770>. Acesso em: 23 abr. 2019.

PEREIRA, Raul Isidoro. **O sentido da paisagem e a paisagem consentida: projetos participativos na produção do espaço livre público**. Tese de doutorado. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. 2006.

PORTAL G1. Disponível em: http://g1.globo.com. Acesso em: 30 jul. 2019.

PREFEITURA DA CIDADE DE BELO HORIZONTE. **Virada Cultural**. Disponível em: <https://prefeitura.pbh.gov.br/fundacao-municipal-de-cultura/festivais/viradacultural>. Acesso em: 31 mar. 2019.

PRÉ-PROJETO Zona Cultural da Praça da Estação. Espaço Cento e Quatro. Disponível em: https://preprojetozcpracadaestacao.wordpress.com/2015/06/30/8-espaco-centoequetro-espaco-104/ . Acesso em: 02 jul. 2019.

PROJECT FOR PUBLIC SPACE. **Reimagining our streets as places from transit routes to community roots**. Disponível em: <https://www.pps.org/article/reimagining-our-streets-as-places-from-transit-routes-to-community-roots> . Acesso em: 31 mar. 2019.

PROJECT FOR PUBLIC SPACE. **What makes a sucessful place?**. Disponível em: <https://www.pps.org/article/grplacefeat>. Acesso em: 31 mar. 2019.

RBB24. **U2 hält bis Oktober 2020 nicht am Potsdamer Platz**. Disponível em: <https://www.rbb24.de/wirtschaft/beitrag/2019/10/bauarbeiten-u-bahnhof-potsdamer-platz-berlin-bahnsteig-gesperrt.html>. Acesso em: 03 nov. 2019.

RED DE BIBLIOTECAS. **El Parque Biblioteca España se muda al barrio**. Disponível em: <https://reddebibliotecas.org.co/diario/el-parque-biblioteca-españa-se-muda-al-barrio>. Acesso em: 02 nov. 2019.

REIS, Ana Carla Fonseca. **Cidade criativas: análise de um conceito em formação e da pertinência de sua aplicação à cidade de São Paulo**. Tese de doutorado. USP, 2011.

REIS, A.C.F; KAGEYAMA, P. **Creative City Perspective**s. São Paulo, Garimpo de Soluções e Creative City Productions, 2009. 160p. Disponível em: <http://www.garimpodesolucoes.com.br>. Acesso em: 15 fev. 2019.

SELDIN, Claudia. **Da capital de cultura à cidade criativa: resistências a paradigmas urbanos sob a inspiração de Berlim**. Tese de doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2015.

SELDIN, Claudia. **A "cidade criativa" como um novo paradigma nas políticas urbano-culturais**. Seminário Internacional Políticas Culturais. Fundação Casa de Rui Barbosa, 2016. Disponível em: <https://www.passeidireto.com/arquivo/50780785/claudia-seldin-a-cidade-criativa-como-um-novo-paradigma-nas-politicas-urbano-culturais-the-creative-city-as-a-new-paradigm-in-urban-cultural-policies->. Acesso em: 23 abr.2019.

SEIXAS, J.; COSTA, P. Criatividade e Governança na Cidade Contemporânea. A conjugação de dois conceitos poliédricos e complementares. **Cadernos Metrópole**, vol. 13, núm. 25, janeiro-julho, 2011. P. 69-92. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil.

SMART GROWTH AMERICA. **Improving lives by improving communities**. Disponível em: <https://smartgrowthamerica.org>. Acesso em: 26 jul. 2019.

SOBRAL, Laura. **Doing it Together; cooperations tools for the city co-governance**. A cidade precisa de você. Berlin, 2018. Disponível em: <https://www.acidadeprecisa.org/doingittogetherbook>. Acesso em: 23 abr.2019.

TEIXEIRA, C.S.; ADÁN, C.; HUERTA, J. M.P.; GASPAR, J.V. Processo de revitalização urbana. Economia Criativa e Design. **Revista e-Logo**. V. 5. Nº 2. 2016: p. 37-56.

TREVISAN, Eveline Prado. **Transformação, Ritmo e Pulsação: o Baixo Centro de Belo Horizonte**. Dissertação. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Belo Horizonte. 2012.

UNCTAD – UNITED NATIONS CONFERENCE ON TRADE AND DEVELOPMENT. **Creative economy report 2010**. Creative economy: a feasible development option. U.N., 2010.

UNIVERSIDADE Federal de Minas Gerais. Centro Cultural da UFMG. Disponível em: http://www.ufmg.br/centrocultural. Acesso em: 02 jul. 2019.

VALENÇA, G.C.; SANTOS, E.M. - **A infraestrutura cicloviária e o conceito de ruas completas: lições da experiência de Toronto, Canadá**. In: 7º Congresso Luso Brasileiro para o Planejamento Urbano, Regional, Integrado e Sustentável. Macéio, Brasil. Outubro, 2016.

VAZ, Rita. **Os espaços públicos como lugares de apropriação informal: casos de estudo no Porto**. Dissertação de mestrado. Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto, 2015.

VELOSO, C.S.; ANDRADE, L.T. - Sapucaí Entertainment Hub and Comercial Gentrification in Belo Horizonte. **International Journal of the Sociology of Leisure** (2019) 2:43–61.

APÊNDICE A
QUESTIONÁRIO - EMPREENDIMENTOS DA RUA SAPUCAÍ

Nome da iniciativa:

Atividade Principal:

1. Qual o ano de fundação?
2. Qual o nome do responsável?
3. Quantas pessoas estão envolvidas na iniciativa?
4. Você considera o seu empreendimento como sendo criativo?
5. Qual foi o motivo de a Rua Sapucaí ter sido escolhida para funcionar o seu espaço?
6. Na sua opinião, as pessoas passaram a frequentar mais a Rua Sapucaí após a abertura do seu empreendimento e dos empreendimentos vizinhos?
7. O seu empreendimento se importava, achava-se responsável, pelas transformações que aconteceram na Rua Sapucaí? Se sim, porquê e quais transformações.
8. Você considera que antes dos novos empreendimentos começarem as atividades na rua Sapucaí, ela era uma rua de passagem apenas?
9. Na sua visão, qual foi a maior mudança que aconteceu na Rua Sapucaí após a implantação dos novos empreendimentos?
10. O seu empreendimento tem algum plano para mobilizar a solução de problemas da Rua Sapucaí junto à população do bairro?
11. Como você notou a mudança da Rua Sapucaí enquanto o seu espaço funciona aqui? O que você destaca de prós e contras dessas mudanças?
12. Como o seu espaço contribuiu para as mudanças da Rua Sapucaí?

APÊNDICE B
QUESTIONÁRIO PARA FREQUENTADORES DA RUA SAPUCAÍ

PARTE I

1. Você reside no bairro Floresta ou Centro?
A. Sim B. Não

2. Sexo
A. Feminino B. Masculino

3. Idade:
A. Menor que 18. B. 18-28 C. 29-39 D. 40-50 E. Acima de 50

4. Qual o seu grau de escolaridade?
A. Ensino Fundamental B. Ensino médio C. Curso superior D. Pós-graduação

5. Renda mensal:
A. 1 salário B. 2 salários C. 3 salários D. Maior que 4 salários.

PARTE II

Sobre os **acessos e ligações** da Rua Sapucaí com o Centro e o bairro Floresta, você avalia que:

1. Estão preparados para pessoas com alguma deficiência motora?
A. Muito preparado B. Preparado C. Pouco Preparado D. Nem um pouco preparado

2. Sobre a rede de transporte ao redor, como você avalia?
A. Ótima B. Boa C. Regular D. Ruim

3. Os estacionamentos para carros estão bem localizados?
A. Sim B. Não

4. A rua é vista a qualquer ponto de distância?
A. Sim B. Não

5. Os passeios estão bem desenhados e estruturados?
A. Sim B. Não

6. A rua é acessível com facilidade?
A. Muito acessível B. Acessível C. Pouco acessível D. Nem um pouco acessível

PARTE III

Sobre o **conforto e a imagem** da Rua Sapucaí, você avalia que:

1. Qual a impressão que a rua causa?
A. Ótima B. Boa C. Regular D. Ruim

2. Existem locais para sentar?
A. Sim B. Não.

3. A rua está limpa?
A. Sim B. Não.

4. Você nota se há responsável pela manutenção?
A. Sim B. Não.

5. Qual a sua impressão sobre a segurança da rua?
A. Muito segura B. Segura C. Pouco segura D. Nem um pouco segura

6. Você nota pessoas tirando fotografias?
A. Sim B. Não.

7. Os veículos ocupam mais espaços que o espaço dedicado aos pedestres?
A. Sim B. Não.

8. Há possibilidades de se proteger de chuva ou sol excessivo na Rua Sapucaí?
A.Sim B. Não

PARTE IV

Sobre o **uso e as atividades** da Rua Sapucaí, você avalia que:

1. Você nota pessoas utilizando a rua ou nota que a rua está sem uso (vazia)?
A. Muito usada B. Usada C. Pouco usada D. Vazia

2. Observe, há grupos de pessoas conversando?
A. Sim B. Não

3. Observe, neste momento estão acontecendo diferentes tipos de atividades, como: pessoas caminhando, comendo, relaxando?
A. Sim B. Não

4. Na sua opinião, há gestão do espaço?
A.Sim B. Não

PARTE IV

Sobre a **sociabilidade** da Rua Sapucaí, você avalia que:

1. Você escolheria este lugar para conhecer os seus amigos?
A. Sim B. Não

2. Há pessoas encontrando amigos?
   A. Sim B. Não

3. As pessoas estão em grupos ou conversando umas com as outras?
   A. Sim B. Não

4. As pessoas parecem se conhecer pelo rosto ou pelo nome?
   A. Sim B. Não

5. As pessoas trazem seus amigos e parentes para ver o lugar?
   A. Sim B. Não

6. As pessoas falam sobre a Rua Sapucaí com seus amigos e parentes com orgulho?
   A. Sim B. Não

7. Há mistura de idades ou grupos étnicos frequentando a rua?
   A. Muita mistura B. Misturado C. Pouco misturado D. Nem um pouco misturado

8. As pessoas tendem a pegar o lixo quando o veem?
   A. Sim B. Não

APÊNDICE C
TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTAS

Transcrição da Entrevista - Benfeitoria - Entrevista via Skype, 20 de maio de 2019.

Eu: Oi, eu sou Pollyana e sou mestranda em Engenharia Urbana. O meu mestrado é sobre o impacto que os empreendimentos criativos tiveram. Eu considero a Benfeitoria um empreendimento criativo, no espaço público da rua Sapucaí.

Benfeitoria: Seu mestrado é em Engenharia Urbana?

Eu: É.

Benfeitoria: Que doido. Você é formada em quê?

Eu: Engenharia Civil.

Benfeitoria: Ah, que doido, que massa.

Eu: Eu vivia na Benfeitoria, né? Então, eu vi muita coisa acontecer na Benfeitoria. Daí que surgiu a minha ideia para o mestrado. E, aí eu queria saber muitas coisas de você.

Benfeitoria: Pode me perguntar tudo.

Eu: Eu fiz algumas questões para não me esquecer de nada. Quando a Benfeitoria começou a funcionar?

Benfeitoria: Por volta de 2011 a 2012 funcionou a casa Benfeitoria, inicialmente eu não fazia parte da casa. Eu cheguei lá porque eu estava fazendo um curso – eu tinha um projeto muito semelhante – e conheci uma menina nesse curso que me apresentou a Benfeitoria enquanto casa, eu fui lá conhecer e eu aluguei uma sala. E aí, passei a fazer parte do Coletivo. Na verdade, quando eu cheguei lá, foi quando a gente começou a fazer mais as ações para o público, porque era muito focado no *coworking*, era mais espaço de trabalho da galera e de vez em quando a gente fazia o *happy hour* com os amigos. Aí, quando eu fui para lá a gente começou a fazer uns cursos, uns shows, uns cinemas e começou a dar uma movimentada; que foi o que fez a gente querer crescer: de ter uma programação fixa, de ter um espaço para conseguir reservar e alugar para as pessoas. E aí, a gente inaugurou a casa, o galpão, foi muito louco isso, em três meses resolvemos ampliar, achamos o espaço, fizemos o financiamento coletivo e inauguramos. A gente abriu o galpão em novembro de 2014, em 19 de novembro. O galpão funcionou mesmo quase 4 anos. Fechamos em 31 de agosto do ano passado (2018).

Eu: Eu tinha impressão que a Benfeitoria era "mais velha", 19 de novembro de 2014.

Benfeitoria: A gente assim, com a casa começou a fazer alguns eventos que começaram a aparecer. Mas, era muito restrito. Os eventos eram para 30 pessoas, os cursos eram para 6 pessoas. A gente fazia umas sessões de cinema para 12 pessoas que era o que a gente conseguia acomodar. Mas, o burburinho da Benfeitoria começou um pouco antes, era julho, na época da Copa que a gente lançou o financiamento coletivo. A gente deu sorte de ter uma mídia legal porque foi um dos primeiros projetos de financiamento coletivo que previa reforma de um espaço e não um livro, um projeto. Enfim, era um espaço mesmo que as pessoas poderiam usufruir. Então, deu uma repercussão bem legal. Até pelo espaço mesmo de ser ali na Sapucaí chamou a atenção das pessoas.

Eu: Você acha que por ser ali na Sapucaí que chamou a atenção das pessoas? Porque não tinha muita coisa na Sapucaí até a Benfeitoria, tinha a Salumeria que não é o mesmo público da Benfeitoria.

Benfeitoria: Não, mas o que eu acho que chamou a atenção foi que BH estava passando por aquele momento que para mim foi o ápice da efervescência cultural, baixo centro e tal. E então, chamou não por ser na Sapucaí, mas no baixo centro de certa maneira, né? Apesar de ali ser Floresta é muito próximo da praça da estação, da Aarão Reis.

Eu: Você acha que o que teve a ver foi muito esse movimento? Porque também o carnaval de Belo Horizonte estava ganhando força, tiveram os movimentos de ocupação da Praça da Estação.

Benfeitoria: Sim, com certeza. Eu acho que assim várias vezes quando as pessoas me procuram, eu já respondi sobre a Benfeitoria para outros projetos, nunca para um na área de engenharia e achei muito legal. Normalmente, é jornalismo e já teve um grupo de arquitetos também. Eu acho maravilhoso quando a galera vai fazendo porque eu confesso que eu não documentei nada. Arquivo de fotos eu tenho alguns, matérias eu não guardava nada. Então, assim, quando eu vejo a galera estudando eu penso assim – ai, que bom que vai ter alguma coisa documentada, porque eu fui péssima nisso. Eu não guardei jornal impresso e nem revista impressa. Nem o do fechamento que saiu no jornal *O Tempo*, nem esse eu guardei para você ter ideia.

Eu: Quem eram as pessoas envolvidas na Benfeitoria?

Benfeitoria: Agora no final era eu, Paula Campos e Henrique Cansado. Eles eram menos participativos, eu acabava ficando mais presente e isso foi uma das coisas que me fez decidir encerrar, porque eu estava bem saturada e não estava conseguindo fazer os dois: a Belotur, a Benfeitoria e meus outros projetos. Então, eu falei: eu preciso desistir de

alguma coisa. E lá já estava muito cansativo, ser uma pessoa só que pensava nas coisas estava difícil, a relação com eles no final já estava um pouco conflituosa. Aí, eu vi que estava um conjunto de muitas coisas para encerrar, e falei: vamos encerrar agora mesmo, tá lindo, foi massa. Mas, até respondendo a outra pergunta que você tinha feito, que é sobre o movimento. Todo mundo sempre me pergunta muito assim: "Ah, porque a Benfeitoria fez surgir o movimento na Rua Sapucaí?". Assim, acho que a gente ajudou muito, mas eu não acho que foi só a gente. Eu acho que o Márcio (Salumeria) arriscou muito de ir para lá tanto tempo atrás, apesar de ser um perfil de público diferente. Era uma rua muito inóspita – como todas as ruas abandonadas pelo poder público –, então você tinha uma questão de segurança, de pessoas em situação de rua, que também não foi resolvido porque essas pessoas acabam sendo só transferidas. Mas, se deve muito a esse movimento de como as pessoas estavam buscando interagir com a cidade, como as pessoas estavam procurando vivenciar a cidade. E aí, eu acho que a gente acabou juntando coisas muito legais, que era estar ali de certa maneira no centro numa rua de passagem, então a gente provocou a mudança das pessoas passarem naquela rua de maneira diferente, parar, olhar; e principalmente para mim, olhar a vista que a rua Sapucaí tem. Porque, assim, eu acho lindo esses mirantes que a gente vê a cidade inteira, de longe, do alto, mas a coisa que eu sempre amei na Sapucaí (eu morava ali no Floresta, na rua Itajubá) era porque a gente estava ali no meio dos prédios. Então, eu achava aquilo muito maravilhoso, como se a gente estivesse no meio do caos e ao mesmo tempo com um respiro muito bom, um pôr do sol muito bonito e o povo passava ali só para sair do metrô para pegar um ônibus, passar de carro fazendo a volta e não tinha nada que fizesse as pessoas ficarem ali, num tinha um banco, não tinha nada. Então, acho que foi uma junção de muitas coisas, muitos fatores contribuíram para esse sucesso assim.

Eu: Legal. A minha percepção no mestrado é totalmente essa. A minha entrevista é meio que para consolidar. Eu trabalhava no TJMG, que fica ali perto do 5º Batalhão. E era realmente isso, a rua não tinha valor nenhum, ninguém passava por lá.

Benfeitoria: É, e era isso assim. Era uma rua, primeiro que você não tinha nenhum movimento comercial, a não ser de tarde, que era a faculdade, tinha uma gráfica, uma lanchonete, posto de gasolina. E eu lembro que quando a gente começou a fazer a reforma tinha uma senhorinha que ia para lá todo dia com a cuidadora dela e uma cadeira de praia e ela sentava em algum ponto da Sapucaí e elas ficavam lá umas meia hora ou 40 minutos, ela tomava um solzinho, sabe? De tarde. E eu ficava chocada como um lugar daquele,

uma vista daquela, superacessível, no meio do centro. É um pouco da lógica que a gente vive hoje, assim: ou vive andando de cabeça para baixo olhando para o celular ou vive dentro dos carros reclamando do trânsito. E a gente não vê o que tá em volta. Eu tenho muito isso assim, eu estava em São Paulo nesse fim de semana. Eu vou para SP com muita frequência assim, eu adoro. E eu fiquei reparando exatamente isso. Como é que a gente mesmo em uma cidade que a gente vai muitas vezes, mas muitas vezes não é a cidade que a gente vive. A gente anda assim, né? Olhando para os prédios e achando tudo incrível, e tudo maravilhoso e tudo funciona. E quando a gente está nessa correria que a gente vive, a gente passa desapercebido por essas coisas, né? Muito louco isso, assim. Acho que a gente conseguiu buscar um pouco de resgatar as pessoas verem, olharem isso, perceberem com um pouco mais de sensibilidade talvez.

Eu: Você considera que a Benfeitoria é um empreendimento criativo?

Benfeitoria: Demais, eu amei que você chamou de empreendimento criativo e não de bar. A gente sempre se colocou como um espaço cultural, colaborativo e na verdade era um espaço que a gente não tinha muitas regras, não determinava muito o que poderia e o que não poderia acontecer lá. Mas, as limitações que a gente tinha, que a gente colocava, era do próprio espaço físico. Então, não adiantava eu querer colocar 300 pessoas lá dentro porque não cabia. Então, era muito mais focado nas atividades, na programação, os cursos, as exposições, as ocupações de artistas, os shows, o cinema, muito mais que o bar. O bar era uma espécie assim, o bar existia para atender a demanda das pessoas e não o bar era o lugar para as pessoas irem e encontrarem outras coisas. Então, ele sempre foi um projeto criativo, que precisava das pessoas para acontecer. Então, precisava das pessoas quererem ir, precisava das pessoas levarem as propostas delas, tanto que a nossa agenda era compartilhada assim: parte da programação a gente propunha porque eram as coisas que a gente acreditava, a gente queria fazer. E parte era da galera propor de querer usar o espaço. Então, a gente tentava não ter uma curadoria muito rígida. Até porque a gente entendia assim: as pessoas precisam de espaço para apresentarem os trabalhos delas e desenvolverem essa criatividade. Então, a gente não ficava muito: ai, não gostei disso. A gente pensava assim: se for minimamente bom vamos colocar porque deve ter público, vamos deixar as pessoas apresentarem as propostas. Por isso, o foco não era o bar. Não era atrair gente pro bar, era conseguir fazer com que as pessoas se interessassem pela programação que desenvolvia essa cadeia criativa de Belo Horizonte.

Eu: Teve algum motivo específico para vocês irem para a Rua Sapucaí ou foi porque vocês conseguiram o espaço lá?

Benfeitoria: A gente conseguiu o espaço lá.

Eu: Não foi nada pensado, não?

Benfeitoria: Não, a gente queria um espaço lá perto de onde era a casa, que ficava ali na R. Silvia Jardim, que era bem pertinho. E, inicialmente a gente queria que fosse uma casa maior, para que a gente conseguisse manter os escritórios e ampliar essa parte de uso comum da casa. E, foi muito louco, porque na verdade eu brinco que o galpão achou a gente. Porque foi muito rápido, na terça-feira a gente sentou para conversar isso, quando foi na quarta-feira a Paula foi fazer um trabalho de lambe, porque ela fazia pós-graduação na Guinard, e aí ela foi fazer lá perto. E começou a conversar com o dono do estacionamento perguntando o que era aquilo ali. Ele falou que estava fechado há um tempo e tal. Aí, ela abriu e me ligou, falou: "eu achei a Benfeitoria", aí foi meio que amor à primeira vista. Tudo casou, tudo deu certo. Em nenhum momento a gente pensou em procurar outro espaço. O parceiro, o dono do galpão, que era o Chico, foi super parceiro, topou, entrou com a gente, baixou o aluguel. Deu um tempo de carência, foi muito, muito parceiro. Então, sabe quando a energia se junta para o negócio dar certo? Foi exatamente isso, foi bem massa e foi muito rápido.

Eu: Ah, legal.

Benfeitoria: Mas, foi sem querer.

Eu: Você acha que as pessoas começaram a frequentar a Sapucaí depois que a Benfeitoria começou a funcionar, junto com os outros empreendimentos?

Benfeitoria: Ah, com certeza. A gente viu uma crescente de público e até as pessoas começarem a entender que ali era um ponto fim, assim, um objetivo. Igual as pessoas às vezes iam para a Savassi e dali descobriam o que fazer ou vão para o Santo Antônio e ali descobrem em qual bar parar, virou meio que uma rota, assim, um objetivo. Até, assim, durante muito tempo enquanto só tinha a Benfeitoria o povo ia para a Benfeitoria e a gente via que o público era um pouco menor. E, quando começaram a abrir os outros empreendimentos, esse movimento começou a melhorar também e é muito louco porque a sensação de segurança no espaço aumenta muito, porque você tem pessoas circulando, transitando e então o número de pessoas na rua dá essa sensação. E eu acho que um ponto fundamental foi também a realização do CURA, que é aquele festival das empenas. Então, começou a ter um movimento desde o início da Benfeitoria até o finalzinho e mesmo com

o CURA, o movimento de as pessoas não irem mais única e exclusivamente para os empreendimentos. Elas iam para a rua, para a mureta. Então, eu que morava ali pertinho, várias vezes que eu passava na porta da Benfeitoria no domingo que era o dia que a gente não abria e tinha gente no *parklet*, tomando uma cerveja porque tinha levado uma cerveja. Tomando vinho, vendo o pôr do sol. Eu mesma fui para lá algumas vezes no domingo à toa, ficar ali. O *parklet* deu muito isso também, assim. Essa sensação de ser um espaço onde as pessoas podem estacionar. A Sapucaí, por exemplo, é um dos maiores bolsões de estacionamento da região central, por causa das vagas em 45 graus. E você não tem um lugar para as pessoas pararem, tanto que a calçada vai afunilando, né? Lá do início para o final ela vai ficando mais estreita. Então, é quase como se fosse um lugar para pedestre não ir. E aí, de repente essas atividades começam a mostrar para as pessoas que elas devem estar ali na verdade. Elas precisam ocupar esses espaços. Então, uma das coisas que a gente conseguiu quando começou a ter esse movimento maior foi de diminuir a velocidade da rua, ela era de 60km/h.

Eu: Vocês que conseguiram? Vocês que pediram, que deram entrada na prefeitura?

Benfeitoria: A gente fez o pedido. A gente tinha feito um pedido também de quebra-mola, né, as lombadas e foi muito engraçado porque a gente recebeu um retorno da prefeitura falando que ali não tinha um número suficiente de acidentes que justificasse a colocação de um quebra-mola. E aí, eu fiquei tão puta com essa resposta que veio por e-mail que eu respondi assim: "Tudo bem, muito obrigada pelo retorno. E, só para eu ter como parâmetro, quantas pessoas vão precisar morrer para que agora a gente seja suficiente colocar um quebra-mola?". Porque não faz sentido eu remediar um negócio sendo que eu posso corrigir, mas foi engraçado até perceber assim que os próprios ônibus que passavam ali "no pau" começaram a reduzir porque sabiam que ali possivelmente tinham pessoas atravessando a rua ou ocupando o espaço da rua. Então, é bonito de ver como que as pessoas começam não necessariamente, institucionalizadamente, mas elas começam a se reorganizar na dinâmica delas, né? Então, a gente teve uns avanços bem interessantes nisso assim.

Eu: Me conta mais desses avanços, porque é ai que eu quero chegar. Exatamente isso, por que para mim a maior transformação na rua é feita pelas pessoas e foi feita meio organicamente.

Benfeitoria: É, não, isso é visível assim. Eu lembro que quando a gente abriu eu sonhei uma semana seguida que vinha um ônibus e atropelava todo mundo em frente a Benfeitoria, foi horrível. E aí, a gente insistentemente começou a fazer os pedidos na prefeitura. Teve uma vez que a gente começou a fazer umas ações com os motoristas de ônibus, porque ali tinha um ponto de ônibus quase em frente à Benfeitoria. A gente começou a distribuir um panfleto, entrava e distribuía panfletos, porque normalmente são os mesmos motoristas, né? E aí a gente falava: "Aqui agora funciona um bar, passa mais devagar porque normalmente tem gente na porta. Além do bar tem a faculdade, então aqui é um lugar que tem muito trânsito de pessoas". É, o próprio *parklet* quando as pessoas começaram a perceber que não tem vaga ali, gera uma curiosidade. As pessoas passam, perguntam o que é, a gente explica, explica como funciona o *parklet*. Quando inaugurou o *parklet* a gente fez uma ação de distribuição de uns flyers pela redondeza, tanto com o pessoal da faculdade, quanto com os moradores; mostrando que ali agora tinha um espaço que era para as pessoas ficarem, pedindo que os carros andassem mais devagar. É, o lance do quebra-mola a gente pediu muito, mas não conseguiu avançar. Mas, a gente fez um curso na Benfeitoria chamado *placemaking*.

Eu: Sim, eu fiz esse curso.

Benfeitoria: Então, aí teve um lance de fazer a plaquinha, de pintar devagar. Então, assim foram algumas ações. Eu acho que, assim, os próprios eventos que a gente fez na rua, como a intervenção que a gente fez na virada cultural que foi de gramar a rua, a rota junina da Sapucaí – que na verdade no primeiro ano a gente não fechou a rua, só fizemos as programações nos bares, só que a rua estava tomada de gente circulando, então foi uma coisa meio orgânica. No segundo ano a gente já conseguiu fechar a rua, fazer a liberação. No começo eu não trabalhava na prefeitura, né? A gente tinha uma resistência muito grande das pessoas quererem fechar aquele trecho da rua, por causa dos pontos de ônibus. Aí, a gente começou a batalhar. O que eu preciso fazer para fechar a rua? Cada hora eles falavam uma coisa, hora era o posto, hora era a faculdade. Aí, eu fui no posto, expliquei o que era o projeto, peguei o de acordo com o cara do posto. Fui na faculdade, peguei um de acordo com a reitora da faculdade. A reitora falou que se eu deixasse a garagem liberada até as duas horas da tarde, beleza. Fui, entreguei para a BHTrans, então assim não adianta, essas coisas são muito mudança de cultura, né? Elas acontecem muito devagar. Aí, da gente começar a mostrar que com essas ações as coisas podem funcionar, a gente não precisa trabalhar sempre no não, não dá, não tem como. Então, os avanços

para mim mais especificamente são muito nesse sentido assim: muitos avanços, por exemplo, no final assim da Benfeitoria a gente começou a ter muitas questões com ambulantes. Que lá no começo eu ficava meio puta com os ambulantes. E aí, quando você começa a entender também a realidade das pessoas, começa a observar. É, antes a gente tinha, sei lá, três ambulantes na porta, que eram ambulantes mesmo, sempre foram trabalhadores informais. Aí, você começa a ver uma mudança do perfil dessas pessoas, aí você começa a conversar. É gente que era garçom, é gente que era manicure, é gente que era babá e que tá sem emprego e um lugar que ela tem é no trabalho informal. Então, assim, aí no começo eu tinha uma batalha enorme travada com a fiscalização porque os ambulantes ocupavam a rua, aí vinha a fiscalização e reclamava com a gente como se a gente estivesse ocupando a rua. Aí vinha a polícia e reclamava com a gente, a guarda municipal e a BHTrans. Aí, eu ia na fiscalização e ela só respondia que eu tinha que fechar mais cedo. Aí, eu comecei a conversar com os ambulantes, falei: "*Brother*, não fica aqui na porta não. Não fica na rua, fica do outro lado, vem menos gente. Vai ser bom para mim, vai ser bom para você". E foi muito doido, porque assim, em uma conversa com o ambulante o problema já diminuiu muito, tanto que assim: eles que trocavam dinheiro para a gente, a gente que carregava as maquininhas de cartão deles. Começou a virar uma relação mais amigável, eles não ficavam do lado do meu passeio, eles não vinham mais em 30, vinham em 10. Conversei assim, mostrando que eles vindo em 30 eles estavam se atrapalhando também. E aí outra questão foi, a gente começou…como tinha muito ambulante acabava gerando muito mais lixo na rua. Então, o que a gente começou a fazer: a gente distribuía saco de lixo para os ambulantes na hora que a gente estava fechando. Falava com eles: a gente catou uma parte, vocês catam o resto. E eles catavam. Aí, a gente começou a fazer campanha depois com as pessoas, porque, né? A gente precisa assumir que nós seres humanos temos muito a evoluir. A galera jogava muita garrafa do outro lado da mureta, deixava em cima da mureta e tal. E a gente começou: gente, somos nós quem catamos o lixo, então, assim, traga o seu lixo de volta. A gente começou a fazer campanha nas redes sociais e fizemos até uma promoção de cerveja que era a cada 4 frascos de *long neck* que você trazia, a segunda você ganhava. E assim, tinha dias que a DJ falava, ela parava a música e falava: gente, agora todo mundo vai fazer um mutirão para recolher o lixo. Então, essas pequenas coisas faziam com que as pessoas começassem a perceber que: "poxa, você está em um espaço que quem faz o espaço é você, sabe assim, não tem…a gente nunca teve atendimento de mesa, porque a gente não entendia que

estava ali para servir ninguém. Cada um faz o seu, você quer sua cerveja, você vem buscar, você comeu, devolve o seu saquinho. A gente monta uma programação massa. Então, era meio nesse sentido assim de colaboração. Então, eu acho que esses foram os avanços mais legais que eu vi, de conversar com as pessoas e avanços que são passos de formiguinha às vezes.

Eu lembro, no dia que assim, teve o show da Alice Caymmi no ano passado que foi uma parceria com o Meca. E eu estava enlouquecida, amedrontada. Com medo de encher demais e a gente levar uma multa, porque eu estava com medo de ficar gente na rua, gente ser atropelada. Enfim, e aí a gente divulgou que era a Alice o evento bombou. E aí, depois que a gente divulgou que era a Alice, a gente fez uns cinco *posts* falando para a galera não ficar na rua, para a galera manter a rua limpa, para a galera valorizar o "corre", respeitar se a casa enchesse, fizemos vários *posts* falando disso. E, eu estava uma pilha de nervos nesse dia e surrealmente a rua estava vazia e a rua estava limpa. Porque a galera que não tinha conseguido entrar, sabia que se ela estivesse lá do outro lado da rua no *parklet*, ela conseguia ouvir e assistir ao show. Então, não tem problema, não estava cobrando a entrada, então fica aí e assiste o show e não deixa as garrafas na mureta e ficou limpo e ficou vazio. Os ônibus passaram e não teve nenhum problema esse dia. Então, você vê que dá mais trabalho de conversar com a galera, mas dá muito mais efeito.

Eu: Quais que foram as principais ações que vocês faziam para conversar com as pessoas? Redes sociais?

Benfeitoria: Redes sociais, e-mails, mensagens das redes sociais. Eu respondia todas, eu que respondia tudo, né? Então, eu não dava aquelas mensagens automáticas, prontas. Eu respondia, conversava. Eu gastava um tempo, conversando, explicando essas coisas. E lá no bairro, muito com o pessoal da associação. Eles tinham um jornalzinho, é, tinha lá alguns moradores que a partir de certo momento começaram a ser contra a gente, que amavam a gente no começo e passaram a odiar. Porque, bom, existe ainda muito preconceito no mundo, infelizmente. E, a gente não era um restaurante mais classe média alta, igual eram o resto dos outros estabelecimentos. Igual, quando a gente começou a dar uma bombada maior de ser um espaço muito acessível, é muito de diversidade. Tinha uma galera que ficava incomodada com preto, pobre, favelado, com gay, que era o público que a gente queria atender e queria estar junto. E era quem a gente acreditava. Então, a gente rompeu uma época com a associação de moradores, depois que eu fui em uma reunião e eu vi que… como é que é que a menina falou? Que nosso público era…não vou

lembrar a expressão… mas, assim, ela usou uma frase super pejorativa para falar que ali onde a gente estava só tinha vagabundo. É, então assim, eu sou super a favor de respeitar os limites de tudo. Mas, eu prefiro que respeitem os nossos também. Então, a gente mantinha, por exemplo, os horários de shows eram sempre até 22h, o DJ nunca passava de 00h, a gente fechava 1am. Então, assim: o tempo inteiro preocupado com som, preocupado com lixo, preocupado com o trânsito, preocupado com o volume que aquilo estava gerando. E assim, acho que você deve saber, a coisa mais fácil que existe no país hoje é subornar um agente público, um fiscal da prefeitura, um agente da BHTrans, da guarda municipal. Então, se a gente quisesse causar era muito fácil. A gente molhava a mão de alguém e fazia isso, a gente recebeu proposta inclusive de agentes da prefeitura. O cara falou para mim: "Você precisa me ajudar." e eu respondi: "Gato, eu não tenho como te ajudar. Eu vou te ajudar fazendo o seguinte: é até 22h, eu vou funcionar até 22h". Só que aí quando as pessoas extrapolam os limites, né? De dizer que ela mora ali e que precisa frequentar o bairro dela X, Y e Z e H não pode. Aí, eu falei: agora você está me ofendendo e ofendendo as pessoas que estão comigo. Então, a gente rompeu com eles nesse momento.

Eu: Isso foi mais ou menos quando?

Benfeitoria: Isso foi na época do CURA. Foi…

Eu: 2016, eu acho.

Benfeitoria: É, foi tipo por aí. Porque assim, o CURA deu… a gente vinha num movimento que era muito orgânico. E o CURA deu um *boom* que assim. Eu adoro o CURA, acho que ele foi um dos eventos mais legais que a cidade tem. Mas, eu tenho a mesma preocupação com ele que eu tenho com vários outros eventos de grande porte. Que são…, que é um pouco assim: do rastro que você deixa com o seu evento, é que é você fazer um evento extremamente desproporcional para o espaço que ele acontece. Obviamente vai mudar muito o comportamento das pessoas, só que às vezes não é de uma maneira que é tão orgânica, que você precisa ir construindo tijolinho por tijolinho para conseguir fazer as pessoas entenderem. Então, assim: eu amo o CURA, um dos eventos mais sensacionais da cidade. Mas, eu tenho esses receios com ele, em relação à proporção, ao tamanho, à quantidade de pessoas que levou. Que acaba saturando um pouco a rua. É, esse trabalho de construção que a gente vinha fazendo com as pessoas que frequentavam de limpar, a gente tinha uma relação muito boa com os outros estabelecimentos. Mesmo tendo cada um o seu público e o seu parâmetro. E aí, eu acho

que quando vem um evento de grande porte assim, normalmente ele já chega meio que atropelando as coisas, não dá tempo de você ensinar para as pessoas: deixa a rua limpa, faz isso, faz aquilo. Então, ônus e bônus, né? Mas, eu acho que assim, normal. Pode ser feito de maneira diferente, pode, acho que poderia ter um trabalho maior de sensibilização das pessoas. Que afinal de contas você está atraindo muita gente que não é dali daquela região. Então, quando as pessoas vão para o lugar que não é a casa delas, elas tendem a ser mais descuidadas. Então, eu acho que poderia ter um trabalho maior de sensibilização das pessoas no sentido de que, velho, a rua também é sua casa. Não adianta você reclamar da SLU se você joga guimba do seu cigarro no chão. Então, igual quando eu vejo o povo reclamando das enchentes que tem em BH. Ah, porque o prefeito não fez nada, ah, porque não sei o que. Tem um tanto de gente aí jogando lixo na rua como se fosse a coisa mais normal que existe. Assim, precisa ter um trabalho de formação das pessoas que era muito o que a gente tentava fazer. É, e quando a gente fazia as feirinhas, a gente distribuía uns *flyers* nas caixinhas de correio também. Principalmente chamando os moradores do bairro para virem, para frequentar. A gente tinha um milhão de ideias mirabolantes, só que a Benfeitoria era um espaço meio que auto sustentável. E não dava dinheiro para a gente, o dinheiro que a gente ganhava no bar, a gente reinvestia no espaço. Ora para comprar uma caixa de som, ora para trazer uma programação que a gente acreditava que tinha que ser gratuita. Então, tinham muitas ideias que ficaram engavetadas. Tinha umas ideias de fazer um café da manhã nos domingos com os moradores do bairro, que cada um trouxesse a sua comida e a gente fizesse como se fosse um grande piquenique. Que elas vão sendo inviabilizadas sendo por falta de gente, de dinheiro, ou por falta de apoio. Seja do poder público para fechar a rua para fazer uma ação dessa. Acho que existe muito espaço para fazer essas ideias fertilizarem, existe pouco apoio, existe pouca mentalidade que a gente pode fazer essas coisas ainda, sabe? Na verdade, o que eu fico pensando é que é sempre uma grande batalha, é uma grande luta assim de conseguir. Por exemplo, vou te dar um exemplo. Eu, quando estava dentro da prefeitura já – eu entrei para a prefeitura há dois anos – batalhei muito para a criação de um grupo intersetorial que pudesse discutir a Sapucaí e outras vias da cidade que têm esse caráter de bar de restaurante, de criatividade, que obviamente vão fazer com que as pessoas fiquem na rua. Eu queria a criação de um grupo interdisciplinar para pensar: será que a BHTrans não pode fechar essa rua no sábado de noite e só abrir no domingo de noite? Porque assim, fazer um retorno numa hora que não tem trânsito pode fazer em outro lugar. A SLU

colocar mais postos de lixeira, a guarda municipal para pensar em como cuidar da segurança das pessoas que estavam ali na rua. A SUDECAP para pensar em como manter a iluminação dos postes funcionando, porque toda semana eu era assaltada. A Belotur pensar em aquilo ali ser um ponto turístico da cidade, a cultura pensar em como a gente poderia fortalecer aquela cena. Isso nunca aconteceu, e olha que eu estava lá dentro. E aí eu lembro que no ano passado, o Malab (Aluizer Malab), que era o presidente da Belotur, estava lá e a gente estava fazendo uma discussão interna. E eu lembro que eu falei com ele uma hora assim, que chamaram ele para participar do CURA em uma mesa, aí eu falei: "Eu não acho que a gente tem que ir porque a gente não tem o que falar, que a gente não fez nada pela Sapucaí". Aí ele engrossou para cima de mim, e eu falei: "Malab, você me desculpa, velho. Eu estou te falando agora como sociedade civil. A prefeitura não fez absolutamente nada pela Sapucaí a não ser ajudar a matar os estabelecimentos. Porque a fiscalização só me falava que eu tinha que funcionar mais cedo, fechar antes do tempo, no carnaval eu não podia abrir, sendo que eu estava com o alvará em dia, tudo em dia. Então, assim vocês não me dão um incentivo para permanecer aberto. Ninguém deu nenhum incentivo". E aí, isso foi um batalha muito grande e hoje foi criado um projeto a exemplo do que eu queria criar, chamado horizontes criativos, foi criado dentro da secretaria de desenvolvimento que trata interdisciplinarmente de setores, espaços criativos que a cidade pode vir a desenvolver. O projeto piloto é o que está acontecendo no Lagoinha.

Eu: Ah, por isso que a Lagoinha está com atenção total agora.

Benfeitoria: É, então assim, porque você pensa: um monte de bar querendo ir para lá porque é legal, tá hippie e tal. Porque você tem uma situação de moradores de rua lá, de usuários de droga. E o que você faz, você pega aquele povo, tira eles daqui e bota eles ali e leva aquele problema para outro lugar. Não é nada muito diferente do que o Dória estava fazendo em São Paulo jogando bomba, só é menos violento. Então, existe um trabalho que está sendo construído que é primeiro a Secretaria de Serviços Sociais entender como é que pode fazer o trabalho com essas pessoas, da inserção dessas pessoas. Então, foi criado um Cersan, que é um centro de atendimento para mulheres que trabalham, usuárias de crack nesse lugar. Para pensar como é que pode ser feito aquele restauro daquele patrimônio e como os bares começarem a ir de fato sem espantar a população, de não criar uma especulação imobiliária. Então, pensar aquilo tudo de uma maneira mais inteligente. Não adianta a gente achar que é uma pasta que vai resolver o problema, não

é assim. Mas, são várias. Quando você cria um problema aqui tem uma solução em outro lugar. É uma das coisas que a gente queria para a Sapucaí, como eu queria que fossem criado para a Pium-í também, por mais que seja um público completamente diferente, não tem porque ficar fazendo juízo de valor do que aquelas pessoas consomem ou não, são pessoas que estão ocupando o espaço público. É, então, eu acho bom assim de ver. Eu não faço essa relação tão direta, mas eu acho bom de ver que essas pequenas mudanças vão acontecendo aos poucos, mesmo que seja aos poucos.

Eu: Qual que foi a maior mudança que aconteceu no espaço público da rua, na sua opinião?
Benfeitoria: A maior mudança eu acho que foi o *parklet*.

Eu: Porque vocês decidiram fazer o *parklet*?
Benfeitoria: Porque a gente queria que as pessoas tivessem mais espaço para ficar lá assim. Nunca a gente pensou de fazer a programação só para dentro, por isso que a porta era grande. Então, a gente queria que tivesse essa ligação com a rua. Queria que as pessoas parassem, que ficassem um tempo. Queria que as pessoas sentassem do lado de fora. É, eu fumo, né? Então, assim, eu queria um espaço para poder sentar, poder fumar. Às vezes, você não quer ficar dentro do galpão que está com o som ligado, quer conversar com um amigo mais fora. Então, o *parklet* foi muito no sentido de tentar fazer as pessoas entenderem que a Benfeitoria era além das quatro paredes do galpão estavam dizendo ali, né? E disso, de fazer as pessoas entenderem que a rua era o melhor lugar para estar. Se você tem um ponto de apoio ali, é excelente, mas a rua é o que há, onde as coisas acontecem, os encontros, as pessoas diferentes, então foi muito por causa disso.

Eu: Vocês fizeram uma intervenção "Qual Sapucaí é o seu sonho", como que foi?
Benfeitoria: Ah, isso foi o seguinte na Casa Cor de 2017. A Casa Cor foi para a Sapucaí em 2017 e eu tinha uma relação relativamente próxima com o pessoal da Casa Cor, porque eu já tinha trabalhado para eles. O Dudu frequentava a Benfeitoria, enfim. Eu fiz algumas tentativas de aproximação com eles para a gente propor uma programação paralela, na rua, já que a rua tinha tanta coisa. E o que eu tive foi uma grande série de negativas assim: "Ah, vamos conversar.", "Ah, depois a gente conversa", "Ah, vamos marcar.". Claramente, eles dizendo que não queriam aproximar o público da Casa Cor que paga

R$30mil num sofá com o nosso público. Tanto que eles fizeram algumas parcerias com alguns restaurantes que eram restaurantes mais chiques, tipo, Gruê e Salumeria. Fizeram uma ação na rua, que era o que a gente estava propondo de ter uma ação na rua. Só que eles fecharam a rua, gradearam. Então, só podia entrar quem estivesse na Casa Cor. Ah, um lance muito elitizado assim, saca? Aí, aquilo me incomodou muito profundamente. E a gente criou uma programação paralela, chamado Bruta Cor. Que era para discutir a cidade, então foram as seis semanas que aconteceram a Casa Cor. Então, cada semana a gente tinha um tópico diferente, a gente falou sobre crianças e a cidade, como o espaço público poderia ser mais receptivo para as crianças. A gente falou sobre cidade e produção cultural, a gente falou sobre ocupações urbanas. É…foram várias temáticas. A gente fez com a turma de arquitetura da UFMG e convidou uma série de pessoas: chamou o pessoal do Seu Vizinho, chamou o Pise a Grama, chamou o Micropolis, teve o pessoal das Muitas. Então, assim, foram várias coisas: hora era festa, hora era intervenção, hora era palestra, hora era exibição de filme. Tudo dentro dessa temática da ocupação do espaço público pelas pessoas e o que o espaço público provocava, o que essas mudanças provocavam. Então, a gente na verdade foi fazendo essa semana e uma das ações foi a feira que a gente fez na rua junto com o pessoal da…dia de feira. A gente fez com eles, eles fecharam a rua e a gente saiu distribuindo…Eu acho que até tenho isso, então a cada semana a gente foi colocando as coisas na parede, o que foi discutido, para as pessoas poderem interagir com aquilo. E uma das ações foi a feirinha que a gente fez na rua e a gente saiu distribuindo material para a galera escrever o que elas queriam que tivesse na Sapucaí, assim, qual seria a vida dos sonhos delas. Aí, uma das ações que a gente fez no final foi escrever tipo um resumo do que a gente tinha escrito e discutido e entregamos para a prefeitura. Como se fosse uma carta manifesto. Isso não é só o que a gente quer, mas é o que as pessoas querem também. É, nada aconteceu depois dessa carta.

Eu: Como você acha que a Benfeitoria contribuiu com as mudanças da Rua Sapucaí?
Benfeitoria: Eu acho que foi um pouco mais do que ter aberto, acho que muitos outros abriram, mas não tinham essa preocupação assim: dessa conversa, tinha um publico muito bem recortado, muito bem definido. É, mas eu acho que muito de um relacionamento, de uma troca com as pessoas. Então, as pessoas falam muito comigo assim: “você tinha que ter ganhado muito dinheiro com a Benfeitoria.” E eu falo: "que se tem uma coisa que eu sei fazer na minha vida é ganhar dinheiro". Então, assim, eu sei ganhar dinheiro. Se eu

quisesse ganhar dinheiro com a Benfeitoria eu teria ganhado muito dinheiro, mas não era o objetivo do espaço. Acho que, por isso, quando a gente fechou eu fechei numa tranquilidade muito grande que eu tinha contribuído com alguma coisa para a cidade, para as pessoas pensarem. Então, assim eu nunca vi uma repercussão tão calorosa e receptiva como quando a gente disse que ia fechar, nem quando o Baixo fechou. Porque o baixo era um público muito semelhante, mas era um bar. Então, assim eu tive bandas postando o tanto que a gente foi aberto. Eu tive gente que eu fiquei amiga que lançou livro lá, que falou que lá foi o único espaço que se abriu para eles, que era um livro de nu de homens. Então, a gente teve assim muito retorno, muita gente. Isso foi o que mais meu coração doía, cada vez que eu via alguém postando assim. E eu realmente via o tanto que a gente influenciou na vida das pessoas assim, de fazer as pessoas pensarem de uma maneira diferente. E, eu sempre penso isto assim: se continuarem existindo outros rolês parecidos, a gente valeu a pena o tempo que a gente existiu. Das casas se abrirem um pouco mais para entender que não existe nem casa nem artista, existe bora tentar fazer um rolê que não está dando certo para ninguém, fazer dar certo. As casas estão capengando, os artistas não têm espaço, então para de ditar regras, "ah, não, aqui na minha casa funciona desse jeito". Mano, você precisa do outro, tanto quanto o outro precisa de você. Então, acho que a gente contribuiu mais nesse modelo de pensar assim, de tentar resolver as coisas. Tinha muito isso assim, muita gente procurava a gente quando tinha dado pau em algum outro lugar. Ai, nossa! A casa acabou de desmarcar comigo. A gente falava assim: velho, peraí, bora dar um jeito. Não, porque já estou com gente vindo, com curso formado, a gente liga e vê se conseguia remarcar as coisas, e dava um jeito. E todo mundo falava isso, velho, vocês sempre dão um jeito. Porque o povo é muito rigoroso, não, não tem jeito, ou, não tem agenda. Mas, se você tiver 20 minutos para fazer uma ligação, talvez você consiga resolver. Então, essa sempre foi a nossa proposta. Eu lembro do Djalma que é uma banda que tem em BH, não sei se você conhece. Eles bombaram, chama: Djalma não entende de política e hoje eles formaram vários blocos de carnaval, hoje eles são uma galerinha mais famosinha, eles fizeram um *post* quando a gente fechou. Porque a ligação deles para mim foi exatamente esta assim: "ou, a gente acabou de lançar um EP e a gente queria tocar aí". Aí eu falei: "uai, demorou, bora achar uma data". Antes de ouvir o que eles tocavam, então assim, muito nesse lugar de tentar ajudar. Porque são artistas independentes e eu sei como é difícil. Então, a casa é o que tenho para oferecer, eu libero a casa para você tocar e a gente tenta fazer uma divulgação. Então, essa maneira que tem

de pensar assim que eu espero que tenha contribuído não necessariamente para a Sapucaí assim como tudo que vira moda no país e não só em Belo Horizonte, as coisas tendem a saturar muito rápido. Então o que eu vejo na Sapucaí hoje é que as casas que foram para lá depois da gente não aprenderam muito esse rolê, mesmo os espaços que eram mais culturais como o Mi Corazón, por exemplo. É… que é uma relação muito meio de parasita mesmo, saca? É, tanto que eu falava muito isso para a turma da rua que eu me dava bem: "Gente, ninguém vai viver se vocês não conseguirem se relacionar bem com o bairro. Restaurante novo vai pipocar o tempo inteiro na cidade só que se você mantém o seu público do bairro fiel, querendo vir, que vai vir a pé para jantar à noite, você está criando outra relação, de sustentabilidade para o seu negócio. E assim, eu não acho que todo mundo aprende isso, mas as pessoas que tiveram contato com a gente sejam músicos, sejam produtores, enfim, elas aprenderam isso de alguma maneira, saca? Eu fiquei amiga de muita gente, pessoas que eram donas de outras casas como o GUAJA por exemplo, que eu sempre falei isso para o Lucas: "Gato, porque você cobra pela sua internet?", oferece um serviço foda, as pessoas não irão vir porque tem internet, mas porque tem um serviço foda. Aí ele parou de cobrar pela internet no café. Então, assim, eu percebi que algumas coisas foram abrindo a cabeça das pessoas, saca? Eu acho que essa foi a maior contribuição assim, eu gostaria que tivesse deixado uma contribuição ainda mais forte para a Sapucaí, mas eu acho que nem tudo depende só da gente, né?

Eu: Eu fiquei muito feliz em fazer a entrevista com você, muito obrigada pela disponibilidade em ajudar na pesquisa.

Benfeitoria: Imagina, se precisar de mais alguma coisa.

Transcrição Entrevista - Sapucaí Botequim - Entrevista via Skype, 22 de maio de 2019.

Eu: Sou Pollyana e faço mestrado em engenharia urbana na UFRJ. Sou de Belo Horizonte e estou no Rio para fazer o mestrado, e minha área de pesquisa é a Rua Sapucaí. Eu pesquiso as mudanças que aconteceram na rua Sapucaí após a abertura dos novos empreendimentos. Eu elaborei algumas perguntas para direcionar a nossa entrevista. Qual a principal atividade do Sapucaí Botequim?

Sapucaí Botequim: É um bar e restaurante, a gente funciona na parte diurna e a gente tem os principais clientes da Vale, da Itambé. São as grandes empresas que têm de nossos

vizinhos aqui, a A&C e agora a Localiza que está no prédio da A&C e alguns conselhos regionais que tem aqui perto. E na parte da noite funciona como bar, nosso público geralmente são pessoas de 30 a 40 anos.

Eu: Que ano vocês abriram?

Sapucaí Botequim: Foi em 2017.

Eu: Quem são os responsáveis pelo bar?

Sapucaí Botequim: Rafael e Alfredo.

Eu: Você considera que o Botequim Sapucaí é um empreendimento criativo?

Sapucaí Botequim: Sim, eu considero.

Eu: Porque meu mestrado é sobre as mudanças que os empreendimentos criativos causaram na Rua Sapucaí. Teve algum motivo especial para vocês escolherem a Rua Sapucaí para funcionar?

Sapucaí Botequim: Olha, eu e meu sócio somos arquitetos e gente sempre entendeu essa retomada da parte central da cidade. Porque pelo menos a Rua Sapucaí ficou muito tempo fechada, o baixo centro às vezes a gente frequentava, e tinha a proximidade com a Praça da Estação. E economicamente é uma região dotada de infraestrutura. Então, a gente entende a retomada do centro que aos poucos foi tornando muito especial. Foi uma aposta, né? Que a gente chegou aqui: tinha o Gruê, a Benfeitoria, o Precatore. Aí isso começou a fazer a gente se interessar pela região, os eventos virem para cá também.

Eu: Você acha que após a abertura desses empreendimentos as pessoas passaram a frequentar mais a rua Sapucaí?

Sapucaí Botequim: Não diretamente, mas depois que a gente chegou teve um fluxo maior, começou a vir mais gente.

Eu: Na sua opinião, vocês se importam, acham-se responsáveis pelas mudanças que aconteceram na rua Sapucaí? Quais transformações e porquê?

Sapucaí Botequim: Sim, a gente veio de um outro estabelecimento que a gente tinha, um outro espaço mais voltado para a rua. Então, a gente tenta ter um respeito com a rua, tentando deixar nossos clientes mais dentro do estabelecimento. A rua é um direito de todos e a gente não deve entender isso como a extensão do bar. Eu acho que isso é uma das coisas mais importantes dessa questão de responsabilidade com a rua Sapucaí. Porque era muito fácil, muita gente querendo que a gente expandisse e transformasse a porta do bar. E a gente entende que o negócio é aqui dentro, o lixo que a gente produz é o que a gente recolhe dentro do estabelecimento, o banheiro também somos responsáveis pelo de

nosso estabelecimento, que a gente dá conta de atender também. É importante para a gente criar uma relação saudável.

Eu: Você considera que antes dos empreendimentos começarem a funcionar na rua Sapucaí ela era uma rua só de passagem?

Sapucaí Botequim: É, eu quando abri já tinham alguns restaurantes. Sempre existia uma vida, na verdade, só que bem menor. Era uma rua de passagem, mas onde eu funciono, por exemplo, era uma pizzaria super antiga, tem o motel aqui na rua do lado que também funciona há muitos anos. Mas, a rua tinha outra dinâmica que não a cultural, a cultural que veio diferenciar agora.

Eu: Você pode me falar sobre essa dinâmica cultural da rua?

Sapucaí Botequim: Hoje a gente tem um investimento a favor da cultura, cerveja de fabricação própria, produto artesanal. Aí a gente tem alguns eventos aqui na rua, de dois em dois meses tem um evento que fecha a rua, a festa junina, tem a Casa Cor. Existe esse plano de virar o museu ferroviário um casarão aqui perto, tem o instituto da Andrade Gutierrez, tem o CURA.

Eu: Teve alguns problemas na rua, como pessoas ocupando a rua e dificultando a passagem de ônibus e carros, aumento do lixo na rua, situações de violência, coisas que a população do bairro começou a reclamar. O seu empreendimento tem algum plano para conversar com a população do bairro sobre isso?

Sapucaí Botequim: Esses problemas já acabaram, né? A minha venda nem alterou com esses casos, porque não muda o tamanho do meu público quando a rua está cheia demais ou quando ela está vazia, muda mais o perfil do público. Mas, o que ficou muito preocupante para a gente foi essa questão da violência, dos arrastões, das brigas, do tráfico de drogas que estava muito na cara, não era uma coisa velada. Ficava atordoando a gente, aí isso começou a incomodar muito. A Associação de Moradores, a polícia estava muito preocupada, porque a gente tem uma unidade móvel aqui na esquina com a Av. Assis Chateubriand. E estava chegando em um momento de a tropa de choque ter que entrar na rua e não é bom para ninguém. Começamos a reunir a associação de moradores, a polícia, a Belotur, a guarda municipal para ver como que a gente podia resolver, melhorar esse espaço. Porque isso sempre foi uma preocupação de todos os comerciantes daqui da rua. Porque tinha o comércio ilegal, em forma de ambulantes, e quem trouxe esses problemas foi o comércio ilegal, querer transformar a rua, o espaço público, em um comércio. Aí, a coisa saiu um pouco do controle. Então, a gente começou a fazer combinados com a

prefeitura, polícia, guarda municipal de fechar mais cedo. A maioria dos restaurantes fechava meia-noite, uma hora, a gente estendia até as duas horas. E a gente combinou de fechar todo mundo junto uma hora da manhã para evitar que ficasse alguém na porta do estabelecimento. E a questão de som para a rua, das caixas de som serem voltadas para a rua, tiveram que ser voltadas para dentro para não estimular o uso, de pessoas ficarem consumindo na porta porque tem música e o bar mesmo, que era para ter gente, não ter ninguém. Tiveram algumas ações do conselho tutelar também, que tinham muitos menores de idade. Uma presença mais constante da guarda-municipal. Eu sei que teve um cenário de guerra, do jeito que as pessoas estavam criando a relação com o espaço. Estava um lugar meio de ninguém.

Eu: Você acha que isso aconteceu porque o perfil econômico do público modificou?

Sapucaí Botequim: Eu acho que foi mais uma questão do ambiente mesmo que do perfil, eu acho que o mesmo perfil que frequenta os bares continuou a frequentar. O negócio é que começou a ter gente demais e aí começou a criar um ambiente mais permissivo, de drogas, de álcool para menor e a rua ficava tomada pelas pessoas e aí foi meio que misturando. Muita gente super tranquila dançando a noite toda de boa, mas misturado com muita gente que veio para assaltar, playboy que veio para brigar.

Eu: Em relação à rua, você notou mudança em relação ao uso desde que seu espaço funciona aí?

Sapucaí Botequim: Não, acho que na questão noturna sim, as pessoas usam muito mais a rua. Diariamente não, as pessoas usam quando vão ao centro, tem o estacionamento rotativo aqui na rua. E na parte noturna a gente vê que tem mais tranquilidade de andar na rua, ou de ficar na muretinha namorando ou na porta do bar ou sozinho escutando música.

Eu: Qual o horário de maior movimento da rua, de pedestre?

Sapucaí Botequim: Sexta e sábado à noite. Das 20h até 00h.

Eu: Obrigada, eu fico feliz de você ter ajudado na pesquisa do meu metrado.

Transcrição Entrevista - Mi Corazón - Entrevista via Skype, 06 de junho de 2019.

Eu: Prazer, sou Pollyana. Apesar de ser de Belo Horizonte, eu faço mestrado em Engenharia Urbana na UFRJ e meu mestrado o tema é a mudança que teve na rua Sapucaí

após a abertura dos empreendimentos, com o foco principal em empreendimentos de economia criativa. Quem gere o bar?

Mi Corazón: Sou eu.

Eu: A ideia do bar também foi sua?

Mi Corazón: Sim.

Eu: Por quê você abriu o bar na Sapucaí?

Mi Corazón: Eu sempre tive um carinho pela rua, eu tinha uma namorada que morava no Floresta e eu sempre passava por aqui. Eu moro razoavelmente perto, e eu sempre tive esse carinho muito grande com a rua em si de uma época que não tinha nada, você andava e dava medo, era isolada. E junto a isso, a gente (eu e ela) falava aqui dá para ter um fluxo de bares legal. E aí eu segui outro caminho, sou publicitário e DJ, deixei de lado. Quando começou a chegar o burburinho, tem bar X e bar Y, até que apareceu um bar lá na frente chamado Benfeitoria que foi um marco à base dessa economia criativa e para o espaço da rua Sapucaí em si. Três anos se passaram, eu tive aqui um dia discotecando em um evento e vi uma placa de aluga-se, era a casa de um senhor. Eu tenho um amor muito grande pela rua, acho que ela tem um cunho cultural, turístico nenhum visto em Belo Horizonte e foi essa possibilidade que me trouxe para cá, o gosto, o prazer do espaço em si. E acho que o Mi Corazón não daria certo, no começo, como ele cresceu, a história dele, a viagem que ele tem, a influência, a referência que tem para montá-lo, não daria certo em outro lugar.

Eu: Na sua opinião, desde que o Mi Corazón abriu que mudanças ele trouxe para o espaço público – a rua Sapucaí?

Mi Corazón: Nossa, muita. Tinha até então a Benfeitoria que era lá na ponta, essa rua (não sei se a palavra é essa que usa) era morta. Você conheceu aqui?

Eu: Sim.

Mi Corazón: Tinha nada e a gente chegou. O Mi Corazón tem uma influência, uma referência ao circo voador do Rio quando era no Arpoador, que era o comecinho de tudo, essa foi a minha referência para montar o bar. E a gente chegou e foi uma explosão, um circo mesmo assim, trouxemos o movimento para cá, um movimento não só de gente, pessoas do bairro que são clientes, mas trouxemos pessoas de todos os cantos da cidade e de fora da cidade. A gente chegou a criar em um curto prazo uma referência do bar ser um espaço para encontrar a galera, a moçada. E isso trouxe coisas muito boas, lógico, e coisas não tão boas assim. Transtorno com o trânsito, eu tive muito problema, a rua chegou a ficar inabitável e como é que eu ia jogar spray de pimenta e falar “sai daí, gente”,

jamais. Não tinha como eu fazer isso e a rua foi tomando proporções que não dava para dar continuidade àquilo. E caiu um pouco em cima de mim, eu fui culpado de ter trago essa moçada. Aí, teve problemas com ambulantes, acho que é uma falta de diálogo né? Abriu um espaço corriqueiro para as pessoas trabalharem e era questão de diálogo com as autoridades e em meio a tudo isso culminou com outros olhares para a rua. Você é a quarta pessoa que me entrevista e trouxe um outro olhar, há um barulho acontecendo aí. É, problema com morador, tivemos muito. Mas, eu sempre fui muito transparente; gosto de chamar a pessoa para conversar e mostrar meu lado. Aí, eu tomei a iniciativa junto a outros bares, autoridades como prefeitura e polícia militar que sempre nos apoiou muito no meu caso, guarda-municipal e BHTrans. Chegamos a um patamar de: vamos conversar, vamos elaborar um plano efetivo e afetivo para a rua, não é chegar com spray, com bomba para tirar as pessoas da rua, jamais.

Eu: Como vocês elaboraram esse plano?

Mi Corazón: As autoridades chamaram e falaram: "olha, está acontecendo isso e a gente precisa de uma solução que está inviável. Tanto para nós, quanto para vocês e os moradores." Aí, criaram operações, por exemplo, de trânsito, no final de semana deslocar o trânsito mais para a Av. Assis Chateubriand, eu não sei como eles fizeram lá dentro, internamente. A operação deles eles não falaram para a gente. Mas, essas operações mostraram que não é o bar o culpado pelo fluxo de gente, o contexto inserido em uma realidade que é hoje, mas uma rua maravilhosa. Aí, aconteceu que o bar teve problema na parte elétrica e ficamos fechados dez dias, a rua ficou cheia do mesmo jeito, então o problema não era o bar. É um atrativo ficar ali na mureta, se eu não tivesse o bar eu estaria lá agora, tomando um chopp ou meu refrigerante, que é bem legal essa parte. O mais confuso e o mais desafiador disso era manter e levar isso além, não ser só um espaço modinha e isso aqui está perpetuando.

Eu: Tem quanto tempo que vocês abriram?

Mi Corazón: Vai fazer dois anos agora.

Eu: Nesses dois anos mudou muito a frequência da rua pelas pessoas? Você acha que as pessoas começaram a frequentar mais recente?

Mi Corazón: Mudou, mudou muito. Abriram mais 6 bares depois que o Mi Corazón abriu. E tem aquele público fiel, né? Eu brinco que o Mi Corazón tem aquele público fiel que estando bem ou estando mal está aqui.

Eu: São moradores do bairro ou nem sempre?

Mi Corazón: Na maioria não, morador do bairro que frequenta aqui é entre 25 a 30%, 70% que vem de fora. Mudou, mudou bastante e é bom essa mudança que a gente muda junto com eles. Vamos passar uma reforma agora em Agosto que vamos ficar fechados, vamos emendar, abrir tudo e vai mudar tudo de novo.

Eu: Eu fiquei sabendo que na época que eu já não morava aqui tiveram umas confusões na rua.

Mi Corazón: Nossa, teve várias.

Eu: Você pode contar um pouco sobre elas?

Mi Corazón: Foram três gigantes, e era sempre…isso é interessante para o seu mestrado. Eram confusões muito ligadas ao tráfego urbano, excesso de pessoas, bebidas, carro querendo passar e não passava. E aí, um dia desceu do carro um cara, um dia teve a intervenção da guarda municipal, nesse dia eu não estava aqui, mas aconteceu alguma coisa com a guarda municipal e transeuntes e ambulantes que foi um quebra pau generalizado, teve garrafada e tudo, teve uma resistência. E teve um problema também que começou a vir grupinhos, mais para a frente ali na porta de um prédio residencial e dançava. Um vínculo cultural que as pessoas têm hoje em dia e isso incomodou um certo tipo de gente, que chamou pela intervenção das autoridades e houve a resistência. Foi punkão esse dia, esse dia eu vi. Confusão nunca é legal, né? Seria tão bom, tão legal se a rua, se os bares estivessem sempre em harmonia entre quem está lá fora e quem está aqui dentro. Confusão causa retração de público, nós passamos por isso agora e está difícil de voltar.

Eu: Após essas confusões a rua está mais vazia?

Mi Corazón: Está, 70% mais vazia. Era o interesse das autoridades fazer isso. Nessas reuniões que eu te falei eles queriam isso, mas foi demais.

Eu: Mas, eu notei que o movimento diminuiu assim.

Mi Corazón: Falta uma coisa muito interessante e uma coisa que eu quero muito, eu como Mi Corazón desejo, almejo que eu sozinho não estou conseguindo. A rua também já deu, não é mais…por mais que seja a nossa praia linda. Esses dias tinha um canadense aqui, e ele me mostrou Veneza, Berlim, viu os Arcos da Lapa, você tem tudo aqui. É para mim a vista mais bonita da cidade, do Brasil, sem dúvida nenhuma e a vista por si só ela cansa. Você falou de economia criativa, sou doido para ter feiras aqui que não só os bares ganhem, usufruem com isso, mas a população local também, os moradores também exponham. Os produtos do bar são comida e bebida, os deles pode ser artesanato,

vestuário, o que for. Mas, olha que legal: essa rua tem o acesso tranquilo, ainda mais esse quarteirão que não tem garagem, que se quiser fechar ele é possível desviar o trânsito por cima. Falta vontade, interesse. Eu tive essa impressão, que agora nesses dois anos que estou aqui depois de tiro, porrada e bomba que aconteceu que certa camada começou a olhar e a ver a Sapucaí. Até então eles estavam de olho era em Lourdes, não desmerecendo nem um nem outro, e nem merecendo.

Eu: Como acontece essa conversa Mi Corazón com moradores do bairro ou não, há essa conversa?

Mi Corazón: Existe, no começo foi estranho, todo mundo estranhou: que inferno foi aquele que abriu ali. Depois que as pessoas entenderam a história, hoje os moradores que frequentam aqui apoiam o bar. Foram duas coisas legais: uma senhora me parou um dia e me perguntou se eu era o dono daquele bar e eu respondi que sim, com um medo danado. E ela disse: depois que o seu bar abriu eu durmo despreocupada. Eu pensei: será que ela vai lá beber e chega para dormir? E, lógico, que eu não falei nada. Aí ela, sabe porque? A minha filha trabalha na FIAT e ela descia aqui onze horas da noite e tinha que ficar eu e meu marido esperando ela chegar e hoje com seu bar aqui tem vida, tem gente, ela sobe tranquila.

Eu: Você acha que depois que os bares abriram a rua tem muito mais vida?

Mi Corazón: Muito mais, era um velório.

Eu: Me conta sobre quando você frequentava a rua aqui antes desse movimento de bares.

Mi Corazón: O quarteirão que eu estou inserido era triste e melancólico. Juro! Não tinha assim, apareceram os restaurantes, mas era aquela coisa sem graça, as pessoas sentadas na mesa, aquela coisinha horrível. Não tinha vida, o rapaz que fez o grafite do elefante aqui, ele trabalha de dia e durante cinco dias ele ficava aqui de noite fazendo o grafite. Ele me ligou duas vezes e perguntou:

- "Você está usando drogas?"
- "Ahn?".
- "Você vai abrir um bar aqui mesmo?"
- Por quê, Lucas?
- O lugar é morto, parece faroeste, você não vê ninguém na rua. Eu estou com medo, tranquei a porta aqui.

Era isso, isso era em 2017.

Eu: Já tinha um movimento, mas era da Benfeitoria na outra ponta da rua.

Mi Corazón: Aí lá já acontecia o que hoje acontece aqui.

Eu: E hoje o movimento concentra-se aqui. Uma outra pergunta: você considera o Mi Corazón um empreendimento criativo?

Mi Corazón: Queria que fosse mais, a gente está trabalhando para isso. Nessa nova reforma que vai ter, repaginada. Eu não quero que seja só quebrar parede, pintar e colocar mobília nova. Eu quero que seja uma coisa que movimente a economia criativa, de uma forma que seja não só criativa, mas que tenha uma sinergia de ser um empreendimento que busca novas opções, inovações de venda. Não só de bebidas, que é meu produto em si, a gente pode vender conceitos e ideias. Eu estou conversando muito com o pessoal que trabalha com malhas feitas de garrafa pet e aí essa malharia vir com as histórias do bar e isso é bem legal.

Eu: Muito obrigada pela colaboração com meu mestrado.

Transcrição Entrevista - Salumeria Central - Entrevista via telefone, 07 de junho de 2019.

Eu: Eu sou Pollyana e sou engenheira civil e eu faço mestrado em engenharia urbana na UFRJ. Eu sou de Belo Horizonte e a ideia do meu mestrado é a mudança que teve na rua Sapucaí desde que os novos empreendimentos se instalaram na rua. A Salumeria é o primeiro empreendimento que foi para a rua, né?

Salumeria Central: O seu mestrado é sobre a rua Sapucaí?

Eu: É, especificamente sobre a rua Sapucaí. Na verdade, eu abordo a transformação no espaço público. Só que a minha hipótese é que a ocupação da rua pelas pessoas foi por causa dos empreendimentos que se instalaram lá.

Salumeria Central: Entendi, legal. A Salumeria foi o primeiro assim, já tinha outros bares. Mas, nenhum abria à noite, à noite a rua era muito deserta e de dia era esse movimento mais do dia mesmo, de comida. Não tinha essa coisa da rua para o lazer, era uma coisa da rua para o dia a dia, os empreendimentos que existiam ali eram em função desse trabalho do dia a dia. Acho que a gente foi o primeiro que abriu com esse outro viés. Quando a gente estava fazendo a obra para abrir, a gente parava nosso carro na rua, por exemplo, à noite e não tinha nenhum carro. A gente ficava até com medo, era um

deserto completo. E aí quando a gente abriu a gente ficou um tempinho sendo o único da rua.

Eu: Por qual motivo vocês escolheram a rua Sapucaí para abrir a Salumeria?

Salumeria Central: Já existia o movimento de retomada do centro, principalmente aquela região do baixo centro, na época tinha o Nelson Bordelo, o Teatro Espanca, então o centro já era um foco. Frequentando esses lugares, a gente queria abrir um bar e a gente viu esse ponto como um lugar legal para abrir o bar. Por causa desse movimento de retomada do centro e também por causa desse perfil que hoje todo mundo conhece: uma rua com uma vista bonita, um por do sol bonito.

Eu: Havia uma relação afetiva com a rua anteriormente?

Salumeria Central: Não.

Eu: Quantas pessoas estão envolvidas na Salumeria?

Salumeria Central: Hoje, somos dois sócios. Eu e o Éder.

Eu: Na sua opinião, as pessoas passaram a frequentar mais a rua Sapucaí depois que abriu Salumeria, Benfeitoria e os outros empreendimentos?

Salumeria Central: Sem dúvida elas passaram a frequentar mais a rua depois que a gente abriu. Eu não sei se foi porque a gente abriu. Mas, sem dúvida nenhuma passou a frequentar mais depois que a gente abriu.

Eu: O seu empreendimento acha-se responsável pelas transformações que aconteceram na rua?

Salumeria Central: Muito, porque todas as transformações influenciam a gente muito e a gente também influenciou as transformações. Não sei se você sabe, além do restaurante a gente faz uns eventos na rua, a gente fecha o quarteirão desde 2014 e faz alguns eventos. No total a gente já deve ter feito uns vinte eventos de fechar a rua desde que a Salumeria abriu. Inclusive é um lugar que a gente escolheu e quer ocupar assim, quer que seja um ponto de conexão com a cidade.

Eu: Vocês têm relação com os moradores do bairro?

Salumeria Central: Sim. A Sapucaí… não sei se você está abordando isso, se presenciou isso…teve um aumento de movimento gradativo e no ano passado teve um aumento gigantesco. E nesse boom a gente teve problemas gigantescos, os estabelecimentos e moradores: barulho, xixi na rua, roubo e tanta gente na rua a ponto de fechar a rua e não passar carro. Esses foram os problemas que a gente teve. Nesse momento, os moradores e os estabelecimentos se uniram para dialogar e entender como poderia conviver melhor.

Então, a gente já tinha umas conversas muito pontuais com os moradores e então nesse momento a gente teve essa conversa mais temática.

Eu: E aí, tiveram algumas decisões de vocês fecharem todos os empreendimentos a uma hora da manhã.

Salumeria Central: Sim, exato. Foi um acordo, não foi nada imposto. A gente conversou para que pudéssemos ter uma rua saudável para todo mundo, os moradores, os estabelecimentos e os visitantes.

Eu: Você considera que antes da Salumeria começar o movimento na rua Sapucaí, ela era apenas de passagem? Ou ela tinha movimento apenas no horário comercial?

Salumeria Central: Ela tinha muito mais movimento no horário comercial. À noite era um deserto, não sei dizer se era uma rua de passagem.

Eu: Na sua opinião, quais foram as mudanças que aconteceram na rua Sapucaí desde que chegou a Salumeria?

Salumeria Central: É, cara, eu não sei exatamente o que faz o movimento acontecer. Mas, a partir do momento que começou a ter coisas abertas à noite, as pessoas começam a frequentar, enxergar o lugar, ver que é tranquilo de ir e essa mudança começa a acontecer. Eu acho que foi um pouco isso assim, a partir desse momento que o movimento inicia, ele vai crescendo meio que naturalmente.

Eu: Qual o ano que você acha que o movimento começou a aumentar?

Salumeria Central: Olha, o ano que mais bombou foi 2017 e 2018, que encheu muito e inclusive gerou esses problemas que eu te falei. É, mas acho que os motivos para esse aumento são gradativos, não é de uma hora para outra, isso foi quando a coisa se concretizou, mas ela vem sendo construída desde que a gente abriu.

Eu: De alguma forma vocês têm planos, conversam com a população para mobilizar as soluções desses problemas constantemente, ou foi só quando a situação da rua agravou?

Salumeria Central: Planos a gente tinha desde sempre, desde o início a gente quando começou a frequentar mais a rua, o restaurante abriu e etc., a gente começou a identificar vários problemas e ficamos pensando em soluções. Algumas a gente tentou fazer, acho que os eventos na verdade é o nosso jeito de conseguir contribuir com isso, porque são eventos organizados, nos quais a gente traz um movimento, uma energia com muita organização e depois limpeza e etc, foi a nossa forma de fazer isso. Inclusive no último evento a gente tentou trazer mais essa ideia da gentileza com a rua, da limpeza com a rua, cuidado com a rua, com o patrimônio, que a gente está falando de um patrimônio. Então,

para a gente isso é uma questão constante e importante. Eu não sei se você sabe também, mas eu e o Éder a gente vem do mundo da cultura, mais do que da gastronomia, a gente trabalha com audiovisual, o Éder é artista e eu sou produtor. Então, a gente entende que a sobrevivência da rua e da Salumeria depende desse cuidado, então isso para a gente é uma preocupação constante. Na hora do problema, claro que a gente intensifica, mas é uma preocupação constante.

Eu: Quais mudanças você notou na rua desde que a Salumeria funciona?

Salumeria Central: Ela começou a ser ocupada de várias formas diferentes. Começou a ser ocupada pelas pessoas da cidade de uma forma livre, pessoas que vão para sentar no balaústre e ver o pôr do sol. Pelos bares, por outras pessoas que vão para frequentar esses bares, começou a ser ocupada por espaços culturais, teve a Casa Cor durante dois anos seguidos, estão fazendo o Museu Ferroviário, o centro cultural da Angela Gutierrez, a Casa Sapucaí que também tem essa ligação com a cultura. É, então, ela teve esses vários tipos de ocupação ligados ao convívio da cidade mesmo, ligados à gastronomia, à cultura e ao patrimônio.

Eu: Como que você acha que a Salumeria contribuiu com essas mudanças?

Salumeria Central: Eu acho que tem uma coisa de todo mundo falar que a Salumeria foi o primeiro que começou o movimento, mas na verdade a gente potencializou um movimento que existia. Eu acho que a importância da Salumeria foi de gatilho, de *start* e hoje a importância dela é de ser matriarca da rua, quem está lá há mais tempo que ajuda a conversar, que faz os eventos e etc. Mas, acho que tem uma coisa muito forte e interessante na rua que é de integração entre os bares. Todo mundo conversa muito, reune, discute as coisas juntos, já fizemos eventos juntos. Mesmo quando é a Salumeria que faz os eventos convida os vizinhos. Então, isso é a importância da Salumeria e de todo mundo que está trabalhando junto.

Eu: Muito obrigada! Agradeço você disponibilizar o seu tempo.